

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PGLetras

LUCIANA MOREIRA DE ARAUJO

**UM ESTUDO DAS METÁFORAS NO LÉXICO DO CARANGUEJO NO
MARANHÃO: SÃO LUÍS E ARAIOSES**

SÃO LUÍS

2017

LUCIANA MOREIRA DE ARAUJO

**UM ESTUDO DAS METÁFORAS NO LÉXICO DO CARANGUEJO NO MARANHÃO:
SÃO LUÍS E ARAIOSES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Descrição e Análise do Português Brasileiro.

Orientador: Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra

SÃO LUÍS

2017

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

MOREIRA DE ARAUJO, LUCIANA.

UM ESTUDO DAS METÁFORAS NO LÉXICO DO CARANGUEJO NO
MARANHÃO : SÃO LUÍS E ARAIOSES / LUCIANA MOREIRA DE
ARAUJO. - 2017.

177 f.

Orientador(a): JOSÉ DE RIBAMAR MENDES BEZERRA.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,
2017.

1. CARANGUEJO. 2. MARANHÃO. 3. METÁFORA. I. MENDES
BEZERRA, JOSÉ DE RIBAMAR. II. Título.

**UM ESTUDO DAS METÁFORAS NO LÉXICO DO CARANGUEJO NO
MARANHÃO: SÃO LUÍS E ARAIOSES**

LUCIANA MOREIRA DE ARAUJO

Banca Examinadora

Membros Titulares

Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra

Orientador/Presidente

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Profa. Dra. Gladis Maria de Barcellos Almeida

Examinador Externo

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos

Examinador Interno

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Membro Suplente

Profa. Dra. Conceição de Maria de Araujo Ramos

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

São Luís, 25 de abril de 2017

Nós não somos do século de inventar palavras. As palavras já foram inventadas. Nós somos do século de inventar outra vez as palavras que já foram inventadas. (Almada Negueiros)

AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai de infinita misericórdia, amigo fiel e doce hóspede da alma, por trilhar comigo esse caminho e por estar tão perto de mim, em todos os momentos: do meu levantar ao meu deitar. Sem Ele, os meus passos não se estenderiam até aqui.

A meu esposo, Fabio Araujo, por realizar comigo uma grande parceria em mais esse ciclo da minha vida, por compreender todas as minhas necessidades decorrentes do Mestrado e por ser meu porto seguro em todos os momentos.

A meu pai, Dionísio Moreira, pelo incentivo; a minha mãe, Benedita Moreira, por sempre me estender as mãos nos momentos mais difíceis dessa jornada, e a minhas irmãs, Ana Rosa e Benedita Lucia, pelas palavras sábias e incentivadoras.

A Sebastião Araujo e família, por todo suporte, por toda torcida, por todo afeto, enfim, por estarem comigo sempre.

A José Américo da Costa Barroqueiro, grande amigo que ganhei nessa vida, pela generosidade de me ensinar tantas lições de vida e por ter me apoiado integralmente, também, nessa empreitada.

A Cleide Oliveira, amiga e parceira diária, por ter me ajudado tanto nessa jornada. Pelo afeto e pelo integral apoio, toda minha gratidão.

A meu amigo e sobrinho Vitor Freire, pelas valiosas contribuições que generosamente me concedeu no âmbito da língua inglesa durante a consecução deste trabalho.

A colegas do Mestrado e do Projeto ALiMA, pelo respeito, pela alegria, pelo carinho e por gestos simples que para mim se tornaram grandiosos nesse ciclo da vida.

Ao Prof. Msc. Luís Henrique Serra, pela grande ajuda nas minhas reflexões sobre este trabalho, dando-me sempre muito de seus conhecimentos valiosos.

À Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras, Profa. Dra. Veraluce da Silva Lima, por sua gentileza peculiar e pelas dicas de leitura.

A meu orientador, Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra, pelo compartilhamento de ideias, pelo apoio tão necessário e pelas orientações dadas ao longo do trabalho.

À Profa. Dra. Gladis Maria de Barcellos Almeida, por tão gentilmente ter aceito participar da banca examinadora deste trabalho e assim contribuir diretamente (e de maneira tão relevante) para com o avanço das minhas reflexões sobre este estudo.

À Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos, por sua postura sempre atenciosa, por todas as contribuições, sempre tão lúcidas e valiosas, a fim de que este trabalho pudesse avançar, e por ser parte desse momento tão importante da minha vida.

À Profa. Dra. Conceição de Maria de Araujo Ramos, por ter me ensinado de maneira tão prazerosa a descobrir a beleza e grandiosidade que há no universo da língua(gem).

UM ESTUDO DAS METÁFORAS NO LÉXICO DO CARANGUEJO NO MARANHÃO: SÃO LUÍS E ARAIOSES

O presente estudo, que se insere no âmbito da Linguística Cognitiva, busca identificar e analisar as metáforas conceituais presentes no léxico do caranguejo no Maranhão. Este estudo justifica-se pelo interesse em verificarmos a existência dessas metáforas na linguagem de profissionais desse universo, em contextos laborais, já que vários estudos apontam tal ocorrência em outros domínios do saber, como mostram os trabalhos de Costa (2007), Maciel e Silva (2010), Oliveira (2011), dentre outros. O *corpus* analisado é constituído por 14 entrevistas produzidas entre os anos de 2007 e 2008, em São Luís/MA e Araiões/MA, realizadas com homens que se ocupam da retirada do caranguejo no mangue e/ou da venda do produto, e com mulheres que realizam a atividade de remoção da carne do caranguejo já cozido para comercialização. Aos três tipos de atividade acima mencionados adotamos as seguintes denominações, respectivamente: *catação*, *comercialização* e *processamento do caranguejo*. Essas entrevistas também fazem parte de uma pesquisa de iniciação científica, desenvolvida pela autora desta dissertação, durante o curso de graduação em Letras, que teve como principal objetivo a construção do *Glossário de Termos do Universo do Caranguejo: São Luís e Araiões*, também manuseado e analisado durante a realização do estudo que ora se apresenta. Esta pesquisa se pauta nos pressupostos metodológicos da Teoria da Metáfora Conceitual, elaborada por George Lakoff e Mark Johnson (1986), que afirmam que o nosso sistema conceitual é, em grande medida, metafórico e desempenha um papel central na definição de nossas realidades cotidianas. Os dados revelam que as metáforas estão presentes também na fala dos profissionais em foco e que as unidades lexicais do universo do caranguejo encontram motivação na semelhança que há entre objetos do cotidiano humano e a própria cultura das pessoas envolvidas com o universo investigado, como por exemplo as unidades lexicais metafóricas *alicate* e *pinça*, em que se percebe a relação conceitual que se estabelece entre o alicate e pinça (do domínio das ferramentas) com o alicate e a pinça (presas do caranguejo), dentre outras metáforas.

Palavras-chave: Metáfora. Caranguejo. Maranhão.

A STUDY OF THE METAPHORS IN THE CRAB'S LEXICON IN MARANHÃO: SÃO LUÍS AND ARAIOSES

The present study, which is part of Cognitive Linguistics, aims to identify and analyse the metaphorical formations which exist in the crab's lexicon in Maranhão. This study was inspired by the interest to verify the recurrence of metaphorical formations in the language spoken by the professionals in that universe, in a labor context, given the fact that various studies have shown such recurrence in other knowledge domains, like the work of Costa (2007), Maciel e Silva (2010), Oliveira (2011), etc. The analysed corpus consists of 14 interviews produced between 2007 and 2008 in São Luís/MA and Araiõeses/MA, executed with men whose work is to capture the crabs in the mangrove and/or to sell the product, and also with women who are responsible for removing the already cooked and ready for commercialization crab's flesh. It's worth noting that some denominations were designated to the three kinds of activity mentioned above, respectively: *catação* (capture), *comercialização* (commercialization) and *processamento de caranguejo* (processing of the crab). These interviews are also part of a scientific initiation research, developed by the author of this dissertation, during the undergraduate program in Letras, which had as the main target the construction of the *Glossário de Termos do Universo do Caranguejo: São Luís e Araiõeses*, also handled and analysed while the study, which is now presented here, was being completed. This research is done according to the methodological assumptions of the Conceptual Metaphor Theory, created by George Lakoff and Mark Johnson (1986), who affirm that our conceptual system is widely metaphorical and plays a nuclear role in the definition of our everyday realities. The data reveal that the metaphors are present in the speaking of the professionals and that the lexical units of the crab's universe find motivation in the similarity that exists between objects of the human daily life and the culture itself of the people involved with the universe under study, like the metaphorical lexical units *nipper* and *forceps*, in which we notice a conceptual relation established between the *nipper* and *forceps* (from the domain of the tools) with the *nipper* and *forceps* (crab's claws), among other metaphors.

Key-words: Metaphor. Crab. Maranhão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. OS ESTUDOS SOBRE METÁFORA: DE ARISTÓTELES A LAKOFF E JOHNSON	15
1.1. A metáfora como figura retórica: Teoria Aristotélica	16
1.2. A metáfora como instrumento do pensamento: a proposta de I. A. Richards	18
1.3. A perspectiva interacionista da metáfora: a contribuição de Max Black	20
1.4. A perspectiva cognitiva da metáfora: Teoria da Metáfora Conceitual.....	23
1.4.1. Metáforas estruturais	26
1.4.2. Metáforas orientacionais	28
1.4.3. Metáforas ontológicas	30
1.4.3.1. Metáforas de Personificação	31
2. “CARANGUEJO UÇÁ, CARANGUEJO UÇÁ, APANHO ELE NA LAMA E BOTO NO MEU CAÇUÁ”: A IMPORTÂNCIA DO CARANGUEJO, EM ASPECTOS ECOLÓGICO, ECONÔMICO, SOCIAL E CULTURAL	34
2.1. Caranguejo-Uçá (<i>Ucides Cordatus</i>): algumas informações relevantes	34
2.2. Reprodução e preservação da espécie.....	35
2.3. Aspectos socioeconômicos e culturais do caranguejo no Maranhão: São Luís e Araióses	37
3. METODOLOGIA	41
3.1. Pesquisa bibliográfica e documental	41
3.2. Delimitação do <i>corpus</i>	41
3.2.1. Seleção e constituição do <i>corpus</i>	41
3.2.2. Perfil dos informantes	42
3.3. Instrumentos da pesquisa	42
3.4. Tratamento e análise do material	43
3.5. A seleção das metáforas no léxico do caranguejo	43
4. ANÁLISE DOS DADOS	45
4.1. A metáfora na oralidade de catadores, catadeiras e vendedores de caranguejo maranhenses	46
4.1.1. Detalhamento das metáforas encontradas no discurso oral de profissionais que lidam com o universo do caranguejo	47
4.1.1.1. Das metáforas de personificação	47

4.1.1.2.	Das metáforas estruturais	61
4.1.1.3.	Das metáforas ontológicas	67
4.1.1.4.	Das metáforas orientacionais	69
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
	REFERÊNCIAS.....	75
	ANEXOS	80
	VENDEDOR DE CARANGUEJO.....	81
	APÊNDICES	87

INTRODUÇÃO

As metáforas estão em toda parte. Estão no pensamento, na ação do homem e são formas fundamentais da consciência que temos sobre a nossa condição e a nossa realidade, de acordo com o ambiente e a cultura à qual pertencemos. Por meio de metáforas, segundo os estudos desenvolvidos a partir da década de 80, podemos falar, agir, reagir, criar e recriar conceitos, enfim, estabelecemos comunicação e, além disso, exploramos a nossa grande capacidade cognitiva e criativa frente ao universo da língua(gem).

Embora hoje essa seja a concepção mais recente do que representa a metáfora no âmbito dos estudos sobre a linguagem humana, durante muito tempo – desde as reflexões feitas por Aristóteles, no século IV a.C. – ela foi situada apenas no plano estrutural da língua como um mero recurso figurativo da linguagem e da imaginação poética. Quem a detinha, na visão aristotélica/tradicionista, era um grupo pequeno de pessoas; aquelas que desenvolviam uma linguagem “extraordinária”, como poetas e filósofos.

Todavia, com o surgimento de estudos desenvolvidos sobre cognição e, de modo particular, com as contribuições de Lakoff e Johnson (1986), por meio da denominada Teoria da Metáfora Conceitual, a metáfora passou a ser considerada, principalmente, como um elemento relevante no processo de entendimento da própria compreensão humana e não mais como um simples ornamento do discurso. Em outras palavras, tornou-se um reflexo do modo como estabelecemos nossas relações com o mundo e, definitivamente, atrelou-se à nossa linguagem cotidiana.

Por isso é que quando dizemos, por exemplo: “Na política do Brasil, tudo termina em *pizza*”, “preciso *ganhar* tempo”, “estou para *explodir* de alegria”, “a minha paciência está no *limite*”, além de tantas outras frases que frequentemente elaboramos para nos expressarmos, sem que percebamos lançamos mão de metáforas elaboradas de modo inconsciente em nossa mente.

Sendo assim, mais do que um recurso estilístico, de embelezamento ou rebuscamento da linguagem, a metáfora se configura, sobretudo, como um recurso cognitivo utilizado frequentemente pelas pessoas. Em outros termos, na visão moderna, “a essência da metáfora é entender e experimentar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF & JOHNSON, 1986, 2015, p. 41).

Para entendermos melhor esse processo de “criação” das metáforas em nossa mente, pensemos em como conceituaríamos o tempo, algo que, para nós, é

abstrato. Quando o conceituamos, necessariamente “pinçamos” características de algo concebido como “concreto” e que se assemelham ao que é concebido como abstrato. Para a nossa cultura, dinheiro (elemento concreto) é algo que não se pode desperdiçar, pois por meio dele contabilizamos nossas horas de trabalho, o custo de uma ligação telefônica, a nossa permanência em um shopping, e tantas outras coisas que o vinculam à ideia de temporalidade. Portanto, é a partir das correspondências que fazemos entre o conceito de dinheiro e o conceito de tempo, por meio das similaridades entre esses domínios, que mentalmente construímos a metáfora conceitual TEMPO É DINHEIRO e mais, a partir dessa metáfora nos comunicamos utilizando expressões metafóricas como: “*Investi* meu tempo livre na leitura de um livro.”; “Você *ganhou* tempo depois que decidiu fazer duas atividades paralelamente.”; “Como *desperdicei* horas do meu dia fazendo coisas desnecessárias!”, além de tantas outras expressões possíveis de construção.

É fato que existem vários estudos interessantes sobre o uso de metáforas nessa nova perspectiva de análise, como mostram os trabalhos de Aldrigue e Espíndola (2011), Farias (2012), Sampaio e Lamarão (2015), dentre outros, além daqueles voltados para o uso de metáforas em linguagens técnicas, como os trabalhos realizados por Costa (2007), Maciel e Silva (2011) e Oliveira (2011), por exemplo. No Maranhão, Serra (2015) desenvolveu o trabalho intitulado *A metáfora no discurso e no léxico do Micro e Pequeno Agricultor da cana-de-açúcar do Maranhão*, de muita relevância devido à importância da cana-de-açúcar tanto no contexto do Estado, quanto nacional. Contudo, não encontramos ainda registro de estudos realizados sobre a atividade extrativista do caranguejo no Brasil (nem no Maranhão) com esse enfoque, embora esse produto também tenha muita relevância no cenário brasileiro tanto no que diz respeito ao aspecto econômico quanto ecológico.

Partindo dessa observação, fizemos os seguintes questionamentos: se, segundo Lakoff e Johnson (1986), as metáforas estão no pensamento, na linguagem e nas ações do homem, é possível que também estejam presentes na linguagem de profissionais que lidam com o caranguejo, em contextos laborais? E, caso existam nesse discurso especializado, são produtivas, no sentido de ocorrerem frequentemente?

A fim de encontrarmos respostas a esses questionamentos, traçamos como objetivo principal deste estudo fazer um levantamento das metáforas conceituais

presentes na fala de 14 profissionais que tiram seu sustento da catação, do processamento ou da comercialização do caranguejo em São Luís/MA e Araiões/MA, que são localidades do nordeste brasileiro onde é expressivamente marcante a extração e a comercialização do caranguejo, um recurso alimentar que contribui não somente com a biodiversidade ambiental, como também movimenta tanto a economia quanto a cultura local, garantindo que as pessoas comercializem, comam e mantenham suas crenças. Com isso, objetivamos também explicar como os profissionais desse ramo de atividade compreendem o significado de uma metáfora a partir de suas experiências com o mundo e mostrar que este recurso comunicativo está presente, também, em domínios do saber decorrentes de experiências empíricas do cotidiano.

Acreditamos que com foco nesses três propósitos, o estudo desenvolvido contribuirá para que cada vez mais profissões como esta possam ser encaradas como atividades que se inserem em um sistema de comunicação específico e, sobretudo, organizado, que permite aos profissionais que as desempenham, assim como profissionais de outros domínios do saber, ter seu discurso próprio devidamente reconhecido, o que necessariamente os situam em um lugar no mundo.

Ressaltamos que uma das motivações para a realização deste estudo foi o trabalho de conclusão de curso de graduação, realizado em 2008, cujo objetivo principal foi “fotografar”, por meio de um glossário, a linguagem específica de catadores, catadeiras e vendedores de caranguejo das localidades supracitadas. Além disso, enfatizamos também que a escolha do *locus* da pesquisa se deve ao número expressivo de pessoas que, nesses espaços, tiram o seu sustento da atividade de extração, de processamento e de venda do caranguejo – de acordo com dados estatísticos do IBAMA, segundo Ivo e Gesteira (1999, *apud* Igarashi, 2005), o Maranhão é apontado como o estado que mais captura caranguejos (cerca de 4.174 toneladas), estando à frente da Bahia (787,0 toneladas), da Paraíba (467,0 toneladas), de Alagoas e de Pernambuco (com uma produção que gira em torno de 100,0 toneladas, em cada estado) – e também à relevância sociocultural que o caranguejo representa para o Estado, o que o projeta na culinária maranhense como um dos produtos de grande destaque.

Para o pleno desenvolvimento do estudo que nos propusemos a realizar, inicialmente, tratamos de algumas questões sobre o tema que tencionamos discorrer

e apresentamos tanto os objetivos que buscamos alcançar com essa pesquisa, como também a justificativa para tal escolha, com base na motivação para sua realização. Na sequência, desenvolvemos cinco seções, relativas à fundamentação teórica, à metodologia adotada, às análises feitas a partir do *corpus* da pesquisa, aos resultados alcançados e à conclusão, conforme detalhamento a seguir.

Na seção 1, apresentaremos alguns dos estudos sobre o tema abordado, tomando como ponto de partida as reflexões tradicionais sobre metáfora, percorrendo os caminhos traçados por Aristóteles, Richards e Black. Na sequência, daremos enfoque à Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), que é a *teoria âncora* deste trabalho. Na seção 2, discorreremos sobre o caranguejo enquanto produto extrativista de relevância no cenário nacional e de destaque tanto na economia quanto na cultura maranhenses, fato que nos levou a investigar esse universo, também, no que se refere às possíveis ocorrências de metáforas produzidas por profissionais desse domínio do saber em discursos orais. Na seção 3, discorreremos sobre a metodologia aplicada neste estudo, apresentando as escolhas metodológicas que fizemos para a constituição do *corpus* e para a seleção das metáforas existentes no universo investigado a partir de duas localidades: Ilha de São Luís/MA e Araióses/MA. Na seção 4 faremos a análise do *corpus* da pesquisa e na seção 5 apresentaremos as considerações finais da pesquisa executada.

1. OS ESTUDOS SOBRE METÁFORA: DE ARISTÓTELES A LAKOFF E JOHNSON

Como já dissemos, a metáfora há muito tempo é objeto de reflexões. A busca por compreender esse fenômeno, como veremos, muito provavelmente se iniciou ainda no século IV, com Aristóteles, e nos dias atuais é foco de muitas pesquisas e discussões no âmbito da linguagem. Por essa razão, foi sendo revista e reestruturada por estudiosos que se ocupam em investigá-la, sob várias perspectivas, e pudemos ver reflexos dessas dimensões de concepção a partir das definições pesquisadas nas seguintes obras lexicográficas: Aulete (2011); Borba (2002); Houaiss (2001) e Trask (2004), como veremos a seguir.

No dicionário Aulete (2001, p. 920), a metáfora é definida como:

Figura de linguagem que consiste em estabelecer uma analogia de significados entre duas palavras ou expressões, empregando uma pela outra (p. ex.: *Asas da imaginação*.) [F.: Do lat. *Metaphorá*, *ae*, do gr. *Metaphorá*].

Em Borba (2002, p. 1033), metáfora é

(...) 1. expediente que consiste em transferir o sentido de uma palavra para outra, como resultado de uma associação por semelhança; 2. sentido figurado, indireta; 3. Imagem, figuração, símile; 4. Comparação; 5. Embromação, enganação.

Já em Houaiss (2001, p. 1907), metáfora corresponde à

designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança; ETIM lat. *Metaphora*, *ae* 'metáfora', do gr. *Metaphorá*, *âs* 'mudança, transposição', p. ext. em RET 'transposição do sentido próprio ao figurado, metáfora, do v. *metaphéro* 'transportar'.

E em Trask (2004, p. 190-191), encontramos as seguintes considerações sobre o significado de metáfora:

Metáfora (*metaphor*) - O uso não literal de uma forma linguística, utilizado como recurso para chamar a atenção para uma semelhança percebida. O uso literário das metáforas é antigo e bem estudado, e nos campos da retórica e da crítica literária, se desenvolveram formidáveis baterias de termos gregos para denominar muitos diferentes tipos de metáfora. Mas as metáforas são, de fato, um lugar comum na fala e escrita correntes; falamos do *pé* de uma montanha, do *olho* da enxada (...). Na realidade, de algumas gerações para cá, os lingüistas se deram conta de que a metáfora é uma maneira banal de ampliar os recursos expressivos de uma língua. Contudo, desde a década de 1980, os linguistas que estavam criando a nova disciplina **lingüística cognitiva** têm chamado a atenção para a influência generalizada exercida nas línguas pelas *metáforas cognitivas*, metáforas de amplo espectro, que condicionam um amplo leque de expressões e parecem estar relacionadas à maneira como percebemos o mundo.

A partir dessas definições, podemos observar que os três primeiros dicionários trazem ideias mais tradicionalistas de metáfora (figura de linguagem; transferência de *sentido* de uma palavra para outra; comparação; transposição do sentido próprio ao figurado, por exemplo). Em contrapartida, em Trask (2004) não apenas não foi dada uma definição mais tradicionalista ao termo, como principalmente foram tecidas contribuições acerca da visão que se tem atualmente de metáfora: elemento que exerce um papel fundamental na linguagem cotidiana e no pensamento, contrariando as tradicionais definições da linguística e da filosofia.

Haja vista ser a metáfora objeto de estudo de várias ciências, como a Filosofia, a Psicologia e a própria Linguística, discorrer sobre as possíveis abordagens já realizadas acerca desse objeto tornaria o trabalho demasiadamente longo. Desse modo, nesta seção temos o propósito de apresentar de modo pontual um percurso teórico da metáfora, partindo dos estudos tradicionais, desenvolvidos por Aristóteles (séc. IV a.C), Richards (1936, *apud* OLIVEIRA, 2011) e Black (1954-1962), até chegarmos às contribuições de Lakoff e Johnson (1986), com o intuito de apresentar o desdobramento do tema em foco a partir do olhar desses estudiosos, que se ocuparam em compreender a metáfora, bem como em enfatizar sua relevância nos estudos da linguagem, como veremos a seguir.

1.1. A metáfora como figura retórica: Teoria Aristotélica

A primeira definição de metáfora foi feita na Grécia antiga por Aristóteles (séc. IV a.C.), um dos primeiros estudiosos a despertar o interesse em definir metáfora. Ele a caracterizou como recurso do domínio da retórica (arte da eloquência; do bem falar) e da poética (arte da poesia).

Na poética, Aristóteles define *metaphorá* como um conjunto genérico-analógico, como um cruzamento de figuras de mudança de sentido (FILIPAK, 1983), que corresponde à “transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via de analogia” (*Poética*, III, IV, 7, p. 182 *apud* SARDINHA, 2007, p. 20). Em outros termos, a metáfora é uma transferência de um nome estranho, estrangeiro (*allótrios*) de uma coisa para outra; é uma *epiphorá*, espécies de deslocamento, transferência, movimento de... até... (RICOEUR, 1975, *apud* FILIPAK, 1983), além de ter valor estético, que serve à ornamentação da linguagem.

Esses tipos de cruzamento de figuras de mudança de sentido – do gênero para a espécie, da espécie para o gênero e da espécie para a espécie por meio de analogia – se incluem no que Filipak (1983) chama, respectivamente, de:

- a) Sinédoque particularizante (toma *parte* pelo *todo*, *particular* pelo *geral*, *menos* pelo *mais*, como por exemplo *vela* por *barco*, *teto* por *casa*);
- b) Sinédoque generalizante, que faz o processo inverso da sinédoque particularizante (adiciona semas, indo do *particular* ao *geral*, da *parte* ao *todo*, do *menos* para *mais*, como no exemplo “O *pinhal* produzia *saborosas pinhas* – por *pinhões*”);
- c) Metonímia (realiza a passagem de um nome para outro; um objeto é designado por outro que tem com o primeiro uma relação de *causa* e *efeito*, de *continente* e *conteúdo* e de *produtor* e *produto*, como nos exemplos: i) *O contrabando* (os contrabandistas) impera na fronteira; ii) *Tomar um copo* de vinho e iii) *Tomar uma Dorizon* (uma água mineral de Dorizon, PR), e
- d) Metáfora específica, *hé katá tó análagon*, cujas bases se estribam nas relações de similaridade. É a metáfora *stricto sensu*, que se apoia na analogia, no *eu metaphérein*, como no exemplo “A *tarde* é a *velhice* do *dia*, a *velhice* é a *tarde* da *vida*”.

Estabelecidas as quatro espécies de *metaphorá*, Aristóteles destaca a metáfora *stricto sensu* como uma transferência de um nome de uma coisa para outra e não de um enunciado para outro (FILIPAK, 1983) e considera a comparação (*eikôn*) direta como uma metáfora. Por exemplo, na frase “Aquiles se lançou como um leão” há uma comparação, porém, quando se diz “o leão se lançou”, há uma metáfora, que é uma ideia nova. A compreensão dessa ideia requer, segundo o filósofo, um trabalho mental da parte do receptor da mensagem, a fim de que a sentença possa ser plenamente compreendida a partir da identificação de semelhanças entre os dois referentes, nesse caso, leão e Aquiles, que têm como característica comum a coragem. De acordo com Ricoeur (1975 [2015], p. 47), “é esse sequestro do gênero por meio da semelhança que torna a metáfora propriamente instrutiva”.

Desse modo, podemos depreender que a distinção formal entre a metáfora e a comparação, na visão aristotélica, é entre duas formas de predicação: “ser e ser como”. Por esse motivo, a metáfora é mais expressiva, mais poderosa e se diferencia da comparação pelos termos indicadores desta, a exemplo de: *como*, *semelhante*, *parecido a*, etc. Todavia, Fossile (2011, p. 3) declara que “o fato do termo de comparação não se fazer presente na metáfora não quer dizer que a metáfora seja uma comparação abreviada, mas se dirá o contrário: a comparação é uma metáfora desenvolvida”.

Com o passar dos anos, a categoria de metáfora inicial de Aristóteles – para ele, a metáfora era considerada a “figura mestra” – foi sendo desmembrada e

refinada em muitas figuras de linguagem, como: alegoria, antífrase, antonomásia, aforismo, apóstrofe, catacrese, eufemismo, hipérbole, ironia, metonímia, oximoro, paradoxo, perífrase, prosopopeia e tantas outras. Segundo Sardinha (2007, p. 21), “foi possivelmente na Renascença que a classificação das figuras de linguagem se intensificou, em conformidade com a tendência da época de classificar o mundo em categorias” e nesse âmbito a metáfora foi vista como apenas uma entre tantas figuras.

Em consequência do aparecimento desse grande número de figuras de linguagem, muitas delas se tornaram semelhantes e cada uma, a seu modo, ganhou relevância. A metáfora, por essa razão, deixou de ser uma categoria prototípica, como era em Aristóteles, assim como deixou de ser objeto de estudo de grande relevância entre os filósofos a partir da primeira metade do século XX, época em que, com o advento do positivismo lógico¹, passou a ser entendida como um mecanismo de desvio ou manipulação da verdade. Nesse contexto, a frase “Julieta é o sol”, por exemplo, não passaria pelos critérios estabelecidos por essa corrente filosófica, uma vez que não seria possível comprovar cientificamente essa afirmação.

Após a teoria aristotélica, que, vale salientar, vigorou por 23 séculos, e a fase de dominância do método positivista, o interesse pela metáfora voltou e cresceu grandemente em outros aspectos. Muitos estudiosos, como I. A. Richards, Marx Black, Paul Ricoeur, Gilles Fauconnier, Max Turner, George Lakoff e Mark Johnson, por exemplo, desenvolveram relevantes estudos sobre o assunto. Na subseção a seguir, trataremos da proposta de I. A. Richards.

1.2. A metáfora como instrumento do pensamento: a proposta de I. A. Richards

Ivor Armstrong Richards, um influente crítico literário britânico que desenvolveu seus estudos no século XX, foi uma figura de grande relevância para o desenvolvimento das novas pesquisas sobre metáfora. Sua visão sobre metáforas era diferente da aristotélica – na visão aristotélica, como já dissemos, a retórica se restringia a descrever os ornamentos da linguagem, ao passo que na teoria de

¹ Corrente filosófica, também denominada empirismo lógico, que surgiu em Viena e defendia a ideia de que o conhecimento científico é a única via de conhecimento verdadeiro. O positivismo lógico restringiu o conhecimento à ciência e utilizou o verificacionismo para rejeitar a metafísica não como falsa, mas como destituída de significado. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Positivismo_l%C3%B3gico. Acesso em 10. Jun. 2016.

Richards a retórica não se preocupava apenas com a ornamentação da linguagem – , pois ele pensava haver, de fato, um princípio orientador do pensamento associado às metáforas.

Diante dessa nova perspectiva, a teoria proposta por Richards se distanciou da teoria aristotélica porque, para Richards, o sentido de uma frase não muda em decorrência do sentido das palavras, mas sim a partir do sentido depreendido da frase como um todo, ou seja, a metáfora não é apenas um simples “deslocamento de palavras”, é um “talento do pensamento”. (RICOEUR, 2005, p. 129, *apud* Fossile 2011, p. 6).

Seguindo esse princípio, Richards estabeleceu as seguintes bases para a sua teoria, segundo Sardinha (2007): todo enunciado metafórico é constituído por: i) *tópico*, que é a porção não metafórica de uma expressão metafórica; ii) *veículo*, que é a porção metafórica de uma expressão metafórica; iii) *base*, que corresponde à relação estabelecida entre *tópico* e *veículo*, e iv) *tensão*, que é a incompatibilidade entre o tópico e o veículo, quando interpretados em sentido literal.

Para entendermos como funciona cada um desses elementos que compõem um enunciado metafórico, nessa teoria, vejamos o seguinte exemplo: “Laura é uma estrela”. A partir desse enunciado, identificamos que *Laura* é o tópico, *estrela* é o veículo, a base é a relação estabelecida entre o tópico e o veículo – *Laura* e *estrela*, respectivamente –, e *estrela* indica que nos referimos a *Laura* como alguém que se destaca, que é bem-sucedida em tudo o que faz. Já a tensão é gerada pela incompatibilidade existente entre *Laura*, que é um ser humano, e *estrela*, que é um corpo celeste. Dizer que um é outro, portanto, gera uma tensão entre os sentidos estabelecidos, que só pode ser dissipada por meio de uma interpretação metafórica, que se realiza plenamente mediante a interação do tópico com o veículo.

Esses dois elementos, para Richards, segundo Moura (2008, p. 182, *apud* Fossile, 2011, p. 6) “não correspondem a palavras, mas a pensamentos [...] [nesse caso] a matéria prima das metáforas são conceitos, e não palavras”.

Sobre a teoria proposta por Richards, podemos depreender que a metáfora não se limita a ser apenas a substituição ou deslocamento de palavras; corresponde, já, à interação de pensamentos, porque as palavras não têm nem significação própria, nem sentido em si mesmas, pois o sentido total e indivisível de um enunciado se constrói no ato de comunicar.

Alguns anos depois, baseado nas considerações de Aristóteles e nas observações de Richards, Black forneceu novas contribuições a partir de três visões teóricas: a *teoria da substituição*, a *teoria da comparação* e a *teoria da interação*, sobre as quais discorreremos a seguir.

1.3. A perspectiva interacionista da metáfora: a contribuição de Max Black

Max Black, um estudioso pertencente à corrente filosófica denominada Filosofia Analítica², forneceu uma teoria da metáfora com novas perspectivas, partindo de um princípio diferente do da transposição de nomes, a fim de aplicar o que designou *perspectiva interacionista* da metáfora.

Como filósofo, entendia que a metáfora era negligenciada por muitos estudiosos de sua área e por isso procurou contribuições de críticos literários para responder a algumas das seguintes perguntas: “Como é que vamos organizar um caso de metáfora?”, “Existem quaisquer critérios para a detecção de metáfora?”, “As metáforas podem ser traduzidas em expressões literais?”, “Quais são as relações entre metáfora e comparação?”. (BLACK, 1954, p. 273).

Para Black, muitos teóricos, ao formularem seus conceitos sobre esse fenômeno, utilizam a ideia de que a metáfora é uma expressão linguística de natureza figurada, que pode ser substituída por qualquer outra expressão linguística com sentido literal sem que haja comprometimento do significado da frase com conteúdo metafórico.

Segundo o filósofo, essa ideia serviu de base para que analisasse, inicialmente, duas concepções metafóricas: a concepção *substitutiva* e a concepção *comparativa*. Na primeira, a expressão metafórica é tida como substituta de outra expressão, de sentido literal, que teria o mesmo significado, caso fosse posta em seu lugar. Isso atribui à metáfora um caráter absolutamente estético. Na segunda concepção, a metáfora se forma a partir de dois referentes distintos, que possuem sentidos diferentes e provêm de contextos diferentes. Porém, esses dois referentes, por apresentarem característica comum, poderiam ser expressos pela metáfora e por analogia por meio da fórmula “X é como Y”.

²A *Filosofia Analítica* é uma vertente do pensamento contemporâneo, reivindicada por filósofos bastante diferentes, cujo ponto comum é a ideia de que a filosofia é análise – a análise do significado dos enunciados - e se reduz a uma pesquisa sobre a linguagem.

Essas duas concepções, embora tenham sido mencionadas por Black em suas reflexões, não lhe tinham importância, pois, no seu ponto de vista, essas concepções evidenciavam a metáfora como “um predicado que se aplica propriamente a determinadas expressões, sem prestar atenção às situações em que as expressões são usadas, ou aos pensamentos, aos atos, às sensações e às interações dos falantes relacionados a estas situações”³. (Tradução nossa)

Para Black, existem várias situações em que o sentido de uma expressão metafórica precisa ser reconstruído a partir das intenções do falante, além de outras pistas que devem ser consideradas, como o modo de dizer e o próprio contexto em que a expressão metafórica é construída.

Assim, ressalta:

Para sabermos o que alguém que usa uma metáfora deseja dizer, precisamos saber quão “seriamente” ele está tratando o foco metafórico. (Ele se satisfaria igualmente em usar um sinônimo aproximado, ou apenas aquela palavra serve? Devemos considerar aquela palavra superficialmente, observando apenas suas implicações mais óbvias – ou devemos nos debruçar sobre suas associações mais remotas?) Na fala, podemos empregar ênfases e construções como pistas.⁴ (Tradução nossa)

Partindo desse entendimento, desenvolveu a *teoria interacionista*, que corresponde a um desdobramento da teoria de Richards. Nessa teoria, o sentido novo é gerado pela interação entre o tópico e o veículo de uma metáfora, mencionados na teoria de Richards, e se constituiu com base nos seguintes pressupostos:

- a) Um enunciado metafórico apresenta dois referentes distintos: um principal e outro subsidiário. Portanto, cabe ao interlocutor conectar as ideias contidas nos dois contextos (linguístico e extralinguístico) que irão contemplar a metáfora, para que se possa interpretá-la corretamente.

³[...] a predicate properly applicable to certain expressions, without attention to any occasions on which the expressions are used, or to the thoughts, acts, feelings, and intentions of speakers upon such occasions”. (BLACK, 1954, p. 276-277).

⁴ To know what the user of a metaphor means, we need to know how "seriously" he treats the metaphorical focus. (Would he be just as content to have some rough synonym, or would only that word serve? Are we to take the word lightly, attending only to its most obvious implications-or should we dwell upon its less immediate associations?) In speech we can use emphasis and phrasing as clues. (BLACK, 1954, p. 277)

b) A melhor maneira de encarar esses referentes é como sistema de coisas e não como coisa. Ou seja, cada um dos referentes está contido em um conjunto maior, complexo, do qual mais de uma característica pode ser considerada para ancorar a analogia ou a comparação, que servem de suporte para a estruturação da metáfora.

c) A metáfora funciona aplicando-se ao referente principal um sistema de implicações secundárias característico do referente secundário. Em outros termos, podemos compreender ou interpretar uma metáfora a partir da correlação que estabelecemos entre os dois referentes em foco, que pode ir do fator cultural ao contexto da enunciação, uma vez que o enunciador da expressão metafórica coopera com seu interlocutor ao produzir metáfora baseada no senso comum, ou seja, o que é aceitável dentro da cultura.

d) Não é o sentido de uma palavra que é transferido para outra, mas sim os conceitos pertencentes a uma categoria que são “cruzados” para outra categoria. Este cruzamento ocorre a partir de uma conexão elaborada pelo autor/interlocutor entre os referentes considerados como “sistema de coisas”.

Como podemos verificar, na *perspectiva interacionista* o autor nos orienta a interpretarmos o que está implícito nas palavras porque quem produz metáforas não simplesmente está comparando um referente com outro, mas sim correlacionando os significados estabelecidos entre esses referentes. A partir dessa ideia, Black entende que uma mesma metáfora pode ser entendida de vários modos, porque há várias formas de se ver o mesmo objeto.

Feitos os apontamentos sobre metáfora a partir das teorias tradicionais, a seguir discorreremos sobre a teoria desenvolvida por Lakoff e Johnson (1986), denominada Teoria da Metáfora Conceitual (TMC). A proposta, apresentada em *Metaphors we live by*, não somente causou impacto nos estudos clássicos sobre metáfora, como principalmente a evidenciou enquanto parte essencial do nosso pensamento, revelando como estabelecemos relações com o mundo que nos cerca a partir da percepção dos contextos socioculturais dos quais somos parte, como veremos a seguir.

1.4. A perspectiva cognitiva da metáfora: Teoria da Metáfora Conceitual

As palavras realmente não têm significado, nem as sentenças têm significados: os significados são algo que construímos, usando propriedades de elementos linguísticos, como informações parciais, ao lado de conhecimentos não linguísticos, informações disponíveis no contexto, conhecimentos e conjecturas, considerando o estado de espírito dos ouvintes, entre outros. (Croft e Cruse 2004:98, *apud* Sampaio e Lamarão, 2015, p. 116).

Os estudos sobre metáfora ganharam nova conformação a partir das contribuições das Ciências Cognitivas. Antes vista como ferramenta de uso estritamente linguístico, com o advento da Psicologia Cognitiva e da Linguística Cognitiva⁵ a metáfora passou a ser apontada como um elemento peculiar do nosso pensamento e do modo como experimentamos e categorizamos o mundo.

A Linguística Cognitiva, que se firmou com o aparecimento, entre 1960 e 1970, da *Ciência Cognitiva* – uma área interdisciplinar, que envolve várias outras áreas do conhecimento como a inteligência artificial, a psicologia, a filosofia, a antropologia e outras, e que tem como objetivo compreender a mente e sua relação com o cérebro humano – resultou da insatisfação de estudiosos como George Lakoff, Ronald Langaker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier com o *gerativismo*, escola linguística que se desenvolveu a partir dos estudos de Noam Chomsky, no final da década de 1950, e que postula a existência da Faculdade da Linguagem como um dispositivo inato, que permite aos humanos desenvolver uma competência linguística.

Assim, esses linguistas intencionaram realizar esse empreendimento partindo da hipótese de que a língua é reflexo do pensamento humano e de suas experiências no mundo. Portanto, estudar a estrutura da língua e como ela funciona, na perspectiva cognitivista, significa tentar entender como o pensamento humano é estruturado e organizado para o funcionamento de nosso sistema cognitivo.

Em outras palavras, na visão de Martelotta e Palomanes (2013), para a Linguística Cognitiva “a linguagem é um instrumento cognitivo que tem como função

⁵ A abordagem do estudo da língua que se baseia na percepção e conceptualização humana do mundo (...). A partir dos anos oitenta, um número cada vez maior de linguistas foi se interessando seriamente por um projeto mais ambicioso: o esclarecimento dos modos como as estruturas e os objetos linguísticos refletem a maneira como os seres humanos percebem, categorizam e conceitualizam o mundo. A esse novo empreendimento dá-se o nome de *linguística cognitiva*. (TRASK, 2004, p. 180-181)

organizar e fixar a experiência humana. Desse modo, os significados só podem ser descritos com base nessas experiências, assim como no conjunto de conhecimentos delas provenientes”, ou seja, o significado deixa de ser um reflexo direto do mundo e passa a ser considerado como uma construção cognitiva.

Considerando os estudos nesse âmbito, a concepção de metáfora enquanto “*instrumento retórico* ou *figura de estilo* deu lugar, há quase três décadas, a uma reconceptualização, que vê nestas duas formas de sentido figurado autênticos mecanismos cognoscitivos”. (SILVA, 2006, p. 111)

Essa radical mudança do modo de compreender as metáforas foi marcada pela Teoria da Metáfora Conceitual, elaborada pelo linguista George Lakoff e pelo filósofo Mark Johnson, nos Estados Unidos, no final da década de 70, e publicada na década seguinte por meio do clássico *Metaphors We Live By*. O propósito dos pesquisadores, com essa teoria, foi mostrar que as metáforas estão presentes em tudo o que fazemos e, portanto, são resultantes de nossas experiências e de nossa cultura.

Segundo Lakoff e Johnson (1986, 2015, p. 39)⁶,

Para a maioria das pessoas, a metáfora é um recurso da imaginação poética e os gestos retóricos, uma questão de linguagem extraordinária em vez de normal. Além disso, a metáfora é geralmente vista como uma característica única da linguagem, pertencentes a palavras e não ao pensamento ou à ação. Por esta razão, a maioria das pessoas pensa que pode viver sem metáforas. Concluímos que a metáfora, no entanto, permeia a vida diária, não só na língua, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual comum, em termos do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. (Tradução nossa)

A partir dessa percepção, basearam-se na ideia de transposição de domínios – área do conhecimento ou experiência humana – para desenvolverem a Teoria da Metáfora Conceitual. Tal ideia consiste em conceitualizar um domínio de experiência em termos de outro, de modo que elementos de um domínio de origem

⁶Para la mayoría de la gente, la metáfora es un recurso de la imaginación poética y los ademanes retóricos, una cuestión de lenguaje extraordinario más que ordinario. Es más, la metáfora se contempla característicamente como un rasgo sólo del lenguaje, cosa de palabras más que de pensamiento o acción. Por esta razón, la mayoría de la gente piensa que pueden arreglárselas perfectamente sin metáforas. Nosotros hemos llegado a la conclusión de que la metáfora, por el contrario, impregna la vida cotidiana, no solamente el lenguaje, sino también el pensamiento y la acción. Nuestro sistema conceptual ordinario, en términos del cual pensamos y actuamos, es fundamentalmente de naturaleza metafórica.

(ou domínio fonte, aquele a partir do qual conceitualizamos alguma coisa metaforicamente) se deslocassem para um domínio alvo (ou domínio abstrato, aquele que desejamos conceitualizar). Essa espécie de deslocamento se sucede por meio de uma operação denominada *blending*, que em português significa *mesclagem* (ABREU, 2010, p. 42), e que se concretiza por meio das nossas experiências físicas e culturais, que se relacionam com um novo domínio do conhecimento.

Para mostrar a importância das metáforas e que suas motivações ocorrem com base no conhecimento de mundo que temos, Sardinha (2007, p. 15-16) ressalta:

As metáforas são o instrumento que possuímos para criar novo conhecimento ou para dar conta de algo novo na ciência ou no cotidiano. Por exemplo, quando os sistemas operacionais de computador passaram a dispor de recursos gráficos, as partes da tela do computador que mostravam os programas passaram a ser chamadas de 'janelas'. Uma janela de computador é um trecho da tela que trabalha independentemente de outra. A princípio, poderiam tê-las chamado de qualquer coisa (violino, banana, chuva), mas janela é um bom nome porque é metafórico. Reflete nossa experiência acumulada com as janelas de verdade. Assim como nas janelas construídas em parede de concreto ou tijolo, as janelas de computador nos permitem 'ver através' do *hardware*: elas nos mostram o que está do outro lado da máquina, por assim dizer. Assim como seus parentes concretos, as janelas de computador também restringem nossa visão, mostrando-nos apenas aquilo que cabe dentro delas.

Ou seja, as metáforas não correspondem a uma mera transposição de sentido de uma categoria isolada para outra categoria de um domínio diferente, como preconizavam as teorias clássicas; elas envolvem uma analogia sistemática e coerente entre a estrutura interna de dois domínios da experiência e, conseqüentemente, conhecimentos relevantes associados aos conceitos e domínios em causa.

Sobre o nosso sistema conceitual, Lakoff e Johnson (1986, 2015, p. 40)⁷, afirmam que “não é algo de que normalmente sejamos conscientes. Na maior parte

⁷ [...] no es algo de lo que seamos conscientes normalmente. En la mayor parte de las pequeñas cosas que hacemos todos los días, sencillamente pensamos y actuamos más o menos automáticamente de acuerdo con ciertas pautas.

das pequenas coisas que fazemos todos os dias, simplesmente pensamos e agimos mais ou menos automaticamente, de acordo com certas diretrizes”. (Tradução nossa)

Por essa razão, entenderam que a maior parte do nosso sistema conceitual ordinário é de natureza metafórica e, sobretudo, afirmam que são exatamente as metáforas que estruturam o nosso modo de percepção, pensamento e ação. Em síntese, podemos dizer que uma metáfora conceitual corresponde a uma maneira convencional de conceitualizar um domínio de experiência em termos de outro.

As metáforas conceituais, nessa perspectiva, são classificadas em três níveis: *estruturais*, que segundo Sardinha (2007, p. 34) “são as prototípicas metáforas conceptuais” e implicam na estruturação metafórica parcial de um conceito em termos de outro conceito; *ontológicas*, que emergem da nossa experiência física/corporal com objetos ou substâncias físicas, em função das quais lidamos com noções abstratas, nas formas de conceber eventos, atividades, emoções, ideias, etc., como entidades e substâncias; e *orientacionais*, que dizem respeito à orientação espacial que toma como base a corporeidade humana frente ao ambiente físico de que faz parte. A seguir veremos mais detalhadamente essas classificações.

1.4.1. Metáforas estruturais

Frequentemente (ou quase sempre) não analisamos tudo o que fazemos ao longo do dia, assim como também não temos consciência da complexidade de todas as frases que nosso cérebro é capaz de construir. Contudo, embora não estejamos tão atentos a essas realidades, é bem verdade que a língua reflete a nossa estrutura cognitiva a partir das nossas interações sociais e também das nossas experiências no mundo.

As metáforas estruturais, nessa esteira, caracterizam-se por organizar um determinado tipo de experiência ou atividade com base em outro tipo de experiência ou atividade. Ou seja, são aquelas em que um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro conceito.

Para elucidarmos o conceito de *metáfora estrutural*, tomemos como exemplo o conceito de DISCUSSÃO e a metáfora DISCUSSÃO É UMA GUERRA, em que é utilizado o conceito de *guerra* para falar de *discussão*, como podemos observar nas expressões metafóricas a seguir:

- a) Tuas *afirmações* são *indefensáveis*.
- b) *Atacou* todos os *pontos frágeis* do meu *argumento*.
- c) Nunca *havia perdido* em uma *discussão*.
- d) *Eu destruí* seu *argumento*.
- e) Se usas essa *estratégia*, te *aniquilará*.

Observemos que as palavras *indefensável*, *atacar*, *perder*, *destruir*, *estratégias* e *aniquilar* mantêm uma relação sistemática com GUERRA, ou seja, as expressões acima revelam que muitas das coisas que fazemos em termos de discussão estão estruturadas *parcialmente* pelo conceito de guerra e não porque no ato de discutir haja uma batalha, propriamente dita, mas porque, em uma discussão, como afirmam Lakoff e Johnson (1986, 2015, p. 41)⁸,

[...] podemos, de fato, ganhar ou perder [...]. Vemos a pessoa com quem discutimos como um oponente. Atacamos suas posições e defendemos as nossas. Ganhamos e perdemos terreno. Planejamos e usamos estratégias. Se achamos que uma posição é indefensível, nós a abandonamos e adotamos uma nova linha de ataque. (Tradução nossa)

A metáfora conceitual, portanto, é aquela que percebe parcialmente um conceito em termos de outro, permitindo-nos pensar, por exemplo, em coisas abstratas (DISCUSSÃO) em termos de coisas mais concretas (GUERRA), de modo que um domínio da experiência possa ser entendido em termos do outro domínio.

Outro exemplo é o modo como pensamos a *vida humana* em termos de viagem, como mostra Silva (2016, p. 13):

Pensamos e falamos da vida humana em termos de uma viagem, mais precisamente de três viagens. O nascimento é o termo da nossa primeira viagem (cf. *vir*, *chegar* ao mundo, o bebê *vem a caminho*, *já chegou*); daí até a morte realizamos a nossa segunda viagem no mundo (somos viajantes, os nossos propósitos são destinos e os meios para os realizarmos são caminhos, as dificuldades da vida são obstáculos, o progresso realizado é a distância percorrida e as escolhas são encruzilhadas); a morte é o

⁸[...] podemos, realmente, ganhar o perder [...]. Vemos a la persona con la que discutimos como um oponente. Atacamos sus posiciones y defendemos nas nuestras. Ganamos y perdemos terreno. Planeamos y usamos estrategias. Si encontramos que una posición es indefensible, la abandonamos y adoptamos una nueva línea de ataque.

começo da nossa última viagem (ele *deixou-nos, partiu*, foi para a sua última morada, *ainda/já não está conosco*).

Como podemos verificar, a metáfora implica uma analogia entre domínios. Como vimos, para que a metáfora DISCUSSÃO É UMA GUERRA fosse validada, se fez necessário que uma parte da rede conceitual de GUERRA (defender, atacar, perder, destruir e aniquilar), por exemplo, fosse ativada para o item lexical DISCUSSÃO. O mesmo aconteceu com a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM, em que vida, elemento que se pretende conceitualizar metaforicamente, ganhou traços do domínio VIAGEM, como: estar a caminho, chegar e partir, por exemplo.

A seguir, abordaremos outro tipo de metáfora, que não estrutura um conceito em termos de outro, mas organiza um sistema global de conceitos em relação a outro: as metáforas orientacionais.

1.4.2. Metáforas orientacionais

Como já dissemos preliminarmente, as metáforas orientacionais são aquelas que organizam todo um sistema de conceitos em relação a outro sistema de conceitos e, em sua maioria, estão relacionadas com nossa experiência corpórea no espaço, como: EM CIMA X EM BAIXO, DENTRO X FORA, À FRENTE X ATRÁS, CENTRAL X PERIFÉRICO, PROFUNDO X SUPERFICIAL, etc., porque a nossa percepção da realidade é construída a partir do formato do nosso corpo, que nos separa do universo por meio da superfície da nossa pele.

Sobre esse tipo de metáfora, Vilela (2002, p. 75) afirma que:

Já não se trata da estruturação metafórica de um conceito em termos de outro, mas antes de toda uma organização a envolver o próprio sistema de conceitos transportando esse sistema para outro sistema.

E assevera ainda que:

A designação de *metáforas orientacionais* explica-se pelo facto de terem a ver, em grande medida, com relações espaciais [...]. Torna-se evidente que estamos perante um reflexo do corpo humano, em que a configuração do universo ocorre do homem como ser falante. (VILELA 2002, p. 75)

Para Lakoff e Johnson (1986, 2015, p. 50), tais orientações metafóricas “não são arbitrárias, pois têm base em nossa experiência física e cultural”. Por exemplo: o conceito de “bom” ou “bem”, estabelecido em nossa cultura, relaciona-se com o que

está *em cima*, ao passo que o conceito de “mau” ou “ruim” se relaciona com o que está *em baixo*, e com base nesses conceitos elaboramos expressões como: “Ele *caiu* de cama/ ele *sucumbiu* à doença x Ele conseguiu *superar a doença*; A sua *ascensão social* foi rápida x O seu poder *entrou em declínio*; Os meus rendimentos *cresceram* x A inflação fez *baixar* os meus rendimentos; Ele é de *alta estirpe* x Ela é de *baixa condição*”. (VILELA, 2002, p. 76)

A partir do elemento físico da metáfora orientacional, pudemos observar (vide exemplos dispostos no parágrafo anterior) que diversas transferências e aplicações se tornaram praticáveis em vários domínios, como: consciência/inconsciência; saúde/doença; poder/subordinação; riqueza/pobreza.

Contudo, Lakoff e Johnson (1986, 2015, p. 56) advertem que “é difícil distinguir as bases físicas das culturais em uma metáfora, uma vez que a escolha de uma base física entre muitas outras possibilidades tem a ver com a coerência cultural”.⁹ (Tradução nossa)

No caso de nossa cultura, pelo fato de caminharmos na posição vertical e de nos colocarmos de pé para começar mais uma jornada de trabalho, por exemplo, é possível imprimir a ideia de vida e de bem-estar, nessas condições, ao contrário da imagem que se tem de uma pessoa acamada, abatida, que tende a estar na posição horizontal. Daí a relação *para cima x para baixo*. Assim, conclui-se que quando se está *para cima*, tudo está bem, ao passo que quando se está *para baixo*, as coisas vão mal.

Vejam algumas expressões metafóricas de orientação *para cima/para baixo*:

FELIZ É PARA CIMA

Hoje eu estou me sentindo *para cima*.

Aquele fato *levantou* minha autoestima.

Ela tem um *alto-astral* extraordinário!

Pensar em boas lembranças me *levanta* o ânimo.

TRISTE É PARA BAIXO

Estou me sentindo *para baixo*.

Estou *deprimido*.

⁹[...] es difícil distinguir las bases físicas de las culturales en una metáfora, ya que la elección de una base física entre muchas otras posibles tiene que ver con la coherencia cultural.

Caí em lágrimas devido à grande perda que tive.

Ele está *no fundo do poço*.

Abaixo, mais alguns exemplos de metáforas orientacionais e respectivas expressões metafóricas. Estes, dados por Lakoff e Johnson (1986):

TER CONTROLE OU FORÇA É PARA CIMA; ESTAR SUJEITO A CONTROLE OU FORÇA É PARA BAIXO. (LAKOFF E JOHNSON, 1986, p. 52)

Tenho controle *sobre* ela.

Estou *por cima* da situação.

Está em uma posição *superior*.

Está no *mais alto* escalão.

Cresceu seu poder.

É *superior* a mim em força.

Caiu do poder.

Seu poder está em *declive*.

É socialmente *inferior* a mim.

Partindo desses pressupostos, podemos chegar à conclusão de que boa parte dos conceitos que construímos em nossa mente não se constroem de maneira arbitrária, pelo contrário, estão baseados em nossas experiências físicas e culturais, suportes imprescindíveis na construção do nosso sistema de conceitualizações.

Além das metáforas estruturais e orientacionais, existem também as metáforas ontológicas na TMC, sobre as quais discorreremos a seguir.

1.4.3. Metáforas ontológicas

As metáforas ontológicas caracterizam-se por organizar conceitos com base na nossa experiência física em interação com o mundo que nos cerca, o que nos possibilita ter uma base conceitual que vai além da mera orientação, pois essa organização nos propicia explicar conceitos abstratos como objetos ou substâncias, atribuindo-lhes características específicas, o que nos auxiliaria a quantificá-los, agrupá-los e categorizá-los.

Por exemplo: a metáfora ontológica INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE nos possibilita pensar a inflação como objeto/coisa concreta e daí construirmos as seguintes expressões metafóricas:

A longo prazo, a *meta* da inflação do Brasil será de 3%;

Vamos *levar* a inflação para uma *meta* parecida com outros países emergentes.

Entre 1990 e 1994 o país viveu uma inflação *descontrolada*, chamada de *hiperinflação*.

Desse modo, referimo-nos ao fenômeno abstrato *inflação* como se fosse um objeto que pudesse ter uma localização no espaço.

Há ainda outros exemplos e funções das metáforas ontológicas, como mostram Lakoff e Johnson (1986, p. 65):

a) QUANTIFICAR

Será necessária *muita paciência* para terminar este livro.

Há *demasiada hostilidade* dentro de ti.

b) ESTABELEECER METAS E MOTIVAÇÕES

Venho a Nova York *em busca de fama e fortuna*.

Vou mudar meu modo de vida, para *encontrar a verdadeira felicidade*.

Segundo os autores, podemos dizer, portanto, que as metáforas ontológicas são metáforas que geralmente tomam ENTIDADE como domínio fonte (aquele a partir do qual conceitualizamos alguma coisa metaforicamente). Contudo, também existe outro tipo de metáfora ontológica, mais específica, na qual a entidade particular tomada como domínio fonte é PESSOA. Trata-se da metáfora de personificação, de que trataremos a seguir.

1.4.3.1. Metáforas de Personificação

No tocante às metáforas de personificação, Lakoff e Johnson afirmam que são um dos tipos mais produtivos de metáforas ontológicas. Elas nos permitem compreender uma ampla diversidade de experiências com entidades não humanas em termos de motivações, características e atividades humanas. Para exemplificar a

configuração desse tipo de metáfora em expressões metafóricas, citam alguns exemplos, como: “Sua *religião* lhe *disse* que não pode beber vinhos franceses”, “Finalmente, o *câncer* o *alcançou*”, “a *inflação* tem *nos colocado contra a parede*”, etc. (LAKOFF E JOHNSON, 1986, 2015, p. 71).

Podemos observar, em cada um dos exemplos, o seguinte: algo que não é humano assume características humanas. Os autores ressaltam que o importante é saber que a personificação é uma categoria geral que cobre uma ampla gama de metáforas e cada uma delas seleciona aspectos diferentes de uma pessoa e as formas de ver uma pessoa. Mas o que elas têm em comum, vale asseverar, é que todas são extensões de metáforas ontológicas, o que nos permite dar sentido a fenômenos do mundo em termos humanos.

Diante das considerações postas e exemplos dados, podemos depreender que Lakoff e Johnson (1986) deixaram claro o porquê de a metáfora não ser mais considerada apenas um recurso ornamental, utilizado apenas por poetas, precisamente porque ela é um fenômeno central da linguagem e do pensamento, pois, como afirmam Macedo *et al.* (2009, p. 46):

A Teoria da Metáfora Conceitual enquadra-se dentro dos pressupostos teóricos da semântica cognitiva, que nega as asserções do paradigma objetivista em favor de uma visão experientialista da cognição, na qual os conceitos são definidos primariamente em função de propriedades interacionais baseadas na percepção humana, tais como concepção de forma, espaço, função, dimensão e movimento e não a partir de qualidades inerentes aos objetos, conforme enfatizado pela visão objetivista.

E ressaltam, ainda, que

[...] o paradigma experientialista apregoa que o significado gera-se a partir das experiências de natureza sensório-motora que o indivíduo mantém com o ambiente que o cerca ao longo do seu desenvolvimento cognitivo. Segundo a semântica cognitiva, o significado linguístico não é arbitrário porque decorre de esquemas sensório-motores internalizados a partir de nossas experiências corpóreas com o mundo. (MACEDO *et al.*, 2009, p. 46)

Postas essas contribuições sobre o tema ora abordado, entendemos que a Teoria da Metáfora Conceitual trouxe grandes inovações ao estudo da metáfora, sobretudo por incluir a importância do contexto, da cultura e, acima de tudo, da cognição, na compreensão das expressões metafóricas. A linguagem cotidiana recorre frequentemente a essas expressões, que são compreendidas como sinais do

pensamento de uma pessoa que, na maioria das vezes, faz uso de metáforas de modo inconsciente, afinal, este processo é inerente ao seu próprio pensamento. Assim, entendemos que a busca por expressões metafóricas no universo do caranguejo no Maranhão pode nos revelar algo muito interessante: a capacidade de denominação de conceitos desse universo por profissionais que lidam com a extração, o processamento e a comercialização do caranguejo a partir de conceitos e palavras que já lhes são familiares.

Na próxima seção, trataremos da importância do caranguejo no país e de seu valor econômico e cultural no Maranhão, motivo pelo qual o consideramos para a realização desse estudo.

2. “CARANGUEJO UÇÁ, CARANGUEJO UÇÁ, APANHO ELE NA LAMA E BOTO NO MEU CAÇUÁ”: a importância do caranguejo, em aspectos ecológico, econômico, social e cultural

O título dessa seção faz referência à música *Vendedor de Caranguejo* (ver letra no anexo 1), composta pelo humorista, compositor, radialista e cantor baiano Waldeck Artur de Macedo, conhecido popularmente como *Gordurinha*, e cantada, entre outros, por uma das maiores intérpretes do país, a artista mineira *Clara Nunes*. A letra, que também ganhou vida nas vozes dos artistas musicais nordestinos *Gilberto Gil* e *Zé Ramalho*, retrata a vida simples de um vendedor de caranguejo e também a importância do animal não só econômica, mas também identitária, para as pessoas que dele tiram o sustento familiar.

Nesta seção, esta é a nossa intenção: discorrer sobre a importância do caranguejo em seus aspectos ecológico e econômico no cenário brasileiro, ressaltando, também, a sua importância econômica e cultural para o Maranhão.

2.1. Caranguejo-Uçá (*Ucides Cordatus*): algumas informações relevantes

O Caranguejo-Uçá, também chamado de “caranguejo-verdadeiro”, “caranguejo-do-mangue”, “uçáuina” ou simplesmente “caranguejo”, é o caranguejo de maior interesse comercial dos manguezais brasileiros e também uma importante fonte de subsistência das populações litorâneas. Segundo estudos desenvolvidos por ambientalistas, estima-se que a coleta anual pode chegar a até sete toneladas por km² de área do mangue. Além de ser um importante recurso pesqueiro ao longo do litoral brasileiro, o caranguejo-uçá tem grande valia ecológica, pois participa do processo de ciclagem e retenção de nutrientes, sendo considerado um importante elemento na cadeia alimentar do manguezal e o responsável pelo consumo e degradação de mais da metade das folhas mortas produzidas nos mangues.

O *ucides cordatus* (nome científico dado à espécie), segundo informações do site *Planeta Invertebrados*, pode ser encontrado desde a Flórida, Estados Unidos, até o Uruguai, se estendendo por todo o litoral brasileiro. Vive nos manguezais, sob as árvores, e em terrenos alagadiços, entocado em galerias subterrâneas individuais que podem chegar a até dois metros de profundidade,

onde permanece durante a maré alta, e alimenta-se basicamente de folhas do mangue em decomposição.

Caranguejo tem origem no Espanhol e significa “designação comum às espécies de crustáceos decápodes, branquiúros, de pernas terminadas em unhas pontudas. São todos caranguejos, salvo aqueles cujas últimas pernas terminam em nadadeiras”. Já *Uçá* tem origem no Tupi, "u'sa", e significa: “espécie de crustáceo decápode, branquiúro, da família dos gergacinídeos, semelhante ao guaiamu (*Cardisoma guanhum*), espécie de caranguejo menor que o *ucides cordatus*, de coloração verde-azulada no dorso, e pernas avermelhadas, muito peludas, encontrado comumente no Brasil, de PE a SP. *Ucides* tem etimologia incerta, o sufixo *-ides* em latim indica "filho de", ou "derivado de". Possivelmente significa que é um gênero derivado de Uçá. E *cordatus* vem do latim *cordis* (coração) e do sufixo latino *-atus* (com características de). Desta forma, *cordatus* poderia ser traduzido como “em forma de coração”.

Ainda segundo o site *Planeta Invertebrados*, os primeiros registros que tratam da existência do caranguejo no Brasil são bastante antigos. Foram realizados por exploradores portugueses e jesuítas, como Jean de Léry (1578), no século XIV, e as primeiras referências oficiais do animal foram feitas em 1587 pelo cronista Gabriel Soares de Souza em sua obra intitulada *Tratado descritivo do Brasil*, por meio da qual fornece, com base em seus estudos e observações, valiosas informações sobre a fauna, a flora, os acidentes geográficos, os povos nativos e engenhos da costa do Brasil, principalmente no estado da Bahia.

2.2. Reprodução e preservação da espécie

O *ucides cordatus* atinge maturidade sexual aos 3 anos, com cerca de 5,2 cm de largura de carapaça para os machos, e 4,3 cm para as fêmeas. O período reprodutivo compreende geralmente dezembro e os três primeiros meses do ano, quando nas épocas de marés baixas os animais saem de suas tocas para se reproduzirem. Nessa época, denominada comumente de “andada” ou “carnaval”, a coleta é proibida por leis, que variam de estado para estado, e controlada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) devido à grande quantidade de caranguejos fora das tocas durante o evento reprodutivo, o que facilita significativamente a captura por catadores.

O interesse por combater a coleta ilegal do animal é tão evidente que diversas operações são realizadas em vários estados brasileiros. Em 2016, por exemplo, foi executada em Pernambuco uma operação para combater a coleta, o comércio e o transporte ilegal do caranguejo-uçá. Naquela ação foram apreendidos 10,4 mil caranguejos e guaiamuns¹⁰ vivos. Em outra intervenção, também naquele ano e realizada no Maranhão, a fiscalização do IBAMA apreendeu uma embarcação, 4,5 mil caranguejos vivos, 30 abatidos e 160 kg de carne de caranguejo beneficiada.

Já em janeiro de 2017 os Ministérios do Meio Ambiente (MMA) e da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) publicaram no Diário Oficial da União (DOU) a Instrução Normativa Interministerial nº 6, que estabelece medidas de proteção ao caranguejo-uçá durante o período da "andada", que entre os anos de 2017 e 2018 pode ocorrer de novembro a março, com picos em janeiro, iniciando-se comumente um dia após a lua nova ou cheia e podendo se prolongar por até seis dias. O documento emitido pelos órgãos supramencionados consiste na proibição da captura, transporte, beneficiamento, industrialização e comercialização do crustáceo em 10 estados da região nordeste do país, incluindo o Maranhão.

No tocante à preservação da espécie – evidentemente por sua importância ecológica e também econômica para o país –, estudos revelam que há indícios de que, infelizmente, o crustáceo esteja em processo de extinção em algumas áreas do nordeste do país devido à crescente ação predatória humana, como a retirada de madeira do mangue, construções irregulares, despejo de esgoto *in natura*, pesca predatória (caranguejos sendo capturados quando estão trocando a carapaça ou quando estão no período de reprodução), ou ainda porque são consumidos precocemente – o tamanho mínimo para captura permitido pela legislação e também de acordo com a experiência de catadores é de 6 cm de largura do cefalotórax.

Sobre essa situação, Diele (2000, *apud* Silva, 2002, p. 26) ressalta:

Apesar de que a extinção do caranguejo-uçá seja uma possibilidade bastante remota, uma vez que a espécie é bastante prolífica e rústica, há que se considerar que o aumento do esforço de captura sobre esse recurso tende a fazer com que o tamanho médio dos indivíduos capturados diminua. Essa diminuição, por sua vez, acarretaria em perda do valor do produto ou

¹⁰ Grande caranguejo da família dos gecarcinídeos (*Cardisoma guanhumi*), encontrado da Flórida ao Brasil (até SP), em lugares lamacentos, próximo ao mar; de carapaça azul, com cerca de 10 cm e quelas desiguais. GRAM fem.: *pata-choca*. ETIM orig. contrv.; tupi *gaiiá-m-u* 'caranguejo preto ou azulado. VAR. Guaiamum. (HOUAISS, 2001, p. 1488).

até mesmo à sua inadequação comercial, agravando ainda mais a situação social das populações que dependem desse recurso.

A boa notícia é que biólogos, considerando essa realidade, têm desenvolvido projetos cujo objetivo principal é fomentar a reprodução em cativeiro em grande escala, com fins de repovoamento, uma técnica que, segundo Silva (2002, p. 27),

Possui um caráter eminentemente socioeconômico, em que o objetivo estaria mais voltado à recuperação do recurso pesqueiro e da atividade econômica envolvida na sua extração do que propriamente a recuperação ambiental, de uma maneira mais holística.

Contudo, o pesquisador ressalta que, de maneira indireta, tal técnica contribui com a recuperação e preservação ambiental dos mangues.

Outra questão importante que contribui para a preservação do animal é a consciência dos catadores de caranguejo de não realizarem a cata das fêmeas por serem reproduzidas em quantidade muito inferior à de caranguejos machos. Todavia, ainda que a maioria dos catadores tenham essa consciência, Gusmão (2003, *apud* Cavalcante *et al.*, 2011, p. 91), em estudo realizado em comunidades do município de Raposa/MA, verificou que, no universo de catadores entrevistados, “9,8% atribuem a não cata de fêmeas ao baixo preço atribuído no mercado comercial”.

Como pudemos observar nos parágrafos anteriores, o caranguejo-uçá é, reconhecidamente, um animal de grande relevância para o país, tanto em seu aspecto ecológico, quanto econômico. A seguir, trataremos de sua relevância no contexto maranhense.

2.3. Aspectos socioeconômicos e culturais do caranguejo no Maranhão: São Luís e Araisos

A ilha de São Luís e o município de Araisos/MA são localidades do nordeste brasileiro onde a extração do caranguejo movimenta a economia local e tem seus reflexos na cultura dessas localidades. Na teia produtiva, se destacam diferentes agentes: catadores, atravessadores, feirantes, consumidores, comerciantes de bares, restaurantes e empresas.

Assim como em outras regiões do país, as condições de trabalho dos catadores de caranguejo maranhenses são bastante dificultosas: adentram os manguezais, à procura do crustáceo, e lá permanecem longas horas, estando sujeitos a vários tipos de acidente, desde a picada de insetos até cortes profundos nos pés, geralmente provocados pelas raízes dos mangues.

Segundo pesquisa realizada por Cavalcante *et al* (2011) no município de Araiões/MA, os catadores de caranguejo têm em média 33,3 anos de idade e 17,3 anos na atividade de cata do crustáceo. A pesquisa aponta, ainda, que a atividade é iniciada muito cedo (entre 10 e 15 anos de idade), que as moradias comumente são de taipa e alvenaria em condições precárias e que o número de filhos varia de 2 a 9 por família. No que concerne ao nível de escolaridade, a mesma pesquisa revela que o grau de instrução dos profissionais é baixo, sendo que 80% possuem apenas as séries iniciais do Ensino Fundamental e 20% são analfabetos.

Sobre essa variável, já na Ilha de São Luís, o Professor *Jean Carlos Costa Soares*, geógrafo e mestre em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Piauí, Teresina, em entrevista a um jornal da capital maranhense, ressaltou que “os catadores de caranguejo do povoado Carnaubeiras, em sua maioria, são compostos por analfabetos, muitos deles jovens que abandonaram a escola, em média, aos onze anos de idade para ajudar o chefe de família na coleta do crustáceo”.

Em outras localidades da Ilha de São Luís – Comunidades de Itapéua e Cumbique, no município de Raposa – Gusmão (2003, *apud Cavalcante et al.*, 2011, p. 93) verificou que os níveis de analfabetismo chegam a 80% e a renda não chega a ser de dois salários mínimos para 30% dos catadores entrevistados. Tais índices de analfabetismo – também verificado no povoado de Mocajituba – se justificam principalmente pela evasão escolar devido à necessidade de se trabalhar na coleta desde cedo, pela falta de incentivo aos estudos por parte dos pais e pela constituição familiar em idade escolar.

Além das dificuldades que enfrentam diariamente durante o desempenho da atividade de extração, os ganhos dos catadores com a comercialização do caranguejo-uçá são muito baixos, pois trabalham no mínimo quatro dias na semana, com média de seis horas por dia e renda mensal que comumente varia entre R\$250,00 a R\$ 500,00, podendo chegar ao limite de R\$ 1.000,00.

Ainda nesse contexto, no que concerne à importância da preservação do animal no Estado, Flávia Mochel, professora e pesquisadora do Departamento de

Oceanografia e Limnologia da Universidade Federal do Maranhão, em entrevista concedida ao site da UFMA, afirmou que proteger a reprodução do caranguejo-uçá é importante por vários motivos, dentre eles o seu direito natural de viver, pois é um componente da biodiversidade do planeta, e por ter bastante importância econômica.

Sobre tal importância, ressalta:

O caranguejo é um recurso alimentar de grande representatividade em comunidades do litoral brasileiro. Há muitas receitas tradicionais e comidas típicas. A manutenção da espécie garante a biodiversidade ambiental, cultural e social, garantindo que as pessoas comam, comercializem e mantenham suas crenças. Esse recurso faz parte da economia de mercado no litoral brasileiro e o Maranhão é líder na maior área de manguezal e, conseqüentemente, em quantidade de caranguejos.

Ainda alerta a pesquisadora: "mais de 100 mil famílias maranhenses vivem do recurso do caranguejo. A perda desse patrimônio não é só uma perda ambiental, mas econômica, social e de proteção alimentar", concluiu.

No tocante ao aspecto cultural do produto, estudos apontam que o caranguejo-uçá tem herança indígena e é, evidentemente, um dos produtos de destaque quando o assunto é culinária maranhense.

O crustáceo, há muitos anos, está na mesa de maranhenses aos fins de semana e é motivo de desculpa para amigos se reunirem. Sem dúvida, é uma das estrelas que compõem os cardápios praianos e de restaurantes especializados em mariscos da capital maranhense. Os turistas que pela Ilha de São Luís passam, sempre procuram conhecer o famoso caranguejo *toc-toc*, que sempre é bem servido ao longo de toda a orla, dos restaurantes mais simples aos mais sofisticados. Além da tradicional caranguejada – caranguejos cozidos nos tachos e servido com arroz de toucinho, pirão, farofa e vinagrete –, outras receitas marcam a sua importância na culinária maranhense: *torta de caranguejo*, *casquinha de caranguejo*, *patinha de caranguejo empanada*, dentre outras iguarias, e, mais recentemente, a pizza de caranguejo, uma receita idealizada por cozinheiros da Pizzaria Maggiorasca, na capital maranhense. Segundo o site "g1.com", essa iguaria foi, inclusive, levada para a Copa Brasileira das Pizzarias, chegando ao 7º lugar, depois de disputar com mais de 300 casas. Atualmente, é uma das pizzas mais apreciadas na capital, estando à frente, inclusive, da pizza de camarão.

Em Araióses/MA, além do consumo comum local, no mês de setembro é realizado o *Festival do Caranguejo*, evento que movimenta tanto a economia quanto o turismo do município.

Como pudemos verificar, o caranguejo é, de fato, um produto de grande relevância para o país e também para o Maranhão, em vários aspectos. Também pudemos observar, nessa seção, a partir de pesquisas realizadas por biólogos, que, infelizmente, o produto pode correr risco de extinção em alguns pontos da região nordeste do país, o que é um dado preocupante, pois com essa perda, perderemos profissionais atuantes e, conseqüentemente, valiosíssimas informações desse universo lexical ao longo do tempo, o que também aponta a necessidade da realização de pesquisas no âmbito dos estudos da linguagem, como esta que ora apresentamos.

Na próxima seção, discorreremos sobre a metodologia aplicada neste estudo, apresentando as escolhas metodológicas que fizemos para a constituição do *corpus* e para a seleção das metáforas existentes no universo investigado.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa baseada nos pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria da Metáfora Conceitual, que revela que nosso sistema conceitual é em grande medida metafórico e desempenha um papel central na definição de nossas realidades cotidianas.

3.1. Pesquisa bibliográfica e documental

Para desenvolver este trabalho, consultamos livros, revistas, artigos, teses e dissertações que têm como base teórica e metodológica a metáfora, com ênfase, principalmente, na perspectiva cognitivista. Nesse sentido, tomamos como base, por exemplo, os trabalhos de Almeida (2001), Coimbra (2012), Costa (2007), Farias (2012), Feltes (2012), Fossile (2011), Gondim (2012), Lakoff e Johnson (1986), principalmente, além de Macedo (2009), Oliveira (2011), Sardinha (2007), Serra (2015), Vereza (2012) e Vilela (2002). Além desses materiais bibliográficos, tivemos acesso a bibliografias no âmbito da Linguística Cognitiva, como por exemplo Abreu (2010), Ferrari (2014) e Martelotta e Palomanes (2013), e também fizemos pesquisa documental em material técnico sobre o caranguejo, produzidos por Cavalcante *et al* (2011), Costa (2013), Gomes (2011), Igarashi (2005), Soares e Gomes (2016), dentre outros.

3.2. Delimitação do *corpus*

3.2.1. Seleção e constituição do *corpus*

Para a seleção e constituição do *corpus* consideramos tanto o *Glossário de Termos do Universo do Caranguejo: São Luís e Araiões* quanto as 14 entrevistas realizadas nos municípios maranhenses de São Luís e Araiões, nos anos de 2007 e 2008, pela autora do trabalho ora apresentado, durante a execução de projeto de pesquisa de iniciação científica, cuja finalidade foi “fotografar”, por meio de um glossário, a linguagem específica de catadores, catadeiras de caranguejo¹¹ e

¹¹ Catadeira de caranguejo é a denominação dada às mulheres que trabalham, exclusivamente, com a extração da carne de caranguejo já cozida. Assim elas se autodenominam. Até onde pudemos verificar, essa atividade é feita, exclusivamente, por mulheres, ao passo que a ocupação de catar o

vendedores de caranguejo das localidades supracitadas. Já no presente trabalho, a pesquisa ganhou um novo enfoque: a partir da análise do corpus constituído, fizemos um levantamento das metáforas presentes na fala dos catorze profissionais entrevistados, que tiram seu sustento da catação, do processamento ou da comercialização do caranguejo, e com isso intentamos tanto explicar a motivação dessas metáforas no discurso desses profissionais, quanto evidenciar como eles compreendem o significado dessas construções a partir de suas experiências com o mundo, além de confirmar que a metáfora está presente, também, em domínios do saber decorrentes de experiências empíricas do cotidiano.

3.2.2. Perfil dos informantes

Foram selecionados dois grupos: homens que tiram seu sustento da atividade de catação do caranguejo do mangue e da comercialização desse produto, e mulheres, conhecidas como *catadeiras de caranguejo*, que se ocupam exclusivamente do processamento da carne do caranguejo (extração da carne do caranguejo, após seu cozimento), embalagem do produto em sacos plásticos e acondicionamento em freezer. Para selecionarmos esses profissionais, levamos em consideração o seguinte perfil: maiores de 18 anos, conforme legislação trabalhista vigente, sem estabelecermos limite de idade em decorrência da dificuldade de encontrarmos profissionais do ramo para realizar as entrevistas (a maioria dos informantes que concederam as entrevistas realiza trabalho autônomo e foram indicados por pessoas que os conheciam previamente). Além do fator *idade*, os informantes selecionados deveriam trabalhar na atividade há mais de cinco anos, pois assim, supomos, dominariam as lexias utilizadas pelo universo investigado em contextos laborais. Também deveriam ser nativos dos municípios, a fim de que pudéssemos fotografar as realidades linguísticas das duas localidades.

3.3. Instrumentos da pesquisa

Para a realização das entrevistas, em 2007/2008, utilizamos uma *ficha do informante* contendo dados pessoais do informante, como nome, sexo, idade, local

caranguejo no mangue, por seu turno, é feita por homens, que são denominados catadores de caranguejo.

de nascimento, endereço, escolaridade, estado civil e profissão (ver anexo 4). Além da *ficha do informante*, utilizamos o questionário semântico-lexical com perguntas referentes a três campos semânticos: coleta, processamento e comercialização do caranguejo (ver apêndice 1).

3.4. Tratamento e análise do material

As entrevistas, realizadas em 2007 e 2008, foram gravadas em fita cassete e identificadas com os seguintes dados: nome do projeto, nome do informante, data da aplicação do questionário e localidade pesquisada. Em 2015, os arquivos gravados nessas fitas foram convertidos em CD por duas razões: para que as fitas não fossem danificadas durante manipulação, em decorrência do tempo em que foram gravadas e armazenadas no banco de dados, e para que a escuta do material sonoro e revisão da transcrição ocorresse da maneira mais rápida e audível possível, razão pela qual o arquivo foi convertido em faixas.

Uma vez catalogado o material, foi feita nova transcrição, na íntegra, dos dados das duas localidades seletadas.

3.5. A seleção das metáforas no léxico do caranguejo

Para a identificação e seleção de metáforas conceituais no léxico do caranguejo, realizamos um trabalho manual, ou seja, manipulamos tanto o *Glossário de Termos do Universo do Caranguejo: São Luís e Araisos* quanto as 14 entrevistas realizadas nas localidades mencionadas anteriormente. Para tanto, procedemos com as leituras sobre metáfora, com maior enfoque sobre a “teoria âncora” desse estudo, a Teoria da Metáfora Conceitual, a fim de conceber as classificações de metáfora nessa teoria e identificá-las à luz dos dados. Após o estudo exaustivo desse material bibliográfico, fizemos a leitura e a análise de todo o glossário e de todas as transcrições realizadas, a fim de selecionarmos as candidatas a metáforas conceituais e extrairmos os contextos em que essas metáforas foram identificadas. É pertinente ressaltar que também lançamos mão do dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), para verificarmos os traços semânticos de cada metáfora selecionada do *corpus* examinado, a fim de

aclararmos cada um dos exemplos apresentados na seção que trata da análise dos dados.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Vimos na seção 1 que a metáfora, durante muito tempo, se conformava como uma expressão linguística de natureza figurada, que poderia ser substituída por qualquer outra expressão linguística com sentido literal, sem que houvesse perda de significado na frase com conteúdo metafórico. Contudo, Lakoff e Johnson, com o desenvolvimento e divulgação da Teoria da Metáfora Conceitual, na década de 80, século XX, quebraram esse paradigma ao comprovarem que, na realidade, as metáforas estão presentes em nosso cotidiano, em nossa mente e resultam de nossas experiências e da cultura em que estamos imersos, motivo pelo qual são construídas, até, de modo inconsciente. Em outros termos, na visão de Lakoff e Johnson, as metáforas não são nem extraordinárias (usadas por um grupo minoritário), nem apenas um recurso da imaginação poética e da retórica.

Além disso, ficou claro também, a partir dessa teoria, que em metáfora não há apenas uma mera transposição de sentido de uma categoria isolada para outra categoria de um domínio diferente, pelo contrário, a metáfora se estabelece a partir de uma analogia sistemática entre dois domínios: o domínio-fonte, aquele a partir do qual conceitualizamos alguma coisa metaforicamente, e o domínio alvo, aquele que desejamos conceitualizar.

À luz dessa teoria, então, objetivamos identificar metáforas na fala de 14 profissionais que tiram seu sustento da catação, do processamento ou da comercialização¹² do caranguejo em São Luís/MA e Araisos/MA, a fim de explicarmos como essas metáforas vêm à tona no discurso desses profissionais a partir de suas experiências com o mundo, além de mostrarmos que estão presentes, também, em domínios do saber decorrentes de experiências empíricas do cotidiano.

¹² A catação e a comercialização do caranguejo são atividades desempenhadas geralmente por homens, ao passo que o processamento – atividade de extração da carne do caranguejo já cozido – é uma atividade desempenhada, exclusivamente, por mulheres, até onde pudemos verificar.

4.1. A metáfora na oralidade de catadores, catadeiras e vendedores de caranguejo maranhenses

A partir da análise das 114 lexias que compõem o *Glossário de Termos do Universo do Caranguejo: São Luís e Araiões*¹³ e das 14 entrevistas realizadas com profissionais desse universo, selecionamos 25 metáforas extraídas do discurso oral desses profissionais, que correspondem aos três níveis de metáfora propostos por Lakoff e Johnson (1986): metáforas estruturais, metáforas orientacionais e metáforas ontológicas e, ainda, às metáforas de personificação (que são extensões das metáforas ontológicas, como já vimos na subseção 1.4.3.1).

Para aclararmos cada um dos exemplos encontrados e que nessa seção serão abordados, lançamos mão do dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001)¹⁴, para verificarmos os traços semânticos de cada metáfora selecionada do *corpus* examinado; das entrevistas realizadas, a fim de apresentarmos os contextos em que essas metáforas foram utilizadas, e também e figuras, sempre que necessário foi apresentá-las ao longo das explicações.

A partir do *corpus* analisado, observamos que nesse universo predominou o uso de metáforas motivadas pelo domínio humano, resultantes da metáfora de personificação O CARANGUEJO É UM SER HUMANO. Também foram identificadas metáforas motivadas por mais oito domínios-fonte, a saber: domínio das aves, domínio do lazer, domínio das ocupações, domínio das ferramentas, domínio botânico, domínio imobiliário, domínio da culinária e domínio espacial, que detalharemos mais adiante.

Observamos ainda que os dados também revelaram a ocorrência da metáfora orientacional ANDAR PARA TRÁS É INVOLUIR, que decorre da expressão metafórica “Andar para trás feito caranguejo”, e das metáforas ontológicas. A MENTE É UM RECIPIENTE e LUGAR É UMA ENTIDADE, como veremos mais detalhadamente nas próximas subseções.

¹³ RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; MOREIRA, Luciana Araújo Moreira. *Glossário de termos do universo do caranguejo: São Luís e Araiões*. São Luís: FAPEMA, 2009.

¹⁴ O Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, elaborado pelo lexicógrafo brasileiro Antônio Houaiss, levou 15 anos para ser realizado, dos quais dez de trabalho efetivo. Nele trabalharam 34 redatores generalistas e especialistas, e 43 colaboradores externos. Contou-se ainda com a cooperação de colaboradores de Portugal, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e Moçambique. A escolha por esse dicionário para a realização das consultas para esse estudo decorre de seu prestígio, estando ao lado do Dicionário Aurélio e do Dicionário Michaelis.

4.1.1. Detalhamento das metáforas encontradas no discurso oral de profissionais que lidam com o universo do caranguejo

No universo do caranguejo, deparamo-nos com 25 metáforas, motivadas por nove domínios-fonte. Dessas 25 metáforas, 21 são, especificamente, unidades lexicais metafóricas¹⁵ e quatro são expressões metafóricas¹⁶. Dentre os nove domínios, aquele que se mostrou mais produtivo, em nosso *corpus* de análise, foi o domínio humano, devido à frequência de uso de metáforas associadas ao ser humano para se referir ao caranguejo, como mostram os percentuais no gráfico a seguir.

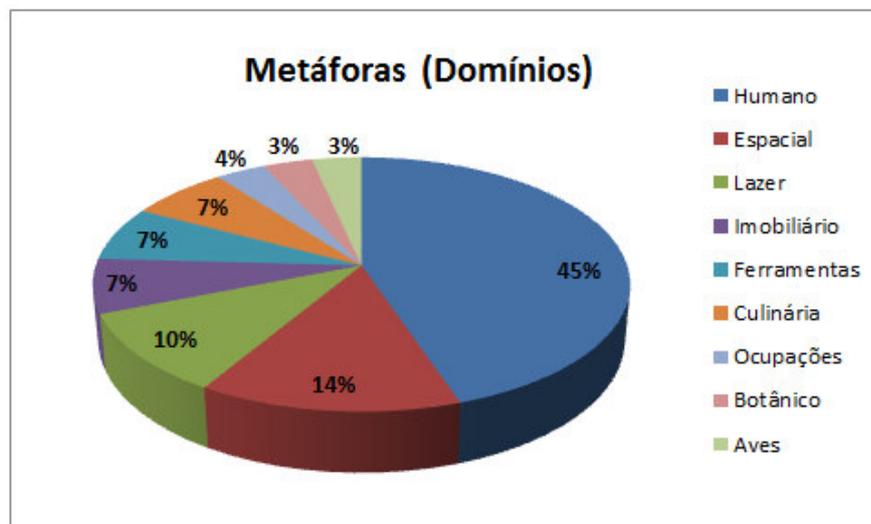


Gráfico 1 - Domínios correspondentes às metáforas selecionadas do *corpus*

4.1.1.1. Das metáforas de personificação

As unidades lexicais metafóricas destacadas do discurso oral dos profissionais que lidam com o caranguejo, decorrentes do domínio humano e, por conseguinte, da metáfora de personificação O CARANGUEJO É UM SER HUMANO, são: peito, barriga, estômago, unha, unha minguim, perna, dedo, pé, junta, grávida, namorar, brincar, vadiar e trabalhar.

Por meio dessas unidades lexicais metafóricas, pudemos perceber que esses profissionais identificaram na morfologia externa do caranguejo características

¹⁵ Palavras metafóricas, como “alicate”, “pinça”, “unha”.

¹⁶ Expressões com conteúdo metafórico, como “andar para trás feito caranguejo”.

físicas humanas, pois conceitualizaram os componentes do corpo do crustáceo a partir da similaridade visual que estabeleceram com o corpo humano.

A primeira unidade lexical metafórica que revela no animal características humanas é **peito** – parte inferior do caranguejo à qual se prendem as unhas e as patas e onde fica alojado o filé, que é tirado com a ponta de uma faca pequena ou com um garfo. (RAMOS e MOREIRA, 2009, p. 24 - GLOSSÁRIO). Essa unidade apareceu com frequência no *corpus* analisado e foi eleita por profissionais que lidam com o caranguejo para designar o que na morfologia externa do crustáceo é conhecido por abdome. Para entendermos o porquê da escolha dessa unidade lexical metafórica, verificamos suas acepções no dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), a fim de entendermos as relações estabelecidas entre peito e o nome atribuído cientificamente à parte do corpo do animal, e verificarmos se as denominações dadas teriam similaridades. É o que averiguaremos a seguir.



Figura 1 - Abdome do Caranguejo

Fonte: Projeto “Caranguejo Uçá” (<http://projctocaranguejouca.blogspot.com.br/2012/07/voce-sabe-como-diferenciar-o-macho-de.html>)

Para explicar tal escolha, do dicionário selecionamos a seguinte acepção de peito: “Cada um dos seios femininos” (HOUAISS, 2001, p. 2168). Verificamos nos dados esse traço de semelhança estabelecido entre abdome e peito a partir das entrevistas realizadas e, a seguir, apresentamos um contexto que evidencia essa relação de similaridade.

Contexto 1: Transcrição 1. Informante: FPC, M, catador de caranguejo, 52 anos. Raposa/MA, 12/5/2007.¹⁷

¹⁷ A numeração das transcrições está organizada de acordo com as datas em que as entrevistas foram realizadas; as letras maiúsculas correspondem ao nome e sobrenome do informante, que assim seguem para preservar sua identidade; as letras M ou F, representam o sexo; em seguida apontamos a profissão, a idade, a localidade e a data da realização da entrevista. Essa especificação antecede todos os exemplos abordados na análise dos dados. Quanto à numeração de contextos,

INQ: E as partes do caranguejo, como elas se chamam? Como são chamadas as partes dele?

INF: É **peito**, a presa, as patas dele.

INQ: E o que é o peito?

INF: A presa bem do meio dele tem uma divisão nele aqui assim né, nele aqui assim aí até na hora de cê comê tem um divisão assim, ele se divide em dois quantos, em dois pedaços certinho.

INQ: Isso é o peito?

INF: É o que a gente chama, um **peito** pro lado e um **peito** pro outro. Porque se duas pessoa vai comê o caranguejo eles quebra bem no meio sai e pronto... tá aí fulano tu fica com um **peito** e eu fico com outro.

Como podemos verificar na fala do informante, o traço *divisão*, próprio do peito que compõe a estrutura do corpo humano, foi atribuído por ele àquilo que não conhece por abdome, ou seja, o informante encontra em sua própria estrutura física e de outros homens algo semelhante àquilo que vê na morfologia externa do crustáceo, que, no caso, é o que ele chama de peito. Abaixo, apresentamos mais uma figura e outro exemplo que evidenciam o traço *divisão*, marcante da conceitualização desse referente.



Figura 2 - Peito do caranguejo

Fonte: Glossário de termos do universo do caranguejo: São Luís e Araióses

Contexto 2: Transcrição 6. Informante: JVSA, M, catador e vendedor de caranguejo. Povoado de Carnaubeiras – Araióses, 16/10/2017.

INQ: Onde diz que tem mais carne nele, onde se concentra mais carne nele?

segue apenas como forma de organização da apresentação dos dados, podendo não necessariamente seguir a ordem das transcrições em termos de data da realização da entrevista.

INF: Na pata, né.

INQ: Mas tem alguma outra parte que também tenha muita carne que nem essa ou não?

INF: Tem **nos peito** do caranguejo.

INQ: O que seria esse peito do caranguejo?

INF: É o que separa, esse que é o **peito** do caranguejo.

No segundo contexto, vale ressaltar, também identificamos outra característica atribuída ao animal, porém, relacionada, nesse contexto especificamente, ao domínio das aves. Quando o informante afirmou que outra parte do caranguejo de onde também poderia se extrair muita carne era o “peito”, sua fala revelou outra informação que também encontramos no dicionário. Vejamos: “Peito. 7 ALIM. Carne do peito (acp. 2) de certas aves de rico valor alimentício <p. de frango grelhado>” (HOUAISS, 2001, p. 2168). No segundo contexto, verificamos que o informante atribuiu ao animal uma característica encontrada no corpo das aves. E isso é reforçado no *Glossário de termos do universo do caranguejo: São Luís e Araíoses* (2008), quando se diz que o peito é a “parte inferior do caranguejo à qual se prendem as unhas e as patas e onde fica alojado o filé, que é tirado com a ponta de uma faca pequena ou com um garfo”. (RAMOS e MOREIRA, 2009, p. 24 - GLOSSÁRIO). Como podemos ver, a palavra filé reforça a ideia da relação entre esse domínio e o domínio das aves, já que na nossa cultura se diz que a parte do animal de onde se tira bastante carne também é conhecida como filé.

Identificamos no *corpus*, ainda, um registro em que um informante se refere ao abdome como **barriga** e outro como **estômago**. Entendemos que tenha feito tais escolhas lexicais também devido à relação de similaridade que estabeleceu entre o abdome do caranguejo com o próprio corpo. Assim, vejamos: no dicionário, **abdome** é “1 ANAT. Parte do corpo humano e dos mamíferos situada entre o tórax e a pelve, que contém uma cavidade separada da cavidade torácica pelo diafragma e onde se aloja a maior parte dos aparelhos digestivo e geniturinário; barriga, ventre 2. ANAT. ZOO. Nos vertebrados, região ou cavidade do corpo que contém as vísceras, com exceção do coração e dos pulmões 3. ANAT. ZOO. Nos invertebrados, a parte posterior do corpo dos artrópodes e de alguns anelídeos da classe dos poliquetas” (HOUAISS, 2001, p. 12), ao passo que **barriga** é “1. m.q. Abdome. 2. Proeminência externa do abdome” (HOUAISS, 2001, p. 408), e **estômago** corresponde à “2 p.ext.

parte externa do corpo correspondente à região estomacal” (HOUAISS, 2001, p. 1257).

Ou seja, abdome e barriga, nesse caso, estabelecem relação sinonímica. Contudo, percebemos que **barriga**, assim como **ventre**, no dicionário, são registrados como variantes de **abdome** somente na anatomia humana e dos mamíferos. Para outras espécies, convencionou-se apenas a palavra abdome, o que reforça esse traço humano atribuído ao caranguejo pelo informante. Quanto à palavra **estômago**, supomos que o informante tenha feito relação com o local onde o órgão se localiza no corpo humano, estabelecendo uma relação de proximidade com **barriga**. A seguir, mostramos o contexto em que essa palavra foi empregada.

Contexto: Transcrição 10. Informante: JJSB, M, catador de caranguejo, 41 anos. Paço do Lumiar/MA, 21/3/2008.

INQ: E pra trazer o caranguejo de lá pra cá o senhor disse que tem que trazer no cofo. E lá o senhor vai botando de um a um sem amarrar sem nada, E pra matar o caranguejo, como é que se faz?

INF: Mete a faca bem na **barriga** dele aqui, no **estômago** dele aqui, esse peito dele aqui, mete a faca e mata ele, quando não o caboco joga ele dentro só que ele sai escaxelado assim, quebra bem no meio pra cozinhar.

O segundo dado que revela características humanas no caranguejo é **unha**, denominação dada por catadores e que na morfologia externa do caranguejo, como podemos ver na figura 3, recebe o nome de 5ª perna ou 5ª pereópode.

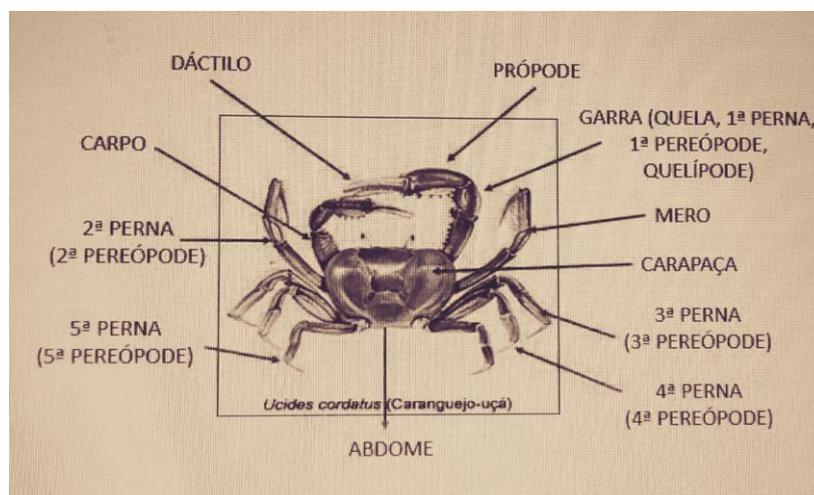


Figura 3 - Morfologia externa do caranguejo
Fonte: elaborada pela autora

É interessante verificar que o segundo nome convencional já aponta uma metáfora de personificação, já que 5ª pereópode também recebe o nome de 5ª perna, o que se explica pela similaridade de função desempenhada por ambos os referentes, que no caso são locomoção e sustentação do corpo. Mas, em se tratando de unha, verificamos que no dicionário unha significa “lâmina dura, formada de queratina, que recobre a última falange dos dedos e artelhos”. (HOUAISS, 2001, p. 2805). O traço “rigidez” atribuído à unha é também característico da 5ª pereópode, assim como outros traços, como forma (a unha humana é parte do dedo, é fina e, além disso, pode arranhar e ferir, assim como a unha do caranguejo). Além de **unha**, há também registros da 5ª pereópode como **unha minguim**, o que deixa mais evidente ainda a relação conceitual estabelecida entre o corpo do animal e o corpo humano, pois, como está dicionarizado, **minguinho** é variante de **mindinho**, que “1. diz-se do dedo mínimo 2. diz-se do que é pequenino ou menor do que outros 3. o dedo mínimo da mão” (HOUAISS, 2001, p. 1925). A seguir, apresentamos alguns contextos em que a unidade lexical metafórica unha foi marcada.

Contexto 1: Transcrição 12. Informante: RSC, M, vendedor de caranguejo, 28 anos. São Luís/MA.

INQ: E como se chamam as partes do caranguejo?

INF: A gente chama casco, as **unhas**, peito.

INQ: E a pata é o quê?

INF: É essas patas grandes assim do lado e as **unhas** é a bem pequenininha, as fininhas.

Contexto 2: Transcrição 11. Informante: RF, M, catador de caranguejo, 50 anos. Paço do Lumiar/MA, 21/3/2008.

INQ: E essas aqui fininhas?

INF: Essas são as pernas dele.

INQ: E o que eles chamam de unha?

INF: É justamente essas daqui, as fininhas.

INQ: E essa pontinha tem algum nome?

INF: É a **unha** dele.

Contexto 3: Transcrição 1. Informante: FPC, M, catador de caranguejo, 52 anos. Raposa/MA, 12/5/2007.

INQ: E aquela pequenininha, como é que o senhor chama?

INF: **Unha minguim** dele

INQ: Como é que chama?

INF: **Unha minguim** dele.

INQ: A menorzinha o senhor chama assim?

INF: É. A pequenininha mesmo.

Os próximos três dados relacionados à metáfora de personificação O CARANGUEJO É UM SER HUMANO, que serão expostos a seguir, são as unidades lexicais metafóricas **perna**, **dedo** e **pé**, nomes atribuídos à 2ª, à 3ª e à 4ª pereópode (ver figura 3, na página 51) por profissionais que lidam com o caranguejo. Como vimos anteriormente, **perna** é outro nome dado ao membro componente da morfologia externa do caranguejo, estabelecendo uma relação sinonímica com **pereópode**, que corresponde à parte do corpo do animal, provida de articulação e cujas funções principais são locomoção e sustentação do corpo. A seguir, apresentamos as acepções selecionadas do dicionário consultado, que fazem referência às três unidades lexicais utilizadas por catadores e vendedores de caranguejo para se referirem às 2ª, 3ª e 4ª pereópode e que também estabelecem relações com o corpo humano:

Perna

1. ANAT. HUM. Cada um dos apêndices de um animal, usado especificamente para o suporte do corpo e para a locomoção 2. cada um dos membros inferiores do corpo humano 2.1. parte do membro inferior ou posterior, situada entre o joelho e o tornozelo. (HOUAISS, 2001, p. 2193)

Dedo

1. ANAT. HUM. Cada uma das extensões finais, móveis e articuladas, das mãos e dos pés do homem. (HOUAISS, 2001, p. 924)

Pé

1. ANAT. HUM. Extremidade do membro inferior abaixo da articulação do tornozelo e terminada pelos artelhos, assentada por completo no chão, e que permite a postura vertical e o andar. (HOUAISS, 2001, p. 2158)

Como podemos observar, a partir das informações extraídas da obra lexicográfica consultada, foi possível identificar a relação de conceitos que os profissionais desse universo conseguiram estabelecer entre a pereópode, membro destinado à sustentação, articulação e locomoção na morfologia externa do caranguejo, com os membros do corpo humano, que também desempenham as mesmas funções. A seguir, apresentamos os contextos em que essas unidades lexicais metafóricas foram empregadas pelos profissionais:

Contexto 1: Transcrição 2. Informante: SPB, M, catador de caranguejo, 31 anos. Araisos/MA, 13/10/2007.

INF: O caranguejo ele tem o casco, tem as **perna**, tem a pata que a gente chama de presa e tem o peito que é aqueles dois lados dele, depois que você arriba a barguilha fica aqueles dois lado que chama peito do caranguejo.

INQ: E vocês chamam de pernas só aquelas mais finas?

INF: Aquelas fina. E aquelas que chama presa é as duas maior.

INQ: Pata ou presa é tudo a mesma coisa?

INF: É tudo a mesma coisa.

Contexto 2: Transcrição 11. Informante: RF, M, catador de caranguejo, 50 anos. Paço do Lumiar/MA, 21/3/2008.

INQ: E as partes do caranguejo como é que chamam?

INF: Esse daqui é o casco dele e esse aqui é o peito dele, e tem as duas patas que chama presa maior e presa menor.

INQ: E essas aqui fininhas?

INF: Essas são as **pernas** dele.

Contexto 3: Transcrição 7. Informante: AMSL, F, catadeira de caranguejo. Povoado de Carnaubeiras, 16/10/2007.

INQ: A senhora estava falando das partes do caranguejo, do umbigo, do peito e o que tem mais?

INF: Tem as patas e o casquinho dele.

INQ: Todas elas são chamadas de patas?

INF: Porque é assim tem **os dedos**, as duas patas da frente uma maior e outra menor.

Contexto 4: Transcrição 1. Informante: FPC, M, catador de caranguejo, 52 anos. Raposa/MA, 12/5/2007.

INQ: A menorzinha o senhor chama assim?

INF: É. A pequeninha mesmo. Porque vem a grande, a presa grande, vem o outro **dedo** menor, vem o outro e a última, essa daqui na tiração dele... sabia que tem um processo danado no tirá dele senão agarrá essas **pernas** dele tudinho e puxá e deixá essa pata aqui e quebrá assim ele morre? Morre.

Contexto 5: Transcrição 7. Informante: AMSL, F, catadeira de caranguejo. Povoado de Carnaubearas, 16/10/2007.

INQ: E pra matar o caranguejo, como é que as pessoas fazem

INF: Pra fazer o filé a gente põe o tacho no fogo, quando a água já tá querendo ferver a gente coloca as amarradas de caranguejo dentro, e pra fazer um almoço, um churrasco, uma coisa qualquer tem pessoas que sangra eles. Sangrá é colocar a faca entre o umbigo que não cai nenhum **dedo**. Ali você escova, tempera o caldo e coloca pra cozinhar todo escovadinho, limpinho.

O sexto dado a ser discutido – e que também concorre para a construção da metáfora de personificação O CARANGUEJO É UM SER HUMANO – é a unidade lexical metafórica **junta**, que estabelece relação conceitual com **mero**, nome dado à articulação do caranguejo, como está indicado na figura 3. A essa parte da morfologia do crustáceo foi dado esse nome, pensamos, em decorrência da relação estabelecida com o corpo humano no que diz respeito ao que é designado como a parte do corpo que tem função articulatória, que permite aos ossos se moverem, como os dedos das mãos. Essas articulações também recebem o nome de juntas.

Após realizarmos consulta no dicionário, dispomos a seguir as acepções de **junta**, que correspondem ao que ora discutimos e que tem relação direta com o estabelecimento de conceitos criado por esses profissionais, a partir de suas experiências com o corpo humano em comparação com a estrutura morfológica do caranguejo.

Junta

1. ANAT. HUM. O conjunto das superfícies e dos ligamentos que articulam dois ossos entre si; articulação, juntura. (HOUAISS, 2001, p. 1692)

Como podemos constatar, mais uma vez, os catadores de caranguejo se apropriaram do conceito que têm de **junta**, conceito este constituído a partir do conhecimento que eles têm de língua, de mundo e do próprio corpo, para denominar, compreender e explicar aquilo que não conhecem como mero, que é um termo técnico, vale ressaltar (os dados comprovam esse desconhecimento, pois não há um registro em que a palavra **mero** tenha sido empregada ou mencionada). A seguir, apresentamos o contexto em que a unidade lexical metafórica **junta** apareceu.

Contexto 1: Transcrição 5. Gravação realizada no local onde trabalham as catadeiras de caranguejo. Informante: F, quebradeira de caranguejo, Porto de Caieras – Araioses/MA, 16/10/2017.

INF: É a gente vai desdedando aí fica aquelas patas lá, aí a gente apara ela do bidongo.

INQ: E o que é esse bidongo?

INF: É o umbigo elevado, é aquela partezinha elevada fica...não sei se vocês já viram o meio e aquela outra partezinha sem ser a pata, aí a gente quebra bem nas **juntas** aí fica só as patas, aí as patas igual tiram pra botar pelo meio.

Contexto 2: Transcrição 9. Informante: JFS, M, catador de caranguejo, 47 anos. Paço do Lumiar/MA, 21/3/2008.

INQ: Se ele perder uma perna ele morre?

INF: Se entortar, mas e cair por ele mesmo, a gente puxar e cair por ele mesmo aquilo é normal, mas se puxar e ele ficar pra trás aquela **junta** dele já deslocou, já morre.

Ainda em se tratando da metáfora de personificação O CARANGUEJO É UM SER HUMANO, os dados coletados e estudados trazem à tona outra unidade lexical metafórica que revela mais uma característica humana, que na realidade diz respeito a um estado: gravidez.

A palavra **grávida**, no dicionário, significa “mulher gestante” (HOUAISS, 2001, p. 1480). Na entrevista em que essa palavra apareceu, o informante primeiramente diz que as *condurus* – fêmea do caranguejo (RAMOS e MOREIRA, 2009, p. 15 - GLOSSÁRIO) – “estão tudinho ovada”, e na sequência, para se fazer entender, afasta a expressão **ovada** e opta pela unidade lexical metafórica **grávida**. Entendemos que a nova expressão adotada é metafórica porque o contexto revela que o informante tem o real conhecimento do estado de prenhez da fêmea do caranguejo (de que ela concebe milhares de ovos após a fecundação, que ficam alojados em seu abdome e depois são liberados no mangue; o que se confirma pela escolha lexical “ovada”, que significa “estar cheia de ovos”). Esse fato de conceber a nova prole, nesses termos, o faz relacionar o estado de prenhez do animal com estado de gravidez da mulher. Daí, podemos afirmar que por meio desse exemplo se apresenta mais uma característica humana, ou, mais especificamente, um estado da natureza humana atribuído a um ser não humano. A seguir, apresentamos o contexto selecionado.

Transcrição 1. Informante: FPC, M, catador de caranguejo, 52 anos. Raposa/MA, 12/5/2007.

INF: A fêmea? Chama condurua. Ela é pequena, ela não é muito grandona como o caranguejo, só pequena mesmo.

INQ: Certo! Como que ela é?

INF: Ela são menó, as perna dela não tem cabelo, são pelada as perna dela tudinho... do caranguejo tem cabelo na perna, mas elas não têm, são pelada na perna e elas são sempre menó e o casquinho bem redondo delas.

INF: Esse período agora elas tão tudinho **ovada**.

INQ: Agora?

INF: As fêmeas tão, porque elas ficaram tudinho **grávida** tudinho agora nessa brincadeira deles de andada, por isso o IBAMA proibiu a gente pra não pegá que é da época que eles tão produzindo, que é pra gente não pegá os caranguejo que tão viçando caranguejo mais carangueja.

Dando continuidade ao estudo, as três unidades lexicais metafóricas que serão apresentadas a seguir revelam que, para os profissionais do universo do caranguejo, as fêmeas da espécie só “engravidam” porque **namoram**, **brincam** e **vadiam** com os caranguejos. Essas três unidades lexicais metafóricas, pertencentes

ao domínio do lazer, ao serem aplicadas no domínio do caranguejo também imprimiram ações/comportamentos humanos ao crustáceo. No contexto em que são empregadas, significam acasalar.

No período do acasalamento da espécie, o IBAMA proíbe a captura dos caranguejos, pois eles andam soltos pelo mangue e se tornam muito vulneráveis à captura, como vimos na seção 2. Essa época é denominada por biólogos, cientistas aquáticos, pelos meios de comunicação e até mesmo pela população em geral, como defeso e andada. Mas para os catadores, catadeiras e vendedores de caranguejo, essa é a época em que os caranguejos e as fêmeas saem de suas tocas para **namorar, brincar e vadiar**, porque o fenômeno pode ocorrer durante as festas carnavalescas, o que justifica a escolha das palavras por esses profissionais quando querem se referir a **acasalar**. Eles dizem que o caranguejo **brinca, namora e vadia** porque estão soltos e acasalam no período de carnaval. Inclusive, é válido ressaltar que a palavra **brincar** está dicionarizada com a seguinte acepção: “participar (nos folguedos carnavalescos)” (HOUAISS, 2001, p. 514), já que no Maranhão, realmente, as pessoas costumam utilizar a expressão “brincar carnaval” para dizer que vão sair de suas casas para participar à vontade dos bailes e dos blocos de rua, fato que muito provavelmente contribuiu para a escolha lexical feita pelos profissionais desse universo.

Outra informação relevante e que reforça essa relação conceitual estabelecida entre brincar, namorar, vadiar e acasalar, é o fato de que muitas campanhas são realizadas objetivando divulgar a importância do sexo seguro durante o período em que as brincadeiras carnavalescas ocorrem. Além disso, essas palavras, no dicionário, têm, também, as seguintes acepções, respectivamente: “praticar a cópula ou ter outro tipo de relação libidínica” (HOUAISS, 2001, p. 514); “seduzir o deixar-se seduzir; atrair ou sentir-se atraído” (HOUAISS, 2001, p. 1993) “andar à toa, passear de um lado para o outro, vaguear” (HOUAISS, 2001, p. 2821); “juntar-se [macho e fêmea] para procriar” (HOUAISS, 2001, p. 46)”, o que reforça ainda mais a relação estabelecida entre esses domínios.

A seguir, apresentamos alguns contextos extraídos do *corpus* em que essas expressões foram utilizadas.

Contexto 1: Transcrição 8. Informante: DS, F, catadeira de caranguejo. Araisos/MA, 16/10/2007.

INF: Se você quiser colocar tomate, cebola, pimentinha, pimenta do reino... o caranguejo desde quando eu sou gente sempre dá, todo dia, todo dia e quando é os tempo das maré ainda sai os caranguejo pra **vadiar**.

INQ: O que é isso?

INF: É as marés dele, é quando eles vão **vadiar**. O IBAMA traz e colocam até aqui em vários pontos eles bota os cartaz deixa o caranguejo **brincar o carnaval**, dezembro, janeiro e fevereiro aí tem as maré grande, o macho **namoram** com as fêmeas.

Contexto 2: Transcrição 3. Informante: RNN, M, Catador de caranguejo, 46 anos. Ilha das Canárias – Araisos/MA, 14/10/2007.

INF: Onde faz caranguejo é no mês de fevereiro.

INQ: É no mês de fevereiro que ele mais sai?

INF: Sai mais caranguejo, porque ele sai pra fora. No carnaval eles vão **bricá** e todo mundo pega.

INQ: O que é o caranguejo brincar?

INF: O caranguejo é... quando é tempo de carnaval assim, fevereiro, eles vão **bricá**, né? Aí agarram ele dentro do mangal, eles tão **brincano**, tanto a fêmea quanto o macho tão **brincano**.

INQ: E como que se chama época quem que as fêmeas têm os filhotes?

INF: O caranguejo... em fevereiro, os **macho tão brincano com as fêmea** que é pra produzir o caranguejo, as fêmea pra produzir.

Contexto 3: Transcrição 10. Informante: JJSB, M, catador de caranguejo, 41 anos. Paço do Lumiar/MA, 21/3/2008.

INQ: E o quer dizer época que ele já anda?

INF: É quando eles vão **brincar**.

INQ: O que é brincar?

INF: É quando eles saem tudinho do buraco e vai pra beira da maré, o IBAMA proíbe.

INQ: E porque o IBAMA proíbe?

INF: É porque eles tão viçando.

Contexto 4: Transcrição 2. Informante: SPB, M, catador de caranguejo, 31 anos. Araisos/MA, 13/10/2007.

INF: Ele vai chegá tá gordo pro mês de dezembro, de janeiro que é o tempo que vem a **brincadeira** do caranguejo. É a saição do caranguejo.

INQ: O que é isso?

INF: A saição é uma coisa, quando chega em cima do carnaval, no mês de fevereiro, em cima da maré grande depois de três dia ele sai pra **brincá** mangue a fora pra se alazá com as fêmea.

INQ: Alazar?

INF: Alazá que a gente diz é produzi os dois, eles sai, fica fora na beira do rio se lavano, tomano banho aí é a época que ele tá todo... chega essa época agora tá proibida, ninguém trabalha mais. Ninguém pode trabalhá.

INQ: Por quê?

INF: Porque é a época que eles tão se reproduzindo.

Como pudemos verificar, **brincar** também é uma unidade lexical metafórica bastante marcante na fala dos profissionais desse universo (ou seja, têm uso frequente) e por meio dela eles conseguem explicitar tanto características humanas quanto informações culturais.

A seguir, apresentaremos a última unidade lexical metafórica relativa à metáfora de personificação CARANGUEJO É UM SER HUMANO encontrada no *corpus* analisado e revelada na fala de um informante: a palavra **trabalhar**, oriunda do domínio das ocupações

A unidade lexical **trabalhar** apresenta, dentre outras, as seguintes acepções: “1. Ocupar-se em algum ofício, profissão ou atividade 2. Empenhar-se, esforçar-se para executar ou alcançar alguma coisa; empregar diligência e trabalho; 4. Realizar suas atividades; estar em funcionamento, mover-se, funcionar”. (HOUAISS, 2001, p. 2743)

Podemos depreender, a partir dos verbos que indicam o sentido da ação de trabalhar, que essas ações são realizadas por pessoas, motivo pelo qual entendemos que a unidade lexical trabalhar, quando se refere ao caranguejo, também é metafórica, como podemos certificar no contexto a seguir.

Contexto único: Transcrição 11. Informante: RF, M, catador de caranguejo, 50 anos. Paço do Lumiar/MA, 21/3/2008.

INQ: E como é que se faz pra tirar caranguejo?

INF: Aí você tem que fazer o seguinte, porque o caranguejo só **trabalha** pelo ritmo do sol. Porque o caranguejo se dá seis da manhã pra cá, ele só entra de um jeito no buraco, se ele entrar de outro jeito ele te morde porque essa presa tá bem aqui. Aí seis da manhã o sol vai subindo e ele vai rolando também, quando dá doze horas ele tá com essa presa aqui pra dentro, a maior e essa aqui pra baixo e você agarra aqui dentro. A menor ele usa pra comer e a maior pra **trabalho**, pra fazer o buraco.

A fala do informante revela que o caranguejo trabalha no sentido de se movimentar dentro da toca, mas também no sentido de realizar aquilo que é necessário para sua sobrevivência e permanência no mangue, quando diz que a presa menor “ele usa pra comer e a maior pra **trabalho**, pra fazer o buraco”.

Diante do exposto, podemos constatar, alicerçados nos exemplos acima apresentados, que a metáfora de personificação O CARANGUEJO É UM SER HUMANO é bastante produtiva na fala dos profissionais que desse produto tiram seu sustento. Entendemos que tal produtividade decorre da relação direta, ou seja, do contato físico estabelecido por esses profissionais com o produto, o que os permite estabelecer uma relação vasta entre conceitos de um domínio e de outro a partir das semelhanças observadas. Sendo assim, eles dão conta de dar nomes às partes componentes do animal e lhe atribuem características a partir da relação que estabelecem com o próprio corpo, assim como também com o meio em que vivem e a cultura de que fazem parte.

4.1.1.2. Das metáforas estruturais

Vimos na subseção 1.4.1 que as metáforas estruturais, em síntese, correspondem a uma maneira convencional de conceitualizar um domínio de experiência em termos de outro domínio de experiência. Nesse âmbito, podemos dizer também que a construção de novos conceitos ou novas denominações atribuídas a um mesmo referente podem se suceder por meio da percepção de similaridades entre o referente novo e um referente familiar, a fim de favorecer a compreensão da nova realidade que se impõe.

No *corpus* investigado, verificamos também a produtividade desse tipo de metáfora, pois identificamos que os profissionais do universo explorado lançaram mão do domínio das ferramentas, do domínio da botânica e do domínio imobiliário para se referirem a partes componentes da morfologia externa do caranguejo, bem como lançaram mão do domínio da culinária para dar novos nomes à aparência do animal após sofrer o processo de ecdise (troca de carapaça). Veremos cada um desses domínios-fonte de maneira mais detalhada a seguir.

O primeiro domínio-fonte a ser abordado nessa subseção é o das ferramentas, de onde foram extraídas as unidades lexicais metafóricas **alicate** e **pinça**, convencionadas pelos profissionais que lidam com o caranguejo em seus discursos para o que é denominado **1ª pereópode**, ou **1ª perna**, ou ainda **garra/dáctilo**, na morfologia externa do caranguejo (ver figura 4, na página seguinte, ou ainda a figura 3, na página 51).

A própria figura já evidencia o porquê da construção dessas unidades lexicais metafóricas por esses profissionais, pois as motivações dessas unidades partem de domínios cotidianos, que são a base do pensamento metafórico. Vejamos a figura.



Figura 4 - 1ª pereópode (1ª perna/garra)

Fonte: Glossário de termos do universo do caranguejo: São Luís e Araisos

Da unidade lexical metafórica **alicate** – presas do caranguejo (RAMOS e MOREIRA, 2009, p. 4 - GLOSSÁRIO) – destacamos as seguintes acepções do dicionário: “1. Espécie de torquês ou tenaz, própria para segurar, prender ou cortar determinados objetos, que se compõe de duas alavancas de ferro ou de aço que giram em torno de um eixo e cujas extremidades, lisas ou serrilhadas, podem ser chatas, recurvadas, cilíndricas ou em ponte. 2. Qualquer outro instrumento mais ou

menos semelhante a esse, mas utilizado para outros fins, como cortar unhas ou cutículas, perfurar bilhetes, abrir ilhoses etc”. (HOUAISS, 2001, p. 157) A seguir, mais uma figura, que evidencia o objeto.



Figura 5 - Alicate universal

Fonte: All Biz (<http://sao-paulo.all.biz/alicate-universal-115mm-g107229#.WSPOUOvyvIU>)

Esse é um exemplo que notabiliza bastante a relação conceitual que os informantes estabeleceram entre os dois domínios. Percebe-se claramente que eles atribuíram um referente (**alicate**) a apêndices do crustáceo a partir das semelhanças visuais verificadas entre um e outro e também das semelhanças funcionais, pois o alicate (1ª pereópode), assim como o alicate (ferramenta) têm extremidades lisas, serrilhadas, achatadas e recurvadas, assim como têm as seguintes funções: segurar, prender, cortar e também ferir.

A mesma lógica é aplicável à escolha da unidade lexical metafórica **pinça** (ver figura 6), que na obra lexicográfica foi registrada como “1 instrumento basicamente constituído de duas hastes ligadas entre si numa das extremidades e que, sob pressão, trabalham como alavancas articuladas, servindo para arrancar ou segurar algo”. (HOUAISS, 2001, p. 2213)



Figura 6 - Pinça

Fonte: KOTA (<http://www.kotaimp.com/category/produtos-2/instrumentais/pincas/>)

Podemos verificar que a pinça, também, tem a forma semelhante à 1ª pereópode, bem como assume as mesmas funções que esta desempenha na estrutura do animal, pois com esses apêndices os crustáceos cortam as folhas das árvores do mangue para se alimentarem, atacam predadores e também seguram as folhas do mangue até as tocas onde se alojam, a fim de entupirem os buracos quando precisam se recolher para sofrerem o processo de ecdise.

Outro domínio também explorado pelos profissionais desse universo foi o domínio da botânica, com a unidade lexical metafórica **casca**, que estabelece relação conceitual com **carapaça** (ver figura 3, na página 51), que se diz do “escudo quitinoso ou ósseo que protege o dorso de diversos animais, como as tartarugas, tatus e caranguejos”. (HOUAISS, 2001, p. 619). Casca, no mesmo dicionário é denominada, no domínio da Botânica, como “camada externa de tecido que envolve diversas partes e órgãos vegetais (caule, fruto, semente etc.), geralmente impregnada por uma substância que lhe conferem impermeabilidade e enrijecimento”. (HOUAISS, 2001, p. 642). Diante desses conceitos, chegamos à conclusão de que a partir do conceito (imagem mental) que eles têm de casca, atribuíram essa unidade lexical à parte do animal que recobre todo o corpo. Vejamos o contexto em que essa unidade lexical metafórica é empregada:

Contexto 1: Transcrição 1. Informante: FPC, M, catador de caranguejo, 52 anos. Raposa/MA, 12/5/2007.

INF: Eles se entope no buraco lá, esse buraco que a gente tá tirando esse período agora e chegou esse período dele mudá de **casca** ele entope o buraco que fica zeradinho, olha aqui pensa que não tem caranguejo que ele tá enterrado lá dentro, aí esse período que ele tá lá embaixo nem comendo, nem bebendo, nem nada. Tá lá, ele já tá lá na operação dele só vai abrí o buraco de novo quando ele tiver condições de comê.

Contexto 2: Transcrição 5. Gravação realizada no local onde trabalham as catadeiras de caranguejo. Informante: F, quebradeira de caranguejo, Porto de Caieras – Araisos/MA, 16/10/2017.

INF: A **casca** fica mais grossa e ele fica mais ruim de sair, esse daqui. Quando ele tá novo a **casca** tá mole. Porque quando ele tá velho a **casca** é mais dura.

Contexto 3: Transcrição 7. Informante: AMSL, F, catadeira de caranguejo. Povoado de Carnaubearas, 16/10/2007.

INQ: E ele tem a mudança do casco?

INF: Sim, nesse período agora ele tá com troca de **casca**. Ele se enterra no buraco, ele não dá muita produção não, a pessoa vai atrás dele e ele se esconde mesmo, fica enterradinho ali pra trocar de **casca**, cai aquele casco velho e vem um novo e quando ele tá com um casco meio duro ele começa a sair do buraco de novo. Aí ele fica de casco mole que quando a gente bate ele fica molinho.

Discorreremos agora sobre o domínio imobiliário, que serviu de domínio-fonte para a consecução de unidades lexicais metafóricas **casa** e **residência**, também identificadas no *corpus* de análise.

As unidades lexicais metafóricas **casa** e **residência** foram empregadas por catadores de caranguejos em seus discursos para se referirem a buraco – “Var. **toca** (SL) – s.f. Local onde os caranguejos ficam escondidos, com profundidade que varia entre oitenta centímetros e um metro e setenta centímetros”. (RAMOS e MOREIRA, 2009, p. 7 - GLOSSÁRIO). Mais uma vez, o conhecimento de mundo propiciou a relação de conceitos estabelecidas pelos profissionais mencionados entre os referentes em foco. Para eles, toca ou buraco também podem ser denominados como casa e residência, pelos traços habitação e morada habitual, pois é lá que os caranguejos se escondem, se alimentam, se protegem no período de ecdise, ou seja, realizam ações como os seres humanos em relação a suas casas/residências. Vejamos a seguir o contexto em que essas unidades lexicais metafóricas foram utilizadas:

Contexto 1: Transcrição 10. Informante: JJSB, M, catador de caranguejo, 41 anos. Paço do Lumiar/MA, 21/3/2008.

INQ: E como se chama o lugar onde os caranguejos se escondem?

INF: A gente chama **casa** do caranguejo.

INQ: E como o senhor faz pra tirar o caranguejo?

INF: A gente se abaixa na boca do buraco e fura lá na frente com o pé, porque as vezes ele é cheio de curva.

INQ: O buraco que o senhor tá falando é a **casa** deles?

INF: É a **casa** deles.

Contexto 2: Transcrição 10. Informante: JJSB, M, catador de caranguejo, 41 anos. Paço do Lumiar/MA, 21/3/2008.

INQ: E como é que é isso, ele já tá mais ou menos com quanto tempo?

INF: Todo ano muda no mês de setembro, o casco, as unhas, muda tudinho. Ele entra lá no buraco, pra onde ele entra pra **casa** dele enche cheio de folha o buraco e tapa a boca, ali ele só sai quando tapa a boca.

Contexto 3: Transcrição 2. Informante: SPB, M, catador de caranguejo, 31 anos. Araiões/MA, 13/10/2007.

INF: O caranguejo se alimenta da folha do mangue, da folha da siríba o alimento deles são esse.

INQ: E o que é a siríba?

INF: Siríba é um pé de árvore que nasce na **residência** deles, a mesma terra que eles produz.

Para fecharmos essa subseção, trazemos o exemplo das unidades lexicais metafóricas **papa** e **mingau**, oriundas do domínio da culinária e marcadas no discurso de um catador de caranguejo quando se referiu ao estado em que o crustáceo fica quando sua carapaça é deslocada de todo o corpo, o que o deixa desprotegido e frágil. As relações conceituais que o informante estabeleceu entre esse fenômeno e algo conhecido, resultou na escolha das unidades lexicais **papa** e **mingau**, pois vinculou a forma do caranguejo durante o processo de mudança de carapaça à cor e à consistência desses alimentos, por meio da relação de semelhança estabelecida entre o referente metafórico e o corpo do animal. A seguir, apresentamos o contexto em que essas unidades lexicais metafóricas aparecem.

Contexto único: Transcrição 4. Informante: AVS, M, catador de caranguejo, 29 anos. Araiões/MA, 15/10/2007.

INF: Tem... no mês de setembro, no mês que eles ficam mais novo. Eles vão se escondendo pra trocar o casco. Às vezes ele fica bem molinho só a **papa** dele, o **mingau** dentro do buraco fica tudo molinho.

Como vimos, as metáforas estruturais foram bastante representativas no *corpus* analisado e comprovam que nós estamos o tempo inteiro a estabelecer relações entre conceitos de domínios diferentes com a intenção de simplificar da melhor maneira possível aquilo que queremos comunicar. Na subseção a seguir,

discorreremos sobre três exemplos de metáforas que resultam de nossas experiências com referentes abstratos e a partir dessas experiências atribuímos a esses referentes características concretas, como se fossem um objeto. Referimo-nos às metáforas ontológicas.

4.1.1.3. Das metáforas ontológicas

Dando continuidade às análises, trataremos agora das metáforas ontológicas, aquelas que resultam da nossa capacidade de conceitualizar elementos abstratos como objetos ou substâncias a partir de nossas experiências físicas, o que nos auxilia na quantificação, agrupamento e categorização desses elementos abstratos.

Primeiramente, apresentamos como exemplo a metáfora LUGAR É UMA ENTIDADE, revelada por meio da fala de catadores e vendedores de caranguejo quando se referem ao órgão público IBAMA. Os dados mostram que o IBAMA realiza ações concretas como se fosse, inclusive, uma pessoa. Ou seja, temos nesse caso um exemplo de metáfora ontológica que, também, se estende ao domínio humano, pois quando o informante diz, por exemplo, que o IBAMA o **proíbe** de capturar caranguejos durante o período da andada, ele atribui a uma instituição, que é algo abstrato (ainda que tenha uma estrutura física), uma característica humana, que é de proibir. Sendo assim, vejamos os contextos em que as expressões metafóricas evidenciam a metáfora LUGAR É UMA ENTIDADE, dentro dessa perspectiva.

Contexto 1: Transcrição 1. Informante: FPC, M, catador de caranguejo, 52 anos. Raposa/MA, 12/5/2007.

INF: As fêmeas tão, porque elas ficaram tudinho grávida tudinho agora nessa brincadeira deles de andada, por isso o **IBAMA proibiu** a gente pra não pegá que é da época que eles tão produzindo, que é pra gente não pegá os caranguejo que tão viçando caranguejo mais carangueja.

Contexto 2: Transcrição 7. Informante: AMSL, F, catadeira de caranguejo. Povoado de Carnaubeiras, 16/10/2007.

INQ: Qual é a melhor época do ano pra pegar o caranguejo?

INF: É o final do ano que eles brincam.

INQ: O que é isso?

INF: Saem do buraco sem precisar que o caranguejeiro vá atrás dele

INQ: E acontece alguma coisa nesse período em que eles saem, quando eles estão brincando?

INF: Acontece que o **IBAMA vem e proíbe** pra não pegar, ele **dá** pra cada pescador de caranguejo, arrancador de caranguejo dez cordas.

Contexto 3: Transcrição 8. Informante: DS, F, catadeira de caranguejo. Araiões/MA, 16/10/2007.

INF: ... quando eles vão vadiar o **IBAMA traz e colocam** até aqui em vários pontos eles **bota** os cartaz deixa o caranguejo brincar o carnaval, dezembro, janeiro e fevereiro aí tem as maré grande, o macho namoram com as fêmeas. Aí agora nesse período que o caranguejo tá muito inteiro na visão dele, o **IBAMA passa a semana aqui**. Os catador só pode pegar cinco corda pra comer, se pegar mais eles **prende**. Quando termina a maré todinha que o pescador vai pescar ele vem cheio de caranguejo, não falta.

Embora, evidentemente, esteja implícito nos discursos, que o órgão ao qual os informantes se referem, na realidade, são as pessoas que ali trabalham, acreditamos que seja esse o motivo que os fizeram selecionar unidades lexicais como **proibir, dar, trazer, colocar, botar, passar a semana e prender** para se referirem a ações do órgão fiscalizador, a partir das relações conceituais estabelecidas com o domínio humano.

Outra expressão metafórica encontrada no *corpus*, que também decorre da metáfora LUGAR É UMA ENTIDADE, sobressaiu na fala da informante *AMSL*, quando perguntamos a ela se o caranguejo extraído dos mangues de Araiões era vendido para todo o Piauí (outra metáfora ontológica, dessa vez contida na nossa pergunta, pois um lugar, literalmente, não pode **comprar** alguma coisa de alguém). A informante, por sua vez, declarou: “Todo para o Piauí, **do Piauí passa pro Ceará, Fortaleza**”. Ou seja, o lugar, Piauí, nesse contexto, também assume características de uma entidade, pois, além de “comprar” o caranguejo de Araiões, “passa”, ou seja, o **entrega** para outro lugar, que no caso é o Ceará (também elemento abstrato).

Além desses exemplos de metáfora ontológica, os dados revelam, ainda, a presença da metáfora ontológica A MENTE É UM RECIPIENTE, quando em um dado momento da entrevista o informante **FPC**, ao relatar a experiência de organizar a festa do caranguejo, diz o seguinte:

“Eles chamam o festival do caranguejo, porque foi até eu mesmo quem comecei. Eu e mais dois cumpadi meu tava metendo grode lá... rapaz nós tira muito caranguejo se nós fizesse uma festa pra dá muito caranguejo pro pessoal aqui, pra comerem à vontade. Será que não dava muita gente? Aí o pessoal: “rapaz eu acho que dava”. Aí **botemo aquilo na cabeça** e fomo atrás”. (*FPC, M, catador de caranguejo, 52 anos. Raposa/MA, 12/5/2007*)

Quando o informante disse “aí botemo aquilo na cabeça”, ele construiu uma expressão metafórica que resulta da metáfora ontológica A MENTE É UM RECIPIENTE e quis dizer, em outras palavras, que concebeu a ideia de que realizaria algo, no caso, a festa do caranguejo. Se pararmos para observar, essa metáfora é usada com muita frequência no nosso cotidiano, porque construímos frases como: “Isso não é uma boa ideia; vou tirá-la da minha cabeça”; “tive uma grande sacada”, “precisamos abrir a mente para novas ideias”, dentre tantas outras, que comprovam a metáfora que diz que a nossa mente é realmente um recipiente. É evidente que não podemos literalmente cortar a cabeça e colocar alguma coisa dentro, mas nós a concebemos como um recipiente, de onde podemos colocar e tirar informações, ideias, convicções, questionamentos, problemas, soluções, etc.

Para fecharmos esse trabalho de análise do *corpus*, à luz da Teoria da Metáfora Conceitual, apresentaremos uma expressão metafórica resultante da metáfora orientacional ANDAR PARA TRÁS É INVOLUIR, que terá seu desdobramento na subseção a seguir.

4.1.1.4. Das metáforas orientacionais

Vimos na subseção 1.4.2 que as metáforas orientacionais estão relacionadas com a nossa experiência corpórea no espaço e também com a nossa experiência cultural.

No *corpus* analisado, verificamos que ao final das entrevistas foi feita uma pergunta a cada informante: se conhecia a “expressão andar para trás feito caranguejo” e o que entendia por isso (ver apêndice 1). Na realidade, essa expressão de fato é metafórica e corresponde ao domínio espacial. As respostas dos informantes vieram, então, ratificar uma metáfora que, na realidade, muitas pessoas conhecem, porque vinculam a expressão “Andar para trás feito caranguejo” à ideia de perda, regressão, o que confirma a assertiva de que ANDAR PARA TRÁS É INVOLUIR. A seguir, dispomos alguns contextos com as respostas dadas pelos informantes.

Contexto 1: Transcrição 6. Informante: JVSA, M, catador e vendedor de caranguejo. Povoado de Carnaubeiras – Araiases, 16/10/2017.

INQ: E **andar para trás feito caranguejo**, o senhor já ouviu essa expressão, alguém dizer?

INF: Eu já.

INQ: E quando é que as pessoas dizem isso pra outras?

INF: **E quando o cara tá indo pra frente, vai, vai, vai quando o poder dele volta ele tá voltando pra trás.**

INQ: E caranguejo anda pra trás mesmo?

INF: Sim, ele anda pra frente e volta pra trás.

Contexto 2: Transcrição 11. Informante: RF, M, catador de caranguejo, 50 anos. Paço do Lumiar/MA, 21/3/2008.

INQ: E o senhor já ouviu essa expressão **andar pra trás feito caranguejo**?

INF: **Eu sou um desses, porque eu saí daqui fui pralí e voltei pra cá de novo.** E o caranguejo ele não anda pra trás. E o caranguejo ele só anda de um jeito.

INQ: Como é que ele anda?

INF: Primeiro é o seguinte ele anda assim e assim, pro lado e pro outro. Mas ele anda mais é pra esse sentido aqui. Mais pro lado.

INQ: E quando a pessoa diz **andar pra trás feito caranguejo**, quer dizer que a pessoa tá fazendo o que?

INF: **Tá servindo de besta igual ele, vai pra lá e pra cá. Só vai pra trás, não vai pra frente.**

Contexto 3: Transcrição 1. Informante: FPC, M, catador de caranguejo, 52 anos. Raposa/MA, 12/5/2007.

INQ: E **andar para trás feito caranguejo**, em que situações as pessoas falam isso, o senhor sabe?

INF: Eu não sei. **Uns pessoal dizem assim: fulano de tal quando faz uma coisas errada. Fulano de tal tá que nem caranguejo, tá andando pra trás dizê que caranguejo é que anda pra trás.**

INQ: Então quer dizer que é fazer coisa errada?

INF: É, fez coisa errada tá dizeno que fulano de tal fez coisa errada. Por exemplo: Se eu botá um comércio aí meu comércio tô vendeno muito, tá se saindo muito, vendeno bastante lá eu faço qualquer negócio errado porque hoje quando o caboco faz um negócio errado paga muito em dinheiro, dá o prejuízo nas coisa, fracassa aí fulano de tal fala assim: **oía a barraca do Chico já teve bem equilibrada, agora tá que nem caranguejo tá andano pra trás. Quando tá andano pra trás assim é difícil de se ajeitá. Qualquer coisa errada é andar que nem caranguejo, tá andando pra trás.**

Contexto 4: Transcrição 10. Informante: JJSB, M, catador de caranguejo, 41 anos. Paço do Lumiar/MA, 21/3/2008.

INQ: E você já ouviram dizer assim **andar pra trás feito caranguejo**?

INF: Já

INQ: E quando é que as pessoas usam isso?

INF: **É alguma coisa que ele não consegue, vai fazer alguma coisa e não dá certo.**

Contexto 5: Transcrição 14 – JLSC, M, vendedor de caranguejo, 26 anos. São Luís/MA.

INQ: E tu conheces essa expressão **andar para trás feito caranguejo**?

INF: Conheço, **eu entendo como normal pra mim é superstição.**

Interessante como as declarações dos informantes mostram como essa construção metafórica já é significativamente inerente à cultura do maranhense, a partir do contato com o universo do caranguejo. Sobre isso, então, podemos depreender: essa metáfora já é interpretada como algo negativo, a partir da observação dos movimentos do corpo do crustáceo em superfície e a construção conceitual de “andar para trás”. Mas, daí, pode-se levantar uma questão: se observamos bem, o caranguejo não anda para frente ou para trás, ele faz movimentos aleatórios, estando com o corpo na posição lateral. Contudo, nós estabelecemos em nossa cultura que bom e ruim é para cima e para baixo, respectivamente, e que a ideia de progressão ou regresso é para frente ou para trás. Sendo assim, o caranguejo, de fato, não anda para frente ou para trás, mas a partir da nossa experiência espacial e cultural, atribuímos a ele essa capacidade de movimento para dar sentido à expressão metafórica “Andar para trás feito caranguejo”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo das metáforas é verdadeiramente um convite para muitas reflexões, questionamentos, construções de ideias, reconstrução dessas ideias e conclusões. É um universo tão intrínseco a nós que muitas vezes não percebemos o tamanho da sua riqueza, ao ponto de não refletirmos sobre ele. O contato com o mundo habitado pelas metáforas, por meio desse estudo, nos possibilitou ver as múltiplas dimensões tomadas por esse objeto, que foi observado e estudado desde o século IV a.C e que de lá até aqui tem se desdobrado de modo cada vez mais fascinante.

Vimos, por meio da Teoria da Metáfora Conceitual (TMC) – desenvolvida por Lakoff e Johnson (1986) e que representa um grande avanço nos estudos sobre esse fenômeno –, que as metáforas são utilizadas por nós mais do que podemos imaginar, porque é a partir delas, como diz Almada Negreiros, que “inventamos palavras que já foram inventadas”. Daí nos questionamos: já que a metáfora não é apenas um recurso estilístico, com fins no rebuscamento da linguagem, mas um fenômeno que acontece em nosso cotidiano, como ela se configura na linguagem especializada de catadores, catadeiras e vendedores de caranguejo? Existem ou não? As respostas a essa pergunta logo surgiram quando nos debruçamos sobre dados concretos e autênticos, resultantes da fala de catadores, catadeiras e vendedores de caranguejo, que deram respaldo para que tais reflexões fossem feitas.

Nessa pesquisa, buscamos verificar a produtividade das metáforas no léxico do caranguejo e, para tanto, selecionamos 21 unidades lexicais e mais quatro expressões desse universo, perfazendo um total de 25 candidatas a metáforas. Verificamos todos esses dados à luz da TMC, a fim de comprovarmos a existência do fenômeno, também, nesses discursos oriundos de linguagem especializada. Os resultados apontaram que, realmente, existem metáforas também no discurso especializado produzido por profissionais que lidam com esse universo.

É pertinente ressaltar que com a análise do *corpus* foi possível constatar que predominou o uso de unidades lexicais metafóricas motivadas pelo domínio humano, resultantes da metáfora de personificação O CARANGUEJO É UM SER HUMANO e que além dessas unidades, foram encontradas também outras unidades lexicais metafóricas motivadas por mais oito domínios-fonte: domínio das aves, domínio do

lazer, domínio das ocupações, domínio das ferramentas, domínio botânico, domínio imobiliário, domínio da culinária e domínio espacial.

Diante do exposto, podemos concluir que essa pesquisa reforça a importância de se explorar o universo do caranguejo também no âmbito dos estudos linguísticos, haja vista a sua importância ecológica, socioeconômica e cultural no Estado. Além disso, acreditamos que ao fotografarmos essa realidade por meio das “lentes da metáfora”, contribuimos para o avanço das reflexões sobre essa temática, pois as metáforas, além de serem reais em nosso dia a dia, como apontam Lakoff e Johnson (1986), também acontecem em discursos altamente profissionais e em atividades empíricas, como pudemos comprovar por meio desse estudo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio S. *Linguística cognitiva: uma visão geral e aplicada*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.
- ALDRIGUE, Natália de Sousa; ESPÍNDOLA, Lucienne. Expressões linguísticas metafóricas como recurso argumentativo em folders turísticos. *Veredas*, Juiz de Fora, 2011. p. 190-201.
- ALMEIDA, Amanda Maria Bicudo de Souza. Projeções metafóricas no gênero discursivo: propaganda. *Caderno de Letras da UFF*, Rio de Janeiro, nº 43, p. 75-94, 2001.
- AULETE, Caldas. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BARBIERI, Edison; MENDONÇA, Jocemar Tomasino. *Na lama, a dura batalha dos catadores de caranguejo*. Disponível em: http://www.infobibos.com/Artigos/2007_3/Caranguejos/Index.htm>. Acesso em: 20 abr. 2016.
- BLACK, Max. Metaphor. *Proceedings of the Aristotelian Society, New Series*, Londres, v. 55, p. 273-294, 1954. Disponível em: <<https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/Black1954.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2016.
- BORBA, Francisco S. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- CARNEIRO, Mônica Fontenelle. Emergência de metáforas sistemáticas na fala de mulheres vítimas diretas de violência doméstica: uma análise cognitivo-discursiva. 2014. 425 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- CARVALHO, Flávia M. de; FERREIRA, Alice Maria A. *Da Sociolinguística à Socioterminologia: definindo conceitos*. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/176>>. Acesso em: 6 jun. 2015.
- CARVALHO, Sérgio N. *A metáfora conceitual: uma visão cognitivista*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno12-04.html>>. Acesso em: 10 out. 2016.
- CAVALCANTE, Adriana N. *et al.* Análise multidimensional do sistema de produção pesqueira caranguejo-uçá, *ucides cordatus*, no município de Araiõeses, Maranhão – Brasil. *Arquivos de Ciências do Mar*, Fortaleza, p. 87-98, 2011.
- CHIAVEGATTO, Valeria Coelho. Introdução à Linguística Cognitiva. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 77-96, 2009.
- COSTA, Elenice A. Um estudo cognitivo das metáforas geradas em um corpus jornalístico da economia. 2007. 136 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- COSTA, Janaina do Socorro Pereira da *et al.* Produção e socioeconomia do sistema caranguejo-uçá em unidade de uso sustentável da costa norte do Brasil. *Arquivo de Ciências do Mar*, Fortaleza, p. 76-85, 2013. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufc.br/index.php/arquivosdecienciadomar/article/viewFile/906/883>> Acesso em: 10.out.2016.

COIMBRA, Rosa L. Preços derretidos, rasgados, arrefecidos, cortados... um estudo de mesclagens metafóricas em textos publicitários. In: GOMES, Languisner; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes (orgs.). *Entre mesclas e metáforas: nos labirintos da geração do sentido*. Caxias do Sul: Educs, 2012. p. 221-242.

CUTRIM, Liliane. *A importância do caranguejo-uçá na alimentação*. Disponível em:<<http://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=41318>>. Acesso em: 10 out. 2016.

_____. Defeso do caranguejo-uçá: preservando a espécie, cultura e economia. Disponível em:<<http://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=41299>>. Acesso em: 10 out. 2016.

DICIONÁRIO MPB. *Gordurinha*. Disponível em:<<http://dicionariompb.com.br/gordurinha/dados-artisticos>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

ESPÍNDOLA, Lucienne Claudete; MENDES, Thiago Barros. Metáforas conceituais em editoriais com tema sobre economia. Disponível em:<<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9228>>. Acesso em 10 out. 2016.

FARIAS, Emilia M. P. Figuratividade e Linguística Histórica: a metáfora SEXO É VIOLÊNCIA em documentos do século XIX. In: GOMES, Languisner; FELTES, Heloísa P. de M. (orgs.). *Entre mesclas e metáforas: nos labirintos da geração do sentido*. Caxias do Sul: Educs, 2012. p. 95-108.

FELTES, Heloísa P. de M.; GAMBIN, Aline. Metáforas e metonímias multimodais na comunicação publicitária: Posicionamento da marca polar e projeção da imagem da organização. In: GOMES, Languisner; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes (orgs.). *Entre mesclas e metáforas: nos labirintos da geração do sentido*. Caxias do Sul: Educs, 2012. p. 243-265.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. *Introdução à semântica de contextos e cenários*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

_____. *Guia do trabalho científico: do projeto à redação final: monografia, dissertação e tese*. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. *Metáfora e Função de Registro: a visão de mundo do falante e sua interferência nas línguas naturais*. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37368>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2014.

FERREIRA, Alice M. de A. *Questões sobre metáfora: definições de discussões*. Disponível em:<<http://www.periodicoscientificos.ufmt.br/index.php/polifonia/article/viewFile/998/776>>. Acesso em: 6 jun. 2015.

FILIPAK, Francisco. *Teoria da Metáfora*. Curitiba: HDV, 1983.

FOSSILE, Dieysa. Um passeio pelos estudos da metáfora. *Revista de Letras, (Curitiba)*, v. 14, p. 1-15, 2011. Disponível em:<http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/14%20Um_passeio_pela....pdf>. Acesso em 10 mai. 2016.

GIUSTINA, Adelina Padilha de Souza Della; SELAU, Mauricio da Silva Selau. A culinária como patrimônio cultural imaterial. *Cadernos do CEOM*, Santa Catarina, n. 22, p. 45-67, 2005. Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/535/357>>. Acesso em: 10 set 2016.

GOMES, Rômulo. *Manguezais degradados têm salvação*. Disponível em: <<http://cermangueufma.blogspot.com.br/2011/06/manguezais-degradados-tem-salvacao.html>>. Acesso em: 10 out. 2016.

GONDIM, Meire V. C; PELOSI, Ana Cristina. Vozes da violência: experiências, concepções e sentimentos expressos através da linguagem figurada e prototípica de crianças brasileiras. In: GOMES, Languisner; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes (orgs.). *Entre mesclas e metáforas: nos labirintos da geração do sentido*. Caxias do Sul: Educs, 2012. p. 177-192.

GURGEL, Diogo. Metáforas conceituais no Grande Sertão: Veredas. *Eutomia*, Recife, v. 14, p. 378-402, 2014.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Saes. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IGARASHI, Marco Antonio. *Caranguejo: exploração do *ucides cordatus**. Fortaleza: Editora SEBRAE, 2005.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas de la vida cotidiana*. 10. ed. Madrid: Ediciones Cátedra, (1986) 2015.

LEAL, Morgana de Abreu; ABREU, Robson Cavaca de. A Teoria da Metáfora Conceitual em ação. *Revista Escrita*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 1-14, 2011.

MACEDO, Ana Cristina P. S. de. *et al.* Metáfora, cognição e cultura. *Revista Gragoatá*, Niterói/RJ, v. 14, n. 26, p. 43-60, 2009. Disponível em: <<http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/212/197>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

MACIEL, A. M. B. Linguagens especializadas e terminologia: o passado projetando o futuro. In: PERNA, Cristina Becker Lopes *et al.* *Linguagens especializadas em corpora: modos de dizer e interfaces de pesquisa [recurso eletrônico]*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 6-28.

_____; SILVA, Patrícia V. *A metáfora na terminologia ambiental*. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/104993>>. Acesso em: 6 jun. 2015.

MARCUSCHI, Luiz A. *A propósito da metáfora*. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/2319/2268>>. Acesso em 4 abr. 2016.

MARTELOTTA, Mario E.; PALOMANES, Roza. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, Mário E. (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 177-192.

MEDEIROS, Ilana Souto; SANTOS, Ricardo Yamashita. O processo cognitivo de construção das metáforas conceptuais: ressignificando a aprendizagem. *Quipus*, Rio Grande do Norte, v. 4, p. 23-31, 2015.

MOREIRA, Luciana Araújo. Glossário de termos do universo do caranguejo: São Luís e Araióses. 2008. 56 f. Monografia (Graduação em Letras) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís/MA.

MOREIRA, Ronaldo de Freitas. *Alguns aspectos sobre as metáforas de Lakoff e Johson*. Disponível em: <http://www.iptan.edu.br/publicacoes/saberes_interdisciplinares/pdf/revista07/ALGUNS_ASPECTOS_SOBRE_AS_METAFORAS_DE_LAKOFF_E_JOHNSON.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2016.

O nordeste.com. *Gordurinha*. Disponível em: <http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Gordurinha<r=g&id_perso=883>. Acesso em 15 nov. 2016.

OLIVEIRA, Luciana P. de. Aspectos linguísticos, comunicativos e cognitivos das metáforas terminológicas: uma análise baseada em um corpus da genética molecular. 2011. 176 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. *Terminologia, metáfora e modelos culturais*. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/actas/article/viewFile/14683/8335>>. Acesso em: 2 ago. 2015.

_____. *Aspectos funcionais das metáforas terminológicas e contexto científico e de divulgação científica*. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/983/701>>. Acesso em: 4 abr. 2016.

OLIVEIRA, Marcelo do Vale; MENESCHY, Maria Cristina Alves. Territórios e territorialidades no extrativismo de caranguejos em Pontinha de Bacuriteua, Bragança, Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 9, n. 1, p. 129-143, 2014.

OLIVEIRA, Tamara M. de. *Terminologia, metáfora e outros fenômenos que desafiam o princípio da univocidade: análise quantitativa de unidades terminológicas*. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/viewFile/26058/15245>>. Acesso em 2 ago. 2015.

PASCHOAL, Mara Sofia Z. de. Em busca da elucidação do processo de compreensão da metáfora. In: PONTES, Eunice (org.) *A metáfora*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 115-130.

PONTES, Eunice. Metáforas temporais em português coloquial. In: _____. (org.) *A metáfora*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 45-53.

_____. Nomes de cores em Português. In: _____. (org.) *A metáfora*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 9-34.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; MOREIRA, Luciana Araújo Moreira. *Glossário de termos do universo do caranguejo*: São Luís e Araióses. São Luís: FAPEMA, 2009.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. 3. ed. São Luís: Edições Loyola, 1975, 2015.

SAMPAIO, Wany Bernardete de Araujo; LAMARÃO, Joeliza Bezerra. Metáfora ontológica: a personificação na narrativa mítica e nos processos de formação de

palavras do Tupí. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 7, n. 1, p. 113-133, 2015.

SARDINHA, Tonny Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial (Lingua[gem]; 24), 2007.

SCHRÖDER, Ulrike Agathe. Da teoria cognitiva a uma teoria mais dinâmica, cultural e sociocognitiva da metáfora. *Alfa*, São Paulo, v. 52, p. 39-55, 2008.

SERRA, Luís Henrique. *A metáfora no discurso e no léxico do Micro e Pequeno Agricultor da cana-de-açúcar do Maranhão*. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/viewFile/13714/8171>>. Acesso em: 6 jun. 2015.

SILVA, Augusto S. da. *O mundo dos sentidos em Português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

SILVA, Ubiratã de Assis Teixeira da. Cultivos experimentais de caranguejo uçá, *ucides cordatus* (Linnaeus, 1763). 2002. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Veterinárias) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

SILVA, Ubiratã *et al.* *Caranguejo-uçá: a produção em laboratório*. Disponível em: <<http://www.panoramadaaquicultura.com.br/paginas/Revistas/94/CrangUca94.asp>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

SOARES, Jean Carlos Costa. *Condições de Trabalho e Pobreza dos Catadores de Caranguejo de Araiões, Maranhão*. Disponível em: <<https://edicao.jornalpequeno.com.br/impresso/2014/07/27/condicoes-de-trabalho-e-pobreza-dos-catadores-de-caranguejo-de-araioses-maranhao/>>. Acesso em 10 out. 2016.

SOARES, Carlos Costa; GOMES, Jaíra Maria Alcobaça. Pobreza e condições socioeconômicas dos catadores de caranguejo do povoado Carnaubeiras, Araiões-MA. *Revista de Políticas Públicas*, São Luís, v. 20, p. 343-360, 2016.

STEFANI *et al.* *Planeta invertebrados: uçá*. Disponível em: <http://www.planetainvertebrados.com.br/index.asp?pagina=especies_ver&id_categoria=25&id_subcategoria=24&com=1&id=178&local=2>. Acesso em: 15 nov. 2016.

TOLENTINO, Magda V. F. de. Muito além das metáforas. In: PONTES, Eunice (org.) *A metáfora*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 77-89.

TRASK, R.L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2004. Tradução Rodolfo Ilari; Revisão Técnica: Ingedore Villaça Koch, Thaís Cristófaró Silva.

VEREZA, Solange. *O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso*. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/41/artigo10.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

VEREZA, Solange C.; VIEIRA, Roberta. Metáfora e Referenciação em nichos metafóricos. In: GOMES, Languisner; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes (orgs.). *Entre mesclas e metáforas: nos labirintos da geração do sentido*. Caxias do Sul: Educs, 2012. p. 53-72.

VILELA, Mário. *Metáforas do nosso tempo*. Coimbra: Almedina, 2002.

ANEXOS

ANEXO 1 - Letra da música “Vendedor de Caranguejo”**Vendedor de Caranguejo**Gordurinha

Caranguejo Uçá
Caranguejo Uçá
Apanho ele na lama
E boto no meu caçuaá
Tem caranguejo
Tem gordo guaiamum
Cada corda de dez

Eu dou mais um
Eu dou mais um
Eu dou mais um
Cada corda de dez
Eu dou mais um
Eu perdi a mocidade
Com os pés sujos de lama
Eu fiquei analfabeto

Mas meus filho criou fama
Pelo gosto dos menino
Pelo gosto da mulher
Eu já ia descansar
Não sujava mais os pé
Os bichinho tão criado
Satisfiz o meu desejo
Eu podia descansar
Mas continuo vendendo caranguejo.

Fonte: <https://www.vagalume.com.br/gordurinha/vendedor-de-caranguejo.html>. Acesso em: 15 jan.2017.

ANEXO 2 - Mapa com localização e informações de São Luís/MA



População estimada 2016 ⁽¹⁾	1.082.935
População 2010	1.014.837
Área da unidade territorial 2015 (km²)	834,785
Densidade demográfica 2010 (hab/km²)	1.215,69
Código do Município	2111300
Gentílico	são-luisense
Prefeito 2017	EDIVALDO DE HOLANDA BRAGA JUNIOR

Fonte:

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=211130&search=maranhao|sao-luis>. Acesso em: 15 jan. 2017.

ANEXO 3 - Mapa com localização e informações de Araiões/MA



População estimada 2016 ⁽¹⁾	45.680
População 2010	42.505
Área da unidade territorial 2015 (km²)	1.782,600
Densidade demográfica 2010 (hab/km²)	23,84
Código do Município	2100907
Gentílico	araiosense
Prefeito 2017	CRISTINO GONÇALVES DE ARAUJO

Fonte:

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=210090&search=maranhao|araioses>. Acesso em: 15 jan. 2017.

ANEXO 4 - Ficha do informante

	<p>Projeto Atlas Linguístico do Maranhão Ficha do Informante Nº. do ponto: MA/0 Nº. do informante: MA 00/0</p>
DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE	
1. NOME:	
2. ALCUNHA:	
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. () M B. () F
5. IDADE:	
6. ENDEREÇO: RUA e Nº: BAIRRO: CEP:	
7. ESTADO CIVIL: A. () solteiro B. () casado C. () viúvo D. () outro	
8. NATURALIDADE:	9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)
10. A. DOMICÍLIOS, ÉPOCA E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE: B. MOTIVO DO(S) AFASTAMENTO(S)	
11. ESCOLARIDADE:	12. OUTROS CURSOS: A. () especialização B. () profissionalizante C. () outros
13. NATURALIDADE: A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:	14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. () sim B. () não
	15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:
16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):	

17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:	18. PROFISSÃO: A. do pai: B. da mãe: C. do cônjuge:
----------------------------------	--

RENDA

19. TIPO DE RENDA: A. () individual B. () familiar

CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

20. ASSISTE TV? A. () todos os dias B. () às vezes C. () nunca	21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. () novelas B. () esportes C. () programa de auditório D. () noticiários E. () programa religioso F. () filmes G. () outro	22. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. () rede gratuita B. () parabólica C. () tv por assinatura
--	--	---

23. OUVI RÁDIO? A. () todos os dias B. () às vezes C. () nunca	D. () parte do dia E. () o dia inteiro F. () enquanto viaja	G. () enquanto trabalha	24. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. () noticiário geral B. () esportes C. () programa religioso D. () noticiário policial E. () música F. () progr. c/ participação do ouvinte G. () outro
--	--	--------------------------	---

25. LÊ JORNAL?

A. () todos os dias B. () às vezes C. (X) nunca D. () semanalmente E. () raramente

26. NOME DO(S) JORNAL(IS): A. () local B. () estadual C. () nacional	27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. () editorial B. () esportes C. () variedades D. () programa cultural E. () política F. () página policial G. () classificados H. () outra
--	---

28. LÊ REVISTA? A. () às vezes B. () semanalmente C. () mensalmente D. () raramente E. () nunca

29. NOME/TIPO DE REVISTA: _____

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES

	FREQUENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30. CINEMA	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()
31. TEATRO	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()
32. SHOWS	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()
34. FUTEBOL	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()
35. OUTROS ESPORTES	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()

36. OUTROS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA?				

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> tímido B. <input type="checkbox"/> vivo C. <input type="checkbox"/> perspicaz D. <input type="checkbox"/> sarcástico		
39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A. <input type="checkbox"/> total B. <input type="checkbox"/> grande C. <input type="checkbox"/> média D. <input type="checkbox"/> fraca		
40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A. <input checked="" type="checkbox"/> cooperativa B. <input type="checkbox"/> não cooperativa C. <input type="checkbox"/> agressiva D. <input type="checkbox"/> indiferente		
41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> "A" B. <input type="checkbox"/> "B" C. <input type="checkbox"/> "C" D. <input type="checkbox"/> "D"		
42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR: A. <input type="checkbox"/> grande B. <input type="checkbox"/> médio C. <input type="checkbox"/> pequeno D. <input type="checkbox"/> nenhum		
43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não		
44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):		
45. DADOS SOBRE A FAMÍLIA DO INFORMANTE		
46. AMBIENTE DO INQUÉRITO:		
47. OBSERVAÇÕES:		
48. NOME DOS INQUIRIDORES: INQ: AUX: AUX2:	48. LOCAL DA ENTREVISTA: CIDADE: UF: MA	49. DATA DA ENTREVISTA:
		50. DURAÇÃO:

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Questionário Semântico-Lexical/ Produtos Extrativistas e Agroextrativistas - Caranguejo.



PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO MARANHÃO
Questionário Semântico-lexical
PRODUTOS EXTRATIVISTAS E AGROEXTRATIVISTAS
CARANGUEJO

1. Como se chama o lugar onde ficam os caranguejos, antes de serem pegos?
2. Como se chama a vegetação que costuma crescer no lugar em que se pega o caranguejo? [Apurar a existência de variedade da vegetação]
3. Como se chama o lugar em que os caranguejos se escondem?
4. Como é que você chama o ato de pegar o caranguejo?
5. Como você faz para pegar o caranguejo?
6. Depois que você pega o caranguejo, qual é a primeira coisa que você faz?
7. Para pegar o caranguejo, você usa alguma roupa, algum instrumento especial?
8. Que nome se dá à pessoa que trabalha pegando caranguejo no _____ (cf. item 1)?
9. Você sabe se o caranguejo é conhecido por outro nome?[Existe outro nome para o caranguejo?]
10. Como se chama a fêmea do caranguejo?
11. O macho recebe algum nome especial?
12. O filhote do caranguejo recebe algum nome especial?
13. Como se chama aquele caranguejo pequenininho, branco, que se encontra na beira do mar?
14. De que o caranguejo se alimenta?
15. Quanto tempo vive o caranguejo?
16. Quais são as fases de crescimentos [desenvolvimento] do caranguejo? [Pedir explicação sobre cada uma delas].
17. Qual é a melhor época [período] do ano para pegar caranguejo?

18. Como se chama a época [período] em que há mais caranguejo no _____ (cf. item 1)?
19. Como se chama a época [período] em que as fêmeas têm seus filhotes?
20. Há alguma época [período] em que é proibido pegar caranguejo? [Apurar como se chama essa época]
21. Como se chamam as partes do caranguejo?
22. Existem outros nomes para essas partes?
23. Como é que se chama o caranguejo que tem as _____ (cf. item 19) finas e do mesmo tamanho?
24. Que tipo de acidente, em geral, acontece quando se está pegando caranguejo?
25. Como é feito o transporte do caranguejo que é tirado do _____ (cf. item 1)?
26. Como você chama a pessoa a quem você entrega [vende] o caranguejo que você pega?
27. Como se faz para matar o caranguejo?
28. Em que se cozinha o caranguejo? [Se o informante responder *panela* apurar se essa panela recebe um nome especial.]
29. Quanto tempo dura o cozimento do caranguejo?
30. Como é que se chama a parte do caranguejo que se come?
31. Que nome se dá à pessoa que trabalha tirando _____ (cf. item 30)?
32. Para tirar _____ (cf. item 30), é preciso usar algum instrumento?
33. Como se chama a parte escura que fica dentro do caranguejo?
34. Essa parte é comestível? [Se come essa parte?] (cf. item 33)
35. Como é que se conserva a parte comestível do caranguejo até ela ser vendida?
36. Como os caranguejos são arrumados para serem vendidos nas feiras? [Como se chama cada grupo de caranguejo que é arrumado para ser vendido?]
37. Você conhece alguma lenda, história, cantiga, que tenha relação com o caranguejo?
38. Há alguma festa relacionada com o caranguejo?
39. A festa tem algum nome especial?
40. Quando é realizada a festa [semana, mês...]?]

41. Você conhece estas palavras ou expressões ligadas ao caranguejo?

- Caranguejo-canhoto
- Andada
- Banha do caranguejo
- Fel
- Andar para trás, feito caranguejo [quando é que se diz isso a uma pessoa/ em que situações as pessoas dizem isso a outras pessoas?].

APÊNDICE 2 - Transcrição 1. Informante: FPC, M, catador de caranguejo, 52 anos. Raposa/MA, 12/5/2007.

INQ: Bom seu F. a gente tem algumas perguntas pra fazer pro senhor e a primeira pergunta é o seguinte. Como se chama o lugar onde fica os caranguejos antes de serem pegos?

INF: Mangue... chamam mangue

INQ: Como é, o que é?

INF: O mangue ele é alto, é muita raiz e o caranguejo tem que fica lá escondido né, aí ele não dá em parte limpa assim...não é só em cada vez mais fechado pra ele mais é melhor pra ele.

INQ: O que é que tem lá no mangue?

INF: É o cumê dele que ele se alimenta da foia do mangue quando cai que é o cumê que ele come.

INQ: Isso é o que, árvore?

INF: É árvore...é o mangueiro, árvore que nem esse pau aqui assim.

INQ: É mangueiro que vocês chamam?

INF: É.

INQ: E como se chama a vegetação que costuma crescer no lugar em que se pega o caranguejo?

INF: Como custa crescer?

INQ: É, por exemplo, o senhor vai no mangue, aí o senhor chama o seu mangue de um jeito, mas tem outros tipos de mangues?

INF: Não. Não tem, tem o mangue vermelho que nós chama, que tem até que tirá a raiz, a casca né que fica vermelho mesmo e tem dum branco que chama mangue branco.

INQ: E por que chama mangue vermelho?

INF: É porque a casca dele é vermelha...é vermelhinha, vermelhinha

INQ: A casca de que?

INF: Do mangue, desse.

INQ: Ah sim, isso aqui vocês chamam de mangue lá?

INF: Não, lá se esse aqui bate lá é morrer, porque esse de lá é só da água salgada mesmo, o mangue.

INQ: Ah, o próprio mangue que é vermelho?

INF: É só na água salgada que tem ele aqui em terra por aqui não dá, senão ele morre.

INQ: São dois tipos de mangue, um vermelho e um branco.

INF: É dois tipos que tem.

INQ: E como se chama o lugar em que os caranguejos se escondem?

INF: Buraco né.

INQ: Buraco. E o senhor chama de outro nome também?

INF: Não, não eu chamo de buraco, né?

INQ: Certo! E como o senhor faz pra pegar o caranguejo?

INF: É...a gente tem que meter a mão no buraco dele né. Eles estão aí a gente tem que chegá e meter a mão no buraco dele pra gente ir buscá ele lá embaixo.

INQ: Certo! E quando o senhor coloca a mão lá embaixo. Então seu Francisco, o senhor me falou que o lugar onde os caranguejos se escondem é o buraco, e que o senhor coloca a mão.

INF: Mete a mão, braço pra ir buscá ele lá embaixo, no fundo do buraco.

INQ: Sei! E no caso o senhor, na outra mão, o senhor leva alguma outra coisa pra tirar?

NF: Levo, levo. A gente tem uma braceira que a gente faz de pano, sabe? Que cabe os dedinho direitinho aqui, aí mete o braço todinho aqui pra protegê mais né.

INQ: Chama braceira?

INF: É braceira, que a gente chama. Que só serve pro braço mesmo.

INQ: Mas aí não põe mais nada na mão?

INF: É...só isso, a gente faz os dedinho com a braceira, mete aqui direto e amarra só bem aqui. Se chama braceira.

INQ: E que nome se dá a pessoa que trabalha pegando caranguejo lá no mangue?

INF: Como é que dá o nome?

INQ: Isso!

INF: Tirador do caranguejo.

INQ: Em outro nome que o senhor conheça?

INF: Não. Que eu conheça só esse. Como o espaço que o pescadô dizem que aquele dali é só caranguejeiro. E conhecido, qualquer embarcação que passa aí vem assim, que aqueles caras tão fazeno o que ali? Onde tá só caranguejeiro?

INQ: Os pescadores que falam que vocês são caranguejeiro, mas vocês dizem que vocês são?

INF: Tirador de caranguejo mesmo. Caranguejeiro mesmo, né?

INQ: Certo! E o senhor sabe se o caranguejo é conhecido por outro nome?

INF: Não. Só por caranguejo mesmo.

INQ: Só caranguejo mesmo. E a fêmea do caranguejo, qual é o nome dela?

INF: A fêmea? Chama condurua. Ela é pequena, ela não é muito grandona como o caranguejo, só pequena mesmo.

INQ: Certo! Como que ela é?

INF: Ela são menó, as perna dela não tem cabelo, são pelada as perna dela tudinho...do caranguejo tem cabelo na perna, mas elas não têm, são pelada perna e elas são sempre menó e o casquinho bem redondo delas.

INQ: Sei! E esse cabelo delas, é todo tempo do mesmo jeito?

INF: Todo tempo.

INQ: Certo! E o macho recebe algum nome também especial, assim como ela?

INF: Não, não.

INQ: O filhote do caranguejo, recebe algum nome especial?

INF: Eu acho que também não.

INQ: Nem quando ele está pequenininho, não tem nenhum que vocês chamam diferente?

INF: Não...não, só chama caranguejo. Quando ele tá pequeno a gente diz que é caranguejinho pequeno. É que quando a gente vai tirá aqueles que é pequeno a gente solta e diz que esse daqui não dá pra passá ainda porque é pequeno.

INQ: Certo! E depois que você pega o caranguejo, qual é a primeira coisa que o senhor faz?

INF: É botá ele no cofo pra gente trazê.

INQ: O que é o cofo?

INF: É um feito de paia, que a gente faz, uns cofo grande assim, pra gente botá ele detro pra fica bom de tá levando, pra tá carregando.

INQ: De palha?! E essa palha tem algum nome?

INF: É paia de coqueiro, desse coco babaçu, né.

INQ: E o tamanho dele?

INF: Eles são cofo assim de cinco palmo de boca, sabe?! Que nem do tamanho do pandeiro de farinha, daqueles que cabe trinta quilo, é um média.

INQ: Cabem quantos caranguejos dentro?

INF: Tem os tipos dos caranguejo. Quando é desses lá de baixo são grande né, quando cabe uma parte de cem caranguejo desse, são trinta cambada, treze. Mas aqui pega mais porque o caranguejo aqui sempre é menó. Uma faixa de cento e vinte e sete caranguejo.

INQ: O que é que essa cambada que o senhor falou?

INF: É porque são três caranguejo em uma cambada, a gente amarra os três junto. Quando é pra gente levá pra vendê na feira, a gente bota debaixo do pé, bota o primeiro, bota o segundo e o terceiro aí são três aí a gente diz que é uma cambada.

INQ: E esse grupo de três que é chama de cambada?!

INF: É cambada

INQ: Com que o senhor amarra?

INF: Com nylon.

INQ: Só com nylon?

INF: Só com nylon.

INQ: E quanto tempo o caranguejo vive?

INF: É... realmente mesmo no normal dele é cinco dias pra ele tá garantido com a gordura normal. Se ele passá dessa de cinco dias em diante aí ele fica vivo, mas só que ele não tá mais normal, bom de comê. Esse que a gente tira, depois que a gente tira de lá, traz pra cá ele passa cinco dias nim um cofo aí normal e morre algum. De cem caranguejo, não morre dez caranguejo com cinco dia.

INQ: Mas eles comem alguma coisa?

INF: Não. Fica preso no cofo aí direto.

INQ: Também não lava?

INF: Não, pode lavar a água salgada, se lavar com água doce mata eles tudinho.

INQ: E lá no mangue, o senhor tem ideia de quanto tempo?

INF: Ah, lá no mangue a gente não sabe quanto tempo, que logo todo ano ele fica novo.

INF: Como explica isso aí?

INF: Ele muda de casca todo ano

INQ: Ele muda de casca. E, além disso, além dele mudar de casca acontece alguma outra coisa com ele?

INF: O caranguejo, ele é um problema muito seríssimo, o caranguejo. Parece assim que ele é encantado. Todo ano ele tem essa operação dele. Eu chamo é de operação, porque olha, esse período agora de mês de novembro eles começam a enterrar, já pra sair de dezembro a janeiro eles já tão saindo tudo novo.

INQ: O senhor disse que começa a enterrar, o que é isso?

INF: Eles se entope no buraco lá, esse buraco que a gente tá tirando esse período agora e chegou esse período dele mudá de casca ele entope o buraco que fica zeradinho, olha aqui pensa que não tem caranguejo que ele tá enterrado lá dentro, aí esse período que ele tá lá embaixo nem comendo, nem bebendo, nem nada. Tá lá, ele já tá lá na operação dele só vai abrí o buraco de novo quando ele tiver condições de comê.

INQ: Mas ele cava quantos metros, mais ou menos?

INF: O máximo que ele cava é um metro e meio no máximo, ele não cava mais que isso não.

INQ: Mas não dá mais para pegar?

INF: Não, é quando ele tá na faixa de um metro e meio já não tem condições de tirá mais, só tira quando é a faixa de um metro a gente cava saindo com a lama e tira. O meu braço não dá um metro, mas dá perto.

INQ: Ai quando ele tá lá embaixo, ele tá mudando o casco?!

INF: Ele tá mudando o casco.

INQ: Isso corresponde a que mês mais ou menos?

INF: É de mês de outubro pra novembro, dezembro eles tão tudinho quase nessa operação. Escondido.

INQ: Durante esse período eles estão escondido.

INF: A pior luta pra encontrá, nós que samo tirador de caranguejo, nós samo acostumado tirá duzentas cambadas, vamos dizê, duzentas cambadas dá seiscentos caranguejo. Quando chega esse período, nós não tira cem, porque fica difícil.

INQ: O senhor tira duzentas cambadas por dia é?

INF: Não...assim, quando a gente sai de viagem terça feira de barco lá pra baixo aí a gente passa dois dias, tem vez que se tira em três dia também. É a viagem toda.

INQ: Em uma viagem vocês tiram esse tanto!

INF: Quando tão fácil dá pra tirá, quando não tá fica difícil pra tirá, dá pra tirá cem cambada. Trezentos caranguejo em três dia.

INQ: O senhor está falando que existe essa fase que é difícil tirar, e a melhor fase, qual é?

INF: A melhor fase é já de final de dezembro a janeiro e agora essa época agora tudinho, em todo ponto que entra tem.

INQ: E como é que o senhor chama esse período?

INF: É a safra dele, do caranguejo.

INQ: Como se chama a época, período em que as fêmeas têm os seus filhotes?

INF: Esse período agora elas tão tudinho ovada.

INQ: Agora?

INF: As fêmeas tão, porque elas ficaram tudinho grávida tudinho agora nessa brincadeira deles de andada, por isso o IBAMA proibiu a gente pra não pegá que é da época que eles tão produzindo, que é pra gente não pegá os caranguejo que tão viçando caranguejo mais carangueja.

INQ: O que é andada que o senhor falou?

INF: E quando o caranguejo *anda*. Porque toda ano de carnaval ele *anda* dentro do mangue até adoidado, sai caranguejo pra tudo quanto é lado, aí ele sai do buraco. Ai chama esse período de andar, ele anda aí a gente pega ele a vontade, sai metendo a mão em buraco, aí ele sai andando, brincando.

INQ: Então esse é o melhor período para pegar o caranguejo?

INF: Pra pegar o caranguejo, aí o IBAMA tá proibindo pra ninguém não pegá, é a época que eles tão viçando com as caranguejas, realmente é só nessas época que a gente vê eles junto, nessas época, dá brincadeira deles elas agora tão tudinho buchuda. Nós tiramo caranguejo aí a gente tira a bichona tudo t'ovada que ela ova primeiro dentro, a ova dela é vermelha dentro né, quando tá dentro do casco, quando sai pra fora fica roxa. Ela fica com barrigona toda inchada, aqui é porque nós não tira, mas a que a gente tira lá só vocês vendo como é. A ova sai de dentro pra fora, aqueles ovinhos que é muito, milhões de caranguejo que a gente não pode nem fazê uma comparação quantos tem, cada um ovinho daquele se fô um caranguejo que escape mesmo é muito.

INQ: E quando é que ela solta?

INF: Aí que esse período que ninguém sabe. Porque quando ela tá bem buchudona, eu acho que tem um tempo de ela ficá livre, desovar mesmo. Agora ninguém tem como assim. Do tempo que eu tiro caranguejo, nunca tirei um caranguejinho assim, desse tamanho, porque ninguém acha pequenininho assim, porque tudo quanto é gente aparece pequeno ou vai aumentando. O caranguejo quando a agente encontra ele é só grande, de médio, já no ponto de tirá. A gente não vê caranguejinho miudinho, pequenininho assim não vê. Eu nunca vi.

INQ: E além desse período da andada, ainda tem algum outro que o IBAMA também proíba assim de vocês pegarem o caranguejo?

INF: Não. As fêmeas eles proíbe de pegá, ninguém tirá, mas a época de muito tendo, eu diria de dez anos, um rapaz do Porto do Carritu, que morava lá comprava muito caranguejo, comprava de três mil cambada, chegaram na praia tudinho do Olho D'água aí começô a aparecé esse pessoal de IBAMA ai viram nos prato dos barão, foram nos prato dele aí chamaram o dono do bar e perguntaram que é que botava caranguejo pra eles lá? Aí eles contaram... um senhô assim... Nós somos fulano de tal e não vamos querê as patas da carangueja fêmea, porque tira os machos, tira as fêmea... vai acabá. Então vamos protegê as fêmea, porque os machos realmente não dá pra tirá tudo, mas se tirá as fêmeas, porque sempre as fêmeas é mais poucas que o macho, o caranguejo é, as fêmeas elas dão mais poucas que o macho. Aí eles reclamaram pra eles e eles reclamaram pra gente aí tirador nenhum tira fêmea, nós não tira, se tirá a fêmea e tirá o macho...aí o IBAMA proibiu a gente pra não tirá a época em q'uele tá andando a vontade pra gente não pegá, aí eles proibiram pra ninguém não pegá. Proibiram ano passado e proibiram esse ano... foi três andadas deles dentro do ano, eles proibiram.

INQ: A que meses correspondem essas andadas?

INF: Tem uma data dele aí antes do carnaval. Quando é no sábado...sexta feira, sábado e domingo de carnaval ele também tá andando no mangue e aí depois é a última da Semana Santa.

INQ: Então são três períodos de andadas?

INF: Três períodos de andada. Aí a gente reclamô pra eles porque não dá pra pegá tanto caranguejo assim... sai é muito, milhões de caranguejos. Todo mangue que cê vai tem bastante. Aí essa era época boa de filmá e a gente vê... Mas é só em maré grande.

INQ: Ele só sai com a maré grande.

INF: É quando a maré tá bem grande... Ele não sai em maré de quarto ou em maré de quebramento. Só na maré grande, só na maré grande que ele anda. Aí a gente reclamô pros pessoal do IBAMA parar porque a gente depende disso...ficamos parados oito dias, uma semana aí ele cooperarem com a gente pra dá um agrado, porque nós também paga colônia né, há muito tempo, a maior parte do pescador...todo mundo paga e não quiseram pagá, porque é só uma semana a gente passava...mal, mas passava. Assim, quando era um mês, quinze dias só uma semana. Então nós todo tirador de caranguejo nós fez o alevantamento de qual era o período que nós não devia tirá, que nós sabe, que nós vive da profissão e essa profissão nesse período dá prejuízo pra nós, dá nessa época e dá depois. Esse período desse mês de outubro todinho a gente podia tirá caranguejo porque eles já tão começando a enterrá. Então quando chegasse o mês de novembro não era pra nós tirá mais nenhum. Mês de novembro, dezembro só ia tirá só final de janeiro...Todo caranguejo tava no corte, porque todo esse período em diante ele já tá tocado a leite, ele vai mudá. Fica que é um ovo, tipo quando a galinha põe um ovo, quebra a gema e a clara, daquele mesmo jeito ele fica.

INQ: E o leite é dele mesmo?

INF: Dele mesmo...ele tem que aparecer aquele leite. Ele fica muito só aquela papa assim, aquela gema com a clara fica naquele mesmo estado. Então quando nós tira eles, eles tão muito frágil. Se nós tira, vamos dizê, duzentas cambadas de caranguejo nesse período, quando nós chega pra amarrá pra feira nós não aproveitemos cem cambada. Uma faixa de umas cento e dez a cento e vinte estragado, nós não aproveita a metade. Tirador nenhum não aproveita essa época, aí quer dizer que nós tem que reclamá. Reclamemos pra ele, fizemos a reunião no

Porto ai disse ah, nós não tem nada havê com isso ai não...O que vocês deveriam proibi era essa época, porque nós sabemos tá estragando. Não é?! Porque a gente traz um cofo cheio desse e o q fazê com noventa caranguejo, quando chega e que abre o cofo lá vão tirando e jogando só morto pra li. E catando algum, se dá trinta cambada, eu não tiro vinte vivo...eles ainda tão mole, ainda não tão preparado pra tira ainda, ele não pode pegá vento, pega o sol mata eles rápido.

INQ: Quando ele tá mole assim, vocês chamam de algum jeito?

INF: Nós já ouvi dizer que o caranguejo tá mole. Tá mudado, nós chama ele de caranguejo tá mudado. Essa fase aí, porque se nós proibisse esse três mês, claro que a gente tem que botá neles, pra eles pagá que nem a piracema recebe, só que eles não quer pagá pra gente e é o período que dá prejuízo pra gente é esse período. Porque nós trabalha muito e nunca nada nessa época.

INQ: E as partes do caranguejo, como elas se chamam? Como são chamadas as partes dele?

INF: É peito, a presa, as patas dele.

INQ: O que é presa?

INF: Aquelas duas dele que ele garra. Se chega garrá ele se salvá dele tem que mordê pra se soltar dele pra ele ir embora.

INQ: Tem outros nomes além desses?

INF: Não, não só assim.

INQ: E o que é o peito?

INF: A presa bem do meio dele tem uma divisão nele aqui assim né, nele aqui assim aí até na hora de cê comê tem um divisão assim, ele se divide em dois quantos, em dois pedaços certinho.

INQ: Isso é o peito?

INF: É o que a gente chama, um peito pro lado e um peito pro outro. Porque se duas pessoa vai comê o caranguejo eles quebra bem no meio sai e pronto...tá aí fulano tu fica com um peito e eu fico com outro.

INQ: E aquela pequenininha, como é que o senhor chama?

INF: Unha minguim dele

INQ: Como é que chama?

INF: Unha minguim dele.

INQ: Todas elas?

INF: Não. Tem a pequena.

INQ: A menorzinha o senhor chama assim.

INF: É. A pequenininha mesmo. Porque vem a grande, a presa grande, vem o outro dedo menor, vem o outro e a última, essa daqui na tiração dele sabia que tem um processo danado no tirá dele senão agarrá essas pernas dele tudinho e puxá e deixá essa pata aqui e quebrá assim ele morre... morre. A única perna dele de ciência é essa perna. Se ela escachelou, quebrou com carne, ela escachelou bote ele cofo e ele quando chegá aqui ele já tá morto...Outras, essas daqui tudinho pode quebrá, essas daqui tu tira, tudo, quebra tudinho, mas essa e nem a última do outro lado pode trazê ele que ele amanhece o dia vivo e o dia que os outros tão vivo eles véve.

INQ: O senhor sabe por quê?

INF: Ninguém sabe. Não sei se é porque essa parte ofende o peito dele, tem a algum a vê com essa parte menor dele que é essa perninha, o último, a miudinha tem a vê com o coração dele, porque se quebra ela ele morre.

INQ: Agora o senhor me falou que tem a pata e unha minguinha, e as outras?

INF: E as outras é essas outras do meio. Essas ninguém bota nome nelas não.

INQ: Como é que o senhor chama os caranguejos que têm as patas fininhas do mesmo tamanho?

INF: É porque tem o caranguejo da presa grande que tem uma grande né, grossa né e o outro lado é fina. Tem o outro caranguejo que chama caranguejo igual, porque as duas pernas dele é igual à outra, não tem diferença...até o pessoal que gosta de comprá em feira não gostam muito...Ei esse caranguejo todos eles tem a perna fina, eu não gosto.

INQ: Mas algum colega seu já chamou de outro jeito?

INF: Não, não...só é assim. Todos os tirador chama assim. Quando tira eles e tem as perna fina diz esse aqui é igual.

INQ: E porque que acontece isso, delas não crescerem?

INF: Não sei, é marca deles mesmo. Eu acho que é marca mesmo.

INQ: E que tipo de acidente, em geral, acontece quando o senhor está tirando o caranguejo no mangue?

INF: Acontece os acidente da gente caí. A gente cai é muito, porque a gente fica com o corpo sujo de lama então fica com o corpo liso. Agora a gente tá usando uns sapato de pano, porque desse aqui não presta, bota também não presta atola muito...aí a gente inventou uns sapato de pano no pé, que a gente marra bem marradinho e é esse que tão segurando, protege muito os pé da gente.

INQ: Mas antes de vocês usarem, vocês se cortavam?

INF: Ah...nós se cortava muito, muito, muito, muito mesmo.

INQ: Vocês vão de calça comprida?

INF: É... agora a gente tá usando calça que protege muito as perna da gente, camisa também. Nós tirava era bruto mesmo no mangue, parecia bando de bicho.

INQ: E como é feito o transporte do caranguejo que é tirado do mangue?

INF: É... a gente tira lá, lava, bota na canoa e traz pra cá. Daqui a gente segue ele, quem vende em feira leva de ônibus, não vende em feira entrega em praia, tem seu carrinhos particulá pra levá, quando não é particulá é fretado é só pra praia.

INQ: E pra lavar, lava na água salgada mesmo?

INF: Lá quando nós tamos tirando é na água salgada mesmo. Saiu do mangue lavou todinho, todinho, todinho aí bota na canoa.

INQ: A quem é que o senhor entrega, para que pessoa?

INF: É pra um rapaz que tá vindo comprá da gente aqui, todo dia ele vem.

INQ: Qual é o trabalho dele, o que ele faz?

INF: É só compra.

INQ: O senhor chama ele de alguma coisa?

INF: Eu sou o tirador e ele é o comprador

INQ: E como se faz para matar o caranguejo?

INF: Pra matá ele, pra ele não largá as perna, pra ele ficá perfeitinho a gente tem que abrí com cuidado bem aqui no peito dá a furada com a faca e mata ele. Se tivé largado uma perna daqui a pouco tá matando, se não largá nenhuma pode botá na água que ele não morre mais.

INQ: Se arrancar alguma perna ele morre?

INF: Quando a gente tá tirando lá.

INQ: Qualquer uma perna que tirar?

INF: Na hora que tá matando ele se largá alguma...ele já tá na morte dele mesmo.

INQ: Vocês deixam lá mesmo?

INF: É.

INQ: O senhor falou que fura o peito do caranguejo?

INF: Fura o peito do caranguejo pra matá ele. O pessoal de praia, de bar faz tudinho isso, as vezes, pra eles não largá as perna. Ele só vai perfeito pro prato lá se eles

fizerem isso, matá ele vivo, matá até ele do cofo que tá ali, aí mata ele bota na panela, porque se botá ele vivo pra morrê na panela lá, na água quente, larga as perna tudinho lá.

INQ: Se jogar vivo, mesmo que a água esteja quente?!

INF: Mesmo que a água esteja quente, ele larga as perna tudinho...tem que matá ele antes que coloque no fogo.

INQ: E o que se cozinha o caranguejo?

INF: Com a água, bastante água.

INQ: O senhor usa a água, só água?

INF: É água. E conforme fô, só pra cozinhá mesmo. Só que quem vai comê o caranguejo, vai comê de muitos tipos, aí quem quer comê no leite de coco, já vai outros tipos de temperos. Cozinho a água, bota aquelas fora, só pra cozinhá e vai temperá outra com todo tempero já pra botá pra cozinha com todos tempero.

INQ: E essa água toda, o senhor coloca dentro de que?

INF: Na panela. Chama panela.

INQ: O senhor as chama de algum nome especial essa panela?

INF: Não, é panela mesmo.

INQ: Normal, não é maior que as outras comuns?

INF: Pode ser, depende do tanto do caranguejo. Cinco cambada, quinze caranguejo. Qualquer outra panela média assim é mais cara, a gente ajeita bem ajeitadinho. Agora pra bar assim que eles cozinham muito se dá o nome de tacho porque é panela grande, não é mais panela é tacho, coisa que cabe muito.

INQ: E esse tacho, ele é feito de que?

INF: De alumínio também.

INQ: Só alumínio é o material dele?

INF: Eu acho que é só alumínio. Porque tem uns agora tão grandão assim com as alças de banda, a gente vê é muito onde vende alumínio. Aquilo é caro pra danado.

INQ: Agora, ele é mais grosso do que a panela comum?

INF: É muito mais grosso.

INQ: E o peso dele mais ou menos?

INF: É uma faixa de uns dois quilos e meios a três quilos

INQ: Quanto tempo dura o cozimento de uma panela normal e quanto tempo dura no tacho?

INF: No tacho demora mais porque tem que ser mais. No tacho ninguém vai botá pouquinho caranguejo, tem que cozinhar muito né. Porque se botá cinco cambada de caranguejo dentro de um tacho daquele vai se perdê dentro da água. Então no tacho ele demora mais, porque ele é mais grosso e tem que botá mais caranguejo, praticamente uns trinta minutos depende também muito do fogo. Na faixa de trinta a quarenta minuto no tacho. Agora na panela não, na panela é mais fina.

INQ: Agora o senhor deixa água ferver ou ela fica normal, o senhor coloca o caranguejo?

INF: O que seja matado, o que é pra comê aqui em casa, a gente coloca água no fogo e deixa frevê e vai só jogando ele dentro porque não tem nada a vê eles largá as perna, não. Agora quando é assim pra uma comida mais especial tem que matá logo ele pra não matá as perna.

INQ: E como o senhor chama aquela parte do caranguejo que o senhor come?

INF: O peito do caranguejo.

INQ: Agora tem uma carne, uma coisinha nele que é branca, o que é aquilo?

INF: Tem a gordura nele e tem a carne do peito dele.

INQ: Vocês chamam de carne do caranguejo?

INF: É, carne do caranguejo. E existe aí uma parte que os pessoal tiram uma parte do caranguejo. Nunca ouviu fala não da carne do caranguejo? Tem aqui em Primeira Cruz que eles tira é muito. A profissão dele é pra tirá o caranguejo e tirá a carne do caranguejo.

INQ: Como é que eles tiram essa carne?

INF: Eu nunca vi, eu não sei como é. Dá um trabalho danado, uma mão de obra. Lá é as muié que tira. Tudo manual mesmo, é quebrando com maió cuidado, aquelas da presa que nós chamamo aqui, eles chamam lá a patinha, essa é botada separada e a do peito que nós chama aí é pesado separado também, porque tem as carne esfarinhada, sabe?! E a da presa fica tudo inteirinha as coisa bem cozida tem que quebrá ali pra ficá tudo inteiro.

INQ: E isso eles chamam de carne, se eu disser que eu quero comprar carne de caranguejo?

INF: Essa que é tirada do peito é a carne e essa outra chama patinha do caranguejo. Que é a das presa que nós chama, aí lá é as patinha.

INQ: São só mulheres que faz isso?

INF: É, maió parte só as muié que faz isso.

INQ: E como é que elas são chamadas, essas que tiram a carne do caranguejo?

INF: As cozinheira.

INQ: São cozinheiras?

INF: São.

INQ: Só esse nome que elas recebem?

INF: Cozinheira, tiradeira do caranguejo, da carne do caranguejo. Elas mesmo cozinham, elas mesmo tiram. Aí chamam, fulano de tal é cozinheira e tiradeira da carne do caranguejo.

INQ: Como se chama uma parte escura que fica dentro do caranguejo?

INF: É uns pelozinhos que ele tem, eu acho ali é pra ajudá eles comê, só pode, pra chamá o cumê pra boca, porque eles tem uns pelozinhos por ermo do peito dele, dos dois lados que até é enjoado comê a carne do peito dele a gente tira. Eu acho que tem aquela parte de dentro que ajuda ele comê, limpá alguma coisa dentro dele, só pode ser. Porque todo mundo que vai comê tem que tirá aqueles pelo bem molinho.

INQ: Abrindo um caranguejo, eu vi uma parte nele que fica bem perto do peito que o senhor está falando, que é bem escura, como se fosse uma ponta. Eu quero saber se o senhor chama isso de alguma outra coisa?

INF: Não

INQ: Uma coisa bem escura, dentro do caranguejo, parece pastosa, parece uma pasta.

INF: É a gordura

INQ: A é a gordura do caranguejo?

INF: É a gordura.

INQ: E pra que serve essa gordura?

INF: É pra gente comê ela. Não tem nada a vê, não. Tudo é dele, a gente que come.

INQ: De onde vem essa gordura?

INF: É porque é dele mesmo. Porque na época que ele tá gordo, ele tá gordo mesmo. Que tem a época que ele tá gordo, tem a época eu ele tá magro. Quando é nessa época que ele tá entupido, que e falei, nós sabe que ele tá saindo novo...Ave Maria! Não vale apenas a gente comê, não. Todo magro por dentro, não tem carne, não tem gordura, não tem nada...que tem dentro dele é tudo só gordura, gordura que tem dentro. Não existe como entrá outra coisa pra dentro dele, não.

INQ: E como é que a gente faz pra conservar aquela carnezinha que o senhor falou antes, que a gente come que tem no peito do caranguejo?

INF: Aquilo é botado fora, não presta!

INQ: Não, assim, onde o senhor guarda. O senhor não conseguiu vender hoje, aí o senhor quer guardar, como o senhor faz pra guardar?

INF: A carne do caranguejo ou o caranguejo todo?

INQ: Por exemplo, as tiraderas vão lá e tiram a carne, como é que elas fazem para guardar essa carne?

INF: Lá elas têm congeladô, exclusive só pra botá, porque elas trabalha na profissão. Tudo é a profissão também, aí elas tão tirando hoje e os maridos hoje já tão tirado, na hora que chegam elas vão cozinhá e vão tirá, é tirando e empacotando e colocando nos congeladô tudinho, esse caranguejo vem de lá tudinho pra São Luís, elas não vende nada lá, elas lá só pra tirá, só pra trazê de lá pra São Luís.

INQ: De lá vem congelado pra cá.

INF: Vem congelado tudinho.

INQ: E o senhor conhece alguma lenda ou história ou cantiga que tenha relação com o caranguejo?

INF: Não

INQ: Nunca ouviu ninguém conversar assim?

INF: Não.

INQ: Quando vocês tão tirando caranguejo, vocês contam história que tem relação como o caranguejo?

INF: Não, não.

INQ: Há alguma festa relacionada com o caranguejo?

INF: Lá no Porto do Carritu tem o festival do caranguejo que eles faz.

INQ: E como é que é essa festa?

INF: Eles chamam o festival do caranguejo, porque foi até eu mesmo quem comecei. Eu e mais dois cumpadi meu tava metendo grode lá...rapaz nós tira muito caranguejo se nós fizesse uma festa pra dá muito caranguejo pro pessoal aqui, pra comerem a vontade será que não dava muita gente? Aí o pessoal, rapaz eu acho que dava. Aí botemo aquilo na cabeça e fomo atrás...tem que depender menos de um sócio, porque só pra uma, duas três pessoa tirá caranguejo não tem como, porque se eu tirá dez cofo de caranguejo eu posso dá cinco e o outro eu tenho que deixá porque é pra vendê e comprá as coisas pra minha casa, pra minha família. Então nós sendo muito sócio, cada qual deixa uma parte e vende a outra. Rapaz isso é mesmo, isso dá certo. Aí coloquemos e fomos atrás de um pução de conhecido colega da gente aí fizemos a primeira festa, fizemos e deu oitenta cofo de caranguejo.

INQ: O senhor lembra mais ou menos quando foi o ano?

INF: Não lembro, faz tempo... tá com mais de oito anos. Aí a gente fez a primeira festa, deu muita gente. Nós pagamo as cozinheira pra cozinhá aí os garçom pra recebê e levá pras mesas lá. Quando cê chegava pra festa, cê não ia lá pro balcão pra pedí o caranguejo. Nós tivemos os garçom pra botá na mesa, pro criente pegá a cerveja ia pra mesa e esperava lá, os garçom só era pra botá os caranguejo na mesa. O pessoal iam lá pra perguntá quanto era o caranguejo, o tira gosto todinho, aquela baciada. Eu mandava levá era de baciada. Pode botá mesmo, e se faltá nós somo todo mundo tirador e vamos tirá amanhã. Isso deu muita gente! E até hoje tem essa tradição no Porto do Carritu. É festona medonha, é seresta, é festa, é reggae é tudo. Tudo é dado de graça. Hoje tá vindo de dez mil caranguejo. Não dá pra sábado amanhecendo pra domingo, porque o movimento é no domingo.

INQ: Qual é assim o mês, é sempre o mesmo mês em cada ano?

INF: É só um mês só tirado. É o mês e janeiro, dia de São Sebastião, é vinte e um, parece que é dezoito, vinte...é três dia de festa. Todo ano tem essa festa lá.

INQ: Mas por que vocês escolheram o mês de janeiro?

INF: Porque foi o período dessa casa dessa muié que nós tava bebendo lá na barraca e ela festejava uma santa lá...Santa Bárbara. Ela tinha o barracão dela grande que ela fazia festa, ela disse: tá aí um lugar pra vocês, agora a gente tem que caçar uma data boa pra gente fazê a festa. Ela disse: tá aí, dia de São Sebastião, que por aqui não tem uma festa pra vocês fazê o festejo de vocês...Então é, nós fizemos. Pedimos força pra São Sebastião pra dá certo, porque a gente tem medo é de briga, morte, essas coisas, a gente sempre tem medo, aí quando passou esse cumpade bem entendido, tinha carro, fomos lá tiremo a licença aí o delegado na hora manda os homi por lá, mande senhô...e graças a Deus foi três dia de festa, deu bacana, todo mundo gostô e foi que quando chegô no meio do ano já tavam procurando quando a gente ia fazê a festa de novo, porque tinham gostado de mais da festa, né?

INQ: E o senhor continua participando da organização?

INF: Não, nós continuô três ano na organização, aí teve um problema meu mais do rapaz dos que começaram.

INQ: Quais eram essas pessoas?

INF: Foi eu, foi um cumpadi meu chamado Chico Baixinho, o outro que Chama Mundico pé branco e o outro que era Zé Garcia, Zé Barãozinho, o Antônio, chama Antônio da Caíca, que mora bem aqui assim ao pegado.

INQ: Mas eles ainda estão, continuam com a festa?

INF: Não. Tem uns lá que tão continuano lá ainda. Nós saímo, porque nós comecemo lá no barracão da muié, aí no outro ano a gente vai fazê de novo aqui, então o barraco vai ser de novo aqui de nós, pra ser tipo uma sociedade. Quando ele já tava seguro, o barraco, nós já entra com a paia e nós levanta é de tijolo, a senhora faz a sua festa e a gente vai entrá de sócio aqui. Tá bom, estão lá o colega meu chamado Domingo Babão que é até concunhado meu, lá no dia em que a gente tava carragano caranguejo pra verdadeira festa, ele quis dále num dos rapaz lá, sócio né, aí esse rapaz era sócio, Barãozinho e o cunhado dele chamava ele era sócio também. Aí foi uma briga já medonha, nós tava carregando caranguejo de carroça pra lá. Aí quando eu tô lá recebendo o caranguejo lá na festa, quando disseram rapaz corre que Chico mais Barãozinho querem se matá mais esse Domingo Babão e o concunhado dele lá, aí eu largo essa festa e a radiola ainda não tinha chegado, era sexta feira e a gente tava botando primeiro os caranguejo pra lá. Vô lá, quando eu chego lá tá essa briga medonha, fomos desapartá essa zoado toda. Nós tiremo esse Domingo Babão né e o Barãozinho disse pra mim assim: e aí seu Chico, o senhô que o chefe da festa agora ocê escolhe, Se o Domingo ficá eu saio mais meu cunhado. Aí já pode mais tá danado não tô sabeno porque cês brigaram que nem aqui eu não tava, não, eu tava lá recebendo o caranguejo, descarregano a carroça e recebeno lá. Agora danou-se de que lado eu vô ficá? Não sei, o senhô escolhe. Aí eu rapaz quer sabê de uma coisa, por causa de um não vô perdê dois, eu vô ficá com os dois, Domingo tu não vai ficá, aí ele não eu vô ficá, eu vô ficá de um jeito ou de outro eu fico. Aí eu rapá de um jeito ou de outro tu não fica não, tu só ficá se nós todo mundo concordá. Os outros acharam tudo errado porque foi discuti com a muié do rapaz lá né, até empurrô ela aí ele tá dizeno se tu ficá os outros dois sai, então eu não vô deixa de ficá com dois pra ficá contigo aí ele ficô. Quando foi pra ficá no outro ano nós fizemo a festa, ele não participô, eu entreguei o dinheiro dele, entreguei os caranguejo, aí fui deixá os três cofo de caranguejo dele lá três cofadão porque tava aumentando de gente, muita gente tava entrando, tava

dando mesmo caranguejo pra cada um aí fui deixá os três cofo de caranguejo lá, na boca da noite, umas dez horas eu cheguei lá e disse: rapaz, tá ai Chico fica com esse caranguejo e esse dinheiro, era numa faixa de setenta reais, setenta cruzeiro nessa época, tá aí fica com o dinheiro e com o caranguejo, sai dessa também, deixa eles se racharem pra lá. Eu digo rapaz eu não posso sair, eu que sou do botequim, eu que era o chefe o meu cumpadi era o que ia atrás da cerveja tudo, a festa a maior parte quem mandava era eu e ele, o cumpadi meu, aí eu disse: rapaz eu não posso sair, não tenho motivo pra mim sair...não fica com o caranguejo e com o dinheiro e sai dessa festa também. Não, eu não posso sair não, tá aqui teu dinheiro, teu caranguejo, depois nós conversa aí. Deixei na casa dele e vim embora. Porque ele não participô da festa esse ano, ele desviô pro outro ano, aí ele começô convidano outro pessoal que queriam, porque ele tinha o terreno grande, como ele tem mesmo e hoje a festa é feita lá no terreno dele que queria pra ser lá porque já fazia dois anos, tinha que tê um barraco da gente mesmo. Aí convidaram a gente pra reunião, eu fui, aí nós ficava a maior parte nenhum participô, porque puxô pra lá porque nós saiu zangado, expulsemo ele aí ele se zangô, então eu disse: rapá, então faz a festa, pode fazê. Então ele ficô fazeno, eu não entrei mais. Ele lutô foi muito, eu disse: não rapaz, agora é a vez de vocês, já tá tudo encaminhado, o pessoal já não tão vindo, qualquer radiola que botá dá muita gente. O pessoal vem por causa da radiola, é pela tradição que o povo gosta de vê o movimento. Lá a senhora vê as muié tudo trabaiano aí, tudo preparada, cabeça amarrada quem tá escovano o caranguejo tá, quem tá matano tá. Vai gente demais batê retrato. Muita gente, se a senhora vê o tanto de espeça que vem de fora que eu não sei nem de onde, como daqui lá naquela pista, fica de carro de uma lado e de outro, pra frente e pra trás de carro. E muita gente demais, hoje essa festa tá muito grande.

INQ: Como é que se chama, tem alguma época que é proibido o senhor pegar o caranguejo?

INF: Não, tem não. Só essa proibição que o pessoal do IBAMA tão fazeno agora, que é a época que tá andando pra gente não pegá.

INQ: Essa época que o senhor chamou de andada, essa que o IBAMA proíbe?

INF: Proíbe que é pra gente não pegá mesmo. Eu não peguei de jeito nenhum, porque eu ia pegá ele, porque se ficá parado aqui e não ganha nada, mas Deus ajuda. Eu ia pegá, quer sabê esse pessoal de feira...esse rapaz que eu vendo pra ele...vô pegá, se esse pessoal do IBAMA pegá eu dô meu jeito de ir pra cidade. Ele ligô pra mim que era pra eu pegá o caranguejo, eu disse menino nós vamos, vamos pegá caranguejo nós sai na maré de noite, o pessoal tá andando de voadeira, há dois anos eles tava andano de voadeira direto. Aí quando ele ligô pegaram um caminhão chapadinho de caranguejo tinha não sei quantos mil de caranguejo, pegaram esse caminhão e distribuíram esses caranguejo, multaram, disse que o caboco pagasse dez reais por cada quilo de caranguejo, disse que o cara ia pagá dez reais aí ele ligô pra mim, pra eu não ir mais não que já tinha um caboco preso com o caminhão cheinho de caranguejo. Então eu não vô não, depois nós vai preso com caranguejo e tudo. Aí foi que o pessoal mais velho disse: ovo não briga com pedra. Se é lei é lei, tem que obedecê a lei. Porque se a gente não obedecê só dá pra gente mesmo.

INQ: O senhor conhece essas palavras que eu vou dizer para o senhor ou expressões ligadas ao caranguejo. O senhor já ouviu falar em caranguejo canhoto?

INF: O caranguejo canhoto muitos chamam do mesmo caranguejo das perna fina, que chamam igual outros chamam também canhoto, esse caranguejo assim que tem as duas perna fina, nenhuma é grossa muita gente chama ele é de canhoto.

INQ: E o fel, o fel o senhor já ouviu falar?

INF: O fel é a parte que ele tem dentro do intestino dele. Esse a gente não come, não que é amarga pra daná, onde fica o comê que ele comê.

INQ: Onde é que a gente encontra esse fel, se abrir?

INF: Quando se abre ele, é bem aqui na boca mesmo, bem aqui onde tem a entradinha, o primeirinho, quando se abre o casco dele aqui assim tem o fel dele bem aqui assim, pedacinho pequeno esse aqui, todo que tem gordura, quando ele tá gordo é só pegá ele aqui e arracá ele aqui assim só é a bolinha aonde todo o comê que ele come aí fica ali, onde fica o fel do caranguejo, porque amarga, mas não é o fel do caranguejo ali é o fato dele, só aquela besteirinha onde ele destrói o comê todinho dele. Nim outro lugá não tem nada mais que amargue, que fique ruim, só aquele fel, tirô aquele fel. A gente mesmo chama fel porque sente mordê amarga, mas ó porque é amarga. Não tem outro gosto ruim, lá é o fatozinho dele onde ele come e destrói o comê que alimenta ele todo dia é só ali.

INQ: E andar para trás feito caranguejo, em que situações as pessoas falam isso, o senhor sabe?

INF: Eu não sei. Uns pessoal dizem assim: fulano de tal quando faz uma coisas errada. Fulano de tal tá que nem caranguejo, tá andando pra trás dizê que caranguejo é que anda pra trás.

INQ: Então quer dizer que é fazer coisa errada?

INF: É, fez coisa errada tá dizeno que fulano de tal fez coisa errada. Por exemplo: Se eu botá um comércio aí meu comércio tô vendeno muito, tá se saindo muito, vendeno bastante lá eu faço qualquer negócio errado porque hoje quando o caboco faz um negócio errado paga muito em dinheiro, dá o prejuízo nas coisa, fracassa aí fulano de tal fala assim: oía a barraca do Chico já teve bem equilibrada, agora tá que nem caranguejo tá andano pra trás. Quando tá andano pra trás assim é difícil de se ajeitá. Qualquer coisa errada é andar que nem caranguejo, tá andando pra trás.

INQ: Me diz uma coisa, tem alguma coisa a mais sobre o caranguejo que não tenha contado, até porque a gente sabe muito pouco sobre o caranguejo, que o senhor ache interessante nos dizer alguma coisa que a gente não lhe perguntou, mas eu o senhor lembra assim, sobre o caranguejo, se o senhor pudesse nos dizer?

INF: Não, que eu saiba não.

INQ: Por quanto o senhor vende uma cambada de caranguejo, quanto é que as pessoas costumam vender?

INF: Aqui nós tá vendendo por contato direto pro rapaz.

INQ: O senhor sabe por quanto ele vende?

INF: Não sei por quanto. O atravessado quer ganhar é muito.

INQ: E esse que recebe da sua mão leva pra vender é chamado de atravessador?

INF: É. O pessoal chama de atravessador, porque ele vive só de comprá, esse que é exploradô mais é esses. Ele compra da minha mão barato, eu passo uma dificuldade danada pra ir buscá com toda as despesa tudo, fico lá o dia todo aí eu chego, como eu cheguei agora tarde, hoje essa viagem foi moleza ainda, porque é perto. Tem dia que a gente sai daqui cinco horas da manhã e chega sete horas da noite, tem vez que não fatura quase nada, pega muita chuva.

INQ: E os senhor vende para ele como, por cambada?

INF: Por cambada. Três cambadas, três caranguejo na cambada. Ele tá pagano agora um e setenta. Mas na praia, a gente tá entregando no mínimo a dois e cinquenta. No mínimo dois e cinquenta.

INQ: Então o atravessador compra do senhor, aí vende pra outra pessoa e essa pessoa que vai passar pra mim, no caso que vou comer, é isso?

INF: É. Porque tem o comprador também que vende na feira a retalho e tem o que vende também na praia. Porque em praia, nos bar eles sempre recebe muito. E tem

os vendedor de feira que vende a retalho, vende de duas cambada, três cambadas, cinco, dez, vinte é assim. Mas ninguém quer ganhá pouco, só quer ganhar a metade.

INQ: Mas ele também compra do senhor?

INF: Pode ser, quando ele não compra da minha mão, ele compra da mão de outro. Porque no Porto do Carrituba, lá tem tirador de caranguejo demais. Dia de ontem e hoje saltou no mínimo cinco mil cambada de caranguejo lá no Porto, só no Porto do Carrituba, bem aí. Eles tão aí só no porto. Tem dois lugá vizinho da gente aqui Combique e Tapel. A maior parte das profissão aqui é catador, porque eles acham que o caranguejo dá, porque chegô de lá tá com o dinheiro na mão. Se não tá na mesma hora que o comprador tá esperando, no outro dia de manhã já tá com o dinheiro na mão. E esses outro tipo de serviço sempre demora, tem uma demora, vamos dizê assim capiná um sítio...Fulano de tal ainda não me pagô, eu vô te pagá amanhã ou depois aí sempre tem aqueles contratempo. Na hora que eu chego no meu caranguejo já tenho dinheiro pra eu recebê. Tem vez que nós mesmo de um compra do outro, quando o cara tá liso que quer vendê na canoa ele diz rapá eu compro. Eu vendo a um e setenta, mas se eu achá um da canoa pra vendê a um real pra mim eu compro, aí o cara eu te vendo mesmo. Quem tem mais dinheiro vem comprado dos outros. Tem uns que é rapaz, então tanto faz pra mim ter dinheiro hoje o amanhã. A maior parte dos rapaz hoje não tem interesse, tem muito que tem, mas tem uns que não tem. Principalmente quando véve na casa de pai e mãe é sustentado pelo pai e pela mãe, ele não tem. Ele almoça e janta, toma café e tudo dorme a vontade, não tem compromisso quase.

INQ: Seu F., a gente pediu para o seu filho pegar o caranguejo ali e a gente vai filmar aqui com o celular para o senhor ir mostrando as partes do caranguejo, pode ser?

INQ: O senhor tem algum nome pra esse aqui?

INF: Esse aqui é presa minguiim dele

INQ: Esse que é a presa minguiim dele?

INF: Essas outra não tem nada havê não, essa nós não sabe nome delas não, só a minguiim. Nós tem esse segredo, na hora de tirá ele, nós tira ele assim pra puxá no buraco, ele tem que vim assim. Se não agarrá só essas aqui e deixa elas assim, deixá ela escachelar ela assim, ele morre na hora não adianta nem nós trazê ele pra cá porque eles já tão morto.

INQ: Como é que o senhor vai com a mão, assim?

INF: Com a mão fechada, chegô lá topou abre a mão e pega nas perna dele e puxa ele.

INQ: O senhor falou que ele troca o casco, troca essa parte toda aqui?

INF: Ele troca toda essa parte aqui. Ele larga essa parte tudinho, tudinho aqui ele larga isso tudinho e fica só a papa, cê bota ele na mão só fica aquela papa tipo uma clara de ovo com a gema, como aquela agua viva, do mesmo jeitinho.

INQ: E essa parte bem aqui?

INF: Abre bem aqui. Isso bem aqui é a boca dele, aqui. Isso bem aqui que é a boca dele. Ele pega o comê com essas bichas daqui pra botá nessa boca dele bem aqui, aqui que funciona tudo.

INQ: E o fel fica pra cá?

INF: O fel fica é bem nessa parte aqui, quando a gente arranca essa parte aqui fel só fica no casco aqui, essa parte dele aqui no fel, bem aqui dentro.

INQ: E isso aqui, o que é?

INF: É o cabelo dele, da perna dele.

INQ: E esse cabelo é sempre dessa cor?

INF: Todo tempo, a maior parte do tempo é assim.

INQ: Uma vez eu ouvi uma pessoa falar encontro do caranguejo, o que é que eles chamam de encontro do caranguejo?

INF: Eu não sei.

INQ: E o senhor falou só da papa, e depois que ele não fica só a papa, ele fica assim de novo, pra que serve ele ficar mole?

INF: É o tempo que ele larga isso aqui tudinho, quando ele largô isso aqui todinho, essa parte dele todinha, todinha aí ele fica como morto só aquela papa, vai renovando de novo, vai endurecendo de novo com o tempo. Como casco novo, aquela pele vai engrossando, vai engrossando. Ele passa no máximo quinze dia morto.

INQ: E pra ficar assim de novo, já passa quantos dias?

INF: Quando tá com um mês ele já tá abrindo o buraco e começam a comê.

APÊNDICE 3 - Transcrição 2. Informante: SPB, M, catador de caranguejo, 31 anos. Araiões/MA, 13/10/2007.

INQ: Bem S. como a gente havia conversado contigo, a gente vai querer saber como tu chamas determinada coisa com que tu trabalhas no teu dia a dia, como é que é trabalhar com o caranguejo. Nós temos um questionário que vamos aplicar. Vamos fazer uma entrevista voltada ao teu campo de trabalho.

INQ: De que o caranguejo se alimenta?

INF: O caranguejo se alimenta da folha do mangue, da folha da siríba o alimento deles são esse.

INQ: E o que é a siríba?

INQ: Siríba é um pé de árvore que nasce na residência deles, a mesma terra que eles produz.

INQ: E essa siriba é só uma?

INF: Não, é várias.

INQ: Como é que elas se chamam, tem tipos assim?

INF: Tem não

INQ: É uma árvore?

INF: É uma árvore.

INQ: Ela é mais ou menos assim como?

INF: Elas são grande, cresce bastante.

INQ: E como se chamam os lugares onde ficam os caranguejos antes deles serem pegos?

INF: Serrote, o Rio do Serrote.

INQ: Ali no Rio do Serrote tem um lugar onde eles ficam, onde eles se escondem e você vai lá e como é que chamam esse lugar?

INF: Tem o mangue do Chapéu, tem Bredo, tem a Barracoa, tem a ilha do Heloíso, tem vários lugá de trabaio.

INQ: Um lugar onde ele fica lá dentro?

INF: Dentro é debaixo da terra.

INQ: E tem um nome que vocês chamam?

INF: Buraco, é o buraco deles. O buraco do caranguejo.

INQ: Se tiver outro nome que vocês usem além de buraco?

INF: É buraco mesmo.

INQ: E como é que você chama o ato de pegar o caranguejo, de puxar o caranguejo do buraco?

INF: Chama caranguejeira.

INQ: Mas você vai lá e pega ele lá de dentro né?

INF: Pega lá de dentro.

INQ: E como você chama isso?

INF: A gente usa um cambito, um ferro.

INQ: E o que é esse cambito?

INF: Um ferro de vergalhão

INQ: Parece o que, uma coisa assim que o senhor poderia dizer que eu poderia saber?

INF: Cê faz uma pontinha na volta dele, e encima cê fecha ele assim e passa uma liga em volta.

INQ: E ele é de que?

INF: É de vergalhão, ferro.

INQ: Mais ou menos quantos centímetros?

INF: Se eu usá de um metro, um metro e pouco quanto eu pudé alcançá a profundidade dele.

INQ: Qual a profundidade mais ou menos de um buraco desse?

INF: Olha, ele chega até um metro e vinte.

INQ: Varia esse tamanho?

INF: Varia, tem dele raso e deles fundo.

INQ: Mas o cambito seria o vergalhão de mais ou menos quanto?

INF: De setenta e cinco .

INQ: Aí na ponta ele fica enrolado assim?

INF: Fica enrolado.

INQ: Seria mais ou menos esse aqui assim, enrola assim?

INF: Essa ponta mais menor.

INQ: Qual é a parte do caranguejo que vocês conseguem? Porque vocês colocam lá dentro do buraco e tira com isso o caranguejo. Qual é a parte do caranguejo que ele segura?

INF: É a parte do meio que ele pega do caranguejo.

INQ: Bem no meio?

INF: No triscá do caranguejo ele vai subindo aos poucos.

INQ: Os caranguejos sobem quando vocês triscam?

INF: Isso, ele sobe.

INQ: Então a função dele é fazer com que o caranguejo vá subindo?

INF: Vai subindo.

INQ: E como você faz para pegar o caranguejo além de utilizar o cambito?

INF: Aí você tira quando ele chaga em certa medida que o seu braço alcança, você tira o cambito e coloca o braço e traz o caranguejo, bota deixo do pé, puxa a corda da cintura, a palha e amarra o caranguejo.

INQ: Você amarra o caranguejo logo depois que tira?

INF: isso

INQ: Tu disseste que bota o caranguejo debaixo do pé, mas como é que tu fazes?

INF: Não, ele fica quietinho. Após cê tirá ele sujo da lama cê bota ele debaixo do pé enquanto cê ajeita o outro que já tá amarrado na corda pra fazê o fechamento da corda.

INQ: E para pegá o caranguejo, você usa alguma roupa, algum outro instrumento além do cambito?

INF: A gente usa roupa, calça, sapato, touca, luva.

INQ: E como é essa roupa?

INF: É simples mesmo, roupa velha. Cê veste a roupa, calça o sapato velho também, cê coloca uma luva no braço.

INQ: E essa luva vocês compram pronta ou vocês fazem?

INF: A gente manda fazê.

INQ: Ela pega até o ombro é, assim, com os dedos com tudo?

INF: Tem as dedeira. Primeiro cê faz as dedeira, segundo cê veste os dedo tudinho com as dedeira, terminá aqui cê põe a luva vem até a cabeça do ombro.

INQ: E o que é dedeira, algum pedaço de pano?

INF: Algum pedaço de pano que é costurado pra entrá certinho no dedo aí você passa um nylon de saco pra mode fica segurando pra mode ele não sair do dedo.

INQ: Além de colocar a dedeira ainda faz uma proteção de nylon, mas cada um é separado?

INF: Cada um é separado.

INQ: Aí depois disso é que põe a luva?

INF: Põe a luva, faz o amarradinho encima do pulso e faz outro amarradinho no músculo e outro na cabeça do ombro pra segurá

INQ: E com que amarra?

INF: Com a própria embira de amarrá o caranguejo. Com a própria palha de carnaúba.

INQ: Se a gente pergunta de que é a embira?

INF: É feita com o próprio olho da carnaúba. A gente risca ela e tira com quatro ponta.

INQ: O que é riscar?

INF: Riscá, digamos... cê pega um olho de palha ele tá inteirinho, cê vai tirá as costa dele e vai tirá a barriga cê vai usá só o meio dele pra fazê a palha pra amarrá o caranguejo.

INQ: E a quem você entrega, vende o caranguejo?

INF: Apesar de tá três semana sem trabalhá como o caranguejo, que eu passei quatro ano comprando, eu dei uma paradinha tá com um mês que eu parei, mas quando eu comprava eu comprava e entregava pro Orelha. O nome dele se chama Antônio.

INQ: Mas se não fosse uma pessoa, qualquer pessoa, como é que você chama, se fosse assim você vende pra alguém como é que você chamaria qualquer pessoa?

INF: A última pessoa pra quem eu entreguei foi pra Jumbatuba.

INQ: Não, eu digo assim pra essa pessoa que a função dela é receber o caranguejo, vocês chamariam como assim?

INF: É comprador.

INQ: Então o que tira como é que chama?

INF: O caranguejeiro

INQ: Então quando eu chamo de caranguejeiro eu já sei que é aquele que vai lá?

INF: Vai arrancá.

INQ: Se chama arrancar caranguejo?

INF: É.

INQ: Então quando tu sais pra fazer isso, tu dizes eu vou agora...

INF: Arrancá caranguejo.

INQ: Ah tá certo, tu vais arrancar caranguejo. Quem arranca o caranguejo é o caranguejeiro e o que recebe?

INF: É o comprador.

INQ: Agora esse comprador fica aqui ou ele fica mais perto de vocês, como é que é. Onde ele fica exatamente?

INF: O comprador que é o atrevessadô.

INQ: Vocês chamam também de atrevessador?

INF: O atrevessadô que nós apanha aqui e que nós entrega pra ele na lancha, aí ele vai e pega e passa pro cabeça, pro outro patrão mais forte e transporta pra Fortaleza.

INQ: E o cabeça é o que?

INF: O cabeça é o que distribui de Fortaleza o caranguejo.

INQ: Então deixa eu entender. Existe o caranguejeiro, vem o comprador que recebe do caranguejeiro e passa pra outro patrão que é o cabeça, que transporta pra Fortaleza.

INQ: E o atrevessador é o mesmo que o...

INF: Atrevessadô ele arranca, ele vende, tá entendendo?

INQ: E você sabe se o caranguejo ele é conhecido por outro nome?

INF: Não

INQ: Só esse nome?

INF: Só caranguejo.

INQ: E a fêmea do caranguejo, como ela se chama?

INF: Carangueja

INQ: Outras pessoas chamam de outro nome?

INF: Carangueja fêmea.

INQ: E o macho, o que é macho pequenininho que ainda é filhote, ele recebe algum nome especial também?

INF: Não, o nome que ele recebe é caranguejo médio, pequeno.

INQ: Caranguejo pequeno, caranguejo médio...E aquele caranguejo pequenininho meio branco que se encontra na beira do mar?

INF: Já, aquilo já não é mais caranguejo já é outro nome.

INQ: Qual é o nome desse, tu sabe?

INF: Não tô lembrado no momento, mas eu sei o nome dele.

INQ: Aquele cresce?

INF: Não, aquele é o tamanho dele mesmo.

INQ: Ele sempre fica daquela cor e as pessoas comem?

INF: É. Não, realmente ninguém come não.

INQ: Mas você sabe a diferença dele para esse outro que você vende?

INF: Não, eu não sei a diferença de um pro outro não.

INQ: Tu estavas falando que tu vais e tiras o caranguejo, depois que tu tiras lá do mangue o que é que tu fazes assim, etapa por etapa até tu entregar pro atravessador?

INF: A gente trabalha na terça feira o dia todo, também depende da maré. Cê vai, pega o caranguejo cê guarda, na quarta feira cê de manhã cata e vai pro serviço de novo.

INQ: O que é catar?

INF: Catar, digamos que eu peguei vinte corda de caranguejo morreu dois, três caranguejo vou ter que tirar aqueles morto pra entregá pro compradô só os vivo.

INQ: Tu disseste assim, eu peguei vinte cordas. O que é essa corda?

INF: Corda são as vinte cordas de caranguejo que a gente chama aqui.

INQ: Como é que você faz essa corda?

INF: São com quatro caranguejo.

INQ: Cada grupo de quatro caranguejo se chama de corda.

INQ: Então o grupo de quatro caranguejo se chama corda?

INF: Isso. No caso de dez caranguejo se chama de amarrada

INQ: Dez cordas amarrada?

INF: Dez corda de caranguejo a gente chama uma amarrada de caranguejo, que são.

INQ: Uma amarrada eu tenho dez corda?

INF: Dez corda.

INQ: Agora se eu quisesse, por exemplo, só doze, como é que tu chamarias?

INF: Uma dúzia

INQ: Uma dúzia, mas eles assim amarrados. Tu disseste que quatro amarrados é uma corda?

INF: Se dava três corda.

INQ: Então quando tem quarenta é que muda o nome?

INF: Muda.

INQ: E quando tem mais, tem outro nome ainda pra uma quantidade maior?

INF: Não. Digamos se uma quantidade é cem corda, vinte corda, trinta corda, quarenta corda. Aí quando chega nas cem, passa das cem é amarrada, cinquenta amarrada, trinta amarrada. Trinta amarrada é o que trezentas cordas.

INQ: Agora vocês fazem sempre grupo de quatro?

INF: De quatro, aí junta pra vendê pro compradô as dez, quatro que se chama amarrada.

INQ: Tu estavas falando das etapas. Tu vais na terça feira é arranca o caranguejo aí traz pra cá.

INF: Não, deixa na canoa. Cobre com a folha e deixa lá guardadinha.

INQ: Com que folha?

INF: É a folha do mangue manso.

INQ: O que é esse mangue manso que a gente não conhece?

INF: O mangue manso é tipo essa arvorezinha bem aqui, aquela de lá. A folha dele é daquele tipo, é o mesmo local que o caranguejo mora também debaixo deles. E que recolhe as comida também que cai as folha, se alimenta das folha dele também.

INQ: Mangue manso é uma planta?

INF: É se torna uma planta, uma árvore.

INQ: Aí vocês deixam debaixo dessas folhas porque ajuda?

INF: Ajuda, ele se alimenta...é nem por ele se alimentá, é pela frieza.

INQ: Aí ele fica lá a noite toda?

INF: Ele fica lá a noite toda, aí quando é de manhã ele fica amarrado de dez e entrega e em seguida a gente vai pro trabalho de novo arrancá mais.

INQ: E quanto tempo o caranguejo vive depois que você tira do mangue?

INF: O caranguejo depois que a gente tira do mangue, se tirá com bastante cuidado, sem maltratá ele, ele dura oito dia.

INQ: Mas vocês têm que alimentar, vocês têm que colocar alguma coisa pra comer?

INF: Se tivé. Cê tem que tá todo tempo com ele molhado, porque cê nunca pode deixá ele secá, porque ele tem uma aguazinha dentro dele se aquela água secá ele morre.

INQ: Mas molhado, o que seria esse molhado é você molhar em casa?

INF: Por acaso cê tem dez corda de caranguejo cê quer comê tal dia cê agoa ele com aguazinha que é pra ele ficano todo tempo frio, naquela frieza. Vai morreno, sempre vai morreno, vai morreno, vai morreno até chegá naquele dia.

INQ: E ele lá no mangue, quanto tempo ele vive, vocês tem ideia?

INF: Sem nós bulí?

INQ: É, sem ser tirado de lá?

INF: Ele véve muito tempo, muito, muito tempo se ninguém bulí nele, ele só vai trocano de casco.

INQ: O que seria esse casco?

INF: Esse casco é o seguinte, quando chega à época que nós tamo agora no mês de outubro ele tá só o leite, o caranguejo.

INQ: Mês de outubro?

INF: É, ele fica molinho, troca de casco fica molinho.

INQ: Sempre outubro?

INF: Sempre. Agosto, setembro e outubro esses mês eles tão molinho, tão trocano de casco. Então nesse período, o caranguejo se torna um leite. Cê pode pegá um caranguejo bem molinho e pegá um copo e espremê que cê enche o copo, ele se torna só no leite que nem que seja leite de gado. Cê não pode comê ele mole, cê comê o caranguejo ele tâno mole cê se embriaga, cê não pode comê ele ou quando ele tá véio ou quando ele tá novo, naquele período cê não pode comê.

INQ: E quando vocês consideram ele velho ou ele novo? Assim, você disse que tem o período que ele está mole, tem o período que ele está novo e que ele está velho?

INF: É porque o período que ele está véio ele tá gordo, tá no ponto da gente comê e no período que ele tá novo, ele tá magro. A gente come, mas só que não é gostoso que nem tivesse véio. Tem essa diferença.

INQ: E quando é esse período que ele fica gordo e depois que ele fica magro?

INF: Ele vai chegá tá gordo pro mês de dezembro, de janeiro que é o tempo que vem a brincadeira do caranguejo. É a saição do caranguejo.

INQ: O que é isso?

INF: A saição é uma coisa, quando chega encima do carnaval, no mês de fevereiro, encima da maré grande depois de três dia ele sai pra brincá mangue a fora pra se alazá com as fêmea.

INQ: Alazar?

INF: Alazá que a gente diz é produzi os dois, eles sai, fica fora na beira do rio se lavano, tomano banho aí é a época que ele tá todo...chega essa época agora tá proibida, ninguém trabalha mais. Ninguém pode trabalhá.

INQ: Por quê?

INF: Porque é a época que eles tão se reproduzindo.

INQ: E também assim, e no período de carnaval que acontece, que eles saem?

INF: Eles saem no mês de fevereiro. Janeiro, fevereiro e na Semana Santa.

INQ: São quantos dias aproximadamente?

INF: São três.

INQ: Três dias de cada mês?

INF: São três dia de cada mês.

INQ: Tem dia certo assim pra eles saírem?

INF: Não tem porque vai dependendo da maré. Os mês são certo, mas os dia não tem conta porque depende da luada da maré, aí que muda, vai dificultando a gente dizê o dia, agora o mês a gente diz porquenão depende. Ele sai na maré cheia, quando seca ele fica normalmente brincando.

INQ: E agora, e o magro?

INF: Nessa época já não tem mais.

INQ: Mas e o caranguejo magro, em que época ele aparece?

INF: Não, ele fica difícil quem nem o outro.

INQ: Que nem o que fica mole?

INF: É. Todos ele fica difícil de você pegá ele. Que nem eu falei, tem que usá o cambito pra trazê até encima pra pegá ele, até na média de cê colocá.

INQ: Então caranguejo que é gordo é o que fica mais fácil de ser pego?

INF: São iguais.

INQ: Todos eles é muito difícil?

INF: Todos eles são iguais, são difícil.

INQ: Assim, de todas essas épocas qual é a que tu consideras melhor pra pegá o caranguejo, que tu ganha mais?

INF: A época melhor é na entupição do caranguejo.

INQ: O que é essa entupição?

INF: A entupição é na época que ele vai mudá de casco. Ele fica no buraco apanha um monte de folha e enche o buraco de folha, terminado ele fecha aí ele faz uma morro de terra, um morro de lama encima da boca do buraco dele é a época melhor de cê pega ele. Por que é melhor? Porque cê fura o buraco, coloca cambito e ele sobe rápido, mas rápido.

INQ: E isso acontece antes dele ficar?

INF: Antes dele ficá mole.

INQ: Então seria em que, em julho?

INF: Isso seria julho, agosto aí vai por maré também. Em uma maré cê pega ele duro, em outra maré cê pega ele mole.

INQ: Ele troca várias vezes de casco é?

INF: Uma vez no ano. Uma vez nim cada ano.

INQ: Depois que ele nasce mais ou menos com quanto tempo ele troca?

INF: É coisa rápida digamos. Essa semana ele tá mole aí na próxima semana ele já tá no ponto da gente recolhê ele do buraco pra arrancá. De oito em oito dia ele muda de diferença.

INQ: Depende assim de que pra ele mudar o ambiente que ele fica?

INF: Só depende das maré.

INQ: Ah! Só depende das marés.

INF: Só das maré.

INQ: No ano ele muda mais uma vez de casco?

INF: Não, só uma vez. Mas não são todos de uma vez, não são. Vai uma etapa, passa a maré vai outra etapa e aquela primeira já vai ficano novo, como a gente chama.

INQ: O novo é quando ele já mudou de casca?

INF: Quando ele já mudô de casca.

INQ: E ele só fica mole quando ele vai mudar o casco?

INF: Só quando ele vai mudá de casco.

INQ: Antes desse período dele mudá de casco ele fica mole, ele passa mais ou menos quanto tempo mole?

INF: De oito em oito dia.

INQ: E como se chama a época em que as fêmeas tem seu filhotes?

INF: É na época da saição.

INQ: Saição, qual é essa época?

INF: Na época que eles tão brincano.

INQ: Elas já tem os filhotes?

INF: Não, ela não tem. É época deles reproduzi, aí depois ela vai ficá dentro do buraco lá ela produz as ova dela, deixa ele lá dentro. Eu também não essas experiência aí, não sei se eles continua no buraco junto com ela.

INQ: Vocês já observaram quanto tempo ela passa?

INF: Não, não...a gente não chegô a observá

INQ: E você já pegou alguma fêmea do caranguejo?

INF: Já

INQ: Mas pode vender?

INF: Não, é proibido.

INQ: É fácil identificar a fêmea do caranguejo?

INF: Nós que samo profissional, nós identifica ela dentro do buraco sem a gente vê. A distância de um metro e vinte de distância de profundidade a gente sabe que é fêmea e sabe diferenciá ela.

INQ: O tipo de buraco que elas fazem é diferente?

INF: Do tipo do buraco e o batê que cê trisca no cambito nela você sabe quem é o macho e quem é a fêmea aí você já não traz ela já deixa ela quietinha no buraco dela.

INQ: Mas por que, a batida é mais forte?

INF: Não, é mais fraca tipo assim arranhando e o grande não a gente já bate nele e dá pra identificá.

INQ: Mas vocês já pegaram alguma só pra ver como é?

INF: Já, já, já pegô.

INQ: Conta aí pra gente como ela é?

INF: Ela é diferente do caranguejo pelo seguinte, as duas patinha são pequena...

INQ: O que é essa pata?

INF: A donde ela pega a comida pra pô na boca, levá pra boca.

INQ: Mas ela é parecida com a do caranguejo que a gente conhece?

INF: É parecido, tudo são...só que ela tem o casco mais redondo de que o casco de caranguejo e no meio da barguilha dela o caranguejo é fininho e ela não, é mais largo o espaço da barguilha dela.

INQ: Como é que chama esse espaço?

INF: Nosso modo de chamá se chama pau dele, o pau do caranguejo no nosso modo de chamá, o modo que nós chama aqui, o da fêmea ele se torna mais largo.

INQ: Mas tu disseste outro nome que eu não entendi, braguilha alguma coisa assim ou não?

INF: É a gente quer chamá assim.

INQ: Barguilha

INF: Bargulha do caranguejo

INQ: É aquela pecinha que levanta?

INF: Levanta pra podê abrí o caranguejo.

INQ: E ali fica alguma coisa na braguilha?

INF: Na fêmea é onde recolhe todas ova.

INQ: Na fêmea?

INF: Na fêmea

INQ: E no macho?

INF: No macho não.

INQ: E como é que se chama as parte do caranguejo?

INF: As parte do caranguejo?

INQ: É, porque tu já começaste a falar de uma, braguilha já é uma parte.

INF: Isso.

INQ: E o resto como é que vai chamando cada parte?

INF: O caranguejo ele tem o casco, tem as perna, tem a pata que a gente chama de presa e tem o peito que é aqueles dois lados dele, depois que você arriba a barguilha fica aqueles dois lado que chama peito do caranguejo.

INQ: E vocês chamam de pernas só aquelas mais fina?

INF: Aquelas fina. E aquelas que chama presa é as duas maior.

INQ: Pata ou prese é tudo a mesma coisa?

INF: É tudo a mesma coisa.

INQ: Vocês chamam aquela maior de presa né e aquela que bem menor, a menorzinha de todas?

INF: A pata pequena

INQ: E a pata pequena?

INF: É a presa pequena, tem uma grande e uma pequena.

INQ: Tem uma grande e uma pequena, são aquelas que apertam?

INF: Isso.

INQ: Presa grande e presa pequena. Mas tem uma nele que é a menor de todas.

INF: É a unha, não é a perna do caranguejo não, a gente só chama perna do caranguejo.

INQ: Qual é a unha que tu chamas, são todas as outras que não são as pernas. Você fala de perna ou de unha é a mesma coisa?

INF: Não, porque a unha ela fica mesmo após as perninhas e tem a unha do caranguejo. É aquela que tem a pontinha que é unha do caranguejo.

INQ: Tu estavas falando que tem uma pata, uma presa que é grande e outra que é menor, mas tem caranguejos que têm as duas do mesmo tamanho e fininha. Vocês dão um nome pra esse caranguejo?

INF: Só caranguejo pata igual.

INQ: Tem outro nome?

INF: Não, só pata igual mesmo.

INQ: Quando tu estás no mangue com os teus colegas já aconteceu alguma acidente com vocês ou acontece, os que acontecem em geral... quais são quando vocês estão trabalhando no mangue?

INF: Acontece vários tipos de acidente, mas em geral mesmo é se estrepá no tronco sempre acontece. Às vezes você tá no trabalho você pisa numa raiz fraca ela quebras, você se joga no chão acontece vários tipos de acidentes em nosso trabalho.

INQ: E essa raiz é normalmente de que planta?

INF: É do mangue vermelho.

INQ: Esse mangue tem outro nome?

INF: Não, não só mangue vermelho mesmo.

INQ: Por que vocês chamam de mangue vermelho?

INF: É um tipo de mangue.

INQ: E quais são os tipos de mangues?

INF: Tem o mangue manso, o mangue vermelho, tem o mangue botão e tem a siriba que é essa árvore grande que eu falei.

INQ: E qual é a diferença entre cada um deles?

INF: A diferença é porque a siriba as raízes dela são um toquinho pequeno que fica ao redor o mangue. O mangue vermelho sai... até do olho dele sai raiz. O mangue manso ele já é diferente, ele já nasce a raiz dele tipo uma estopa já é diferente.

INQ: O que é esse olho do mangue que vocês chamam?

INF: O olho se chama, como é que se diz...a parte de cima, a parte que põe as folhas.

INQ: E como é que faz o transporte do caranguejo que você tira lá do mangue?

INF: Você bata num calão.

INQ: O que é um calão?

INF: Calão é um pé de mangue que você corta ele, você corta ele com um metro e oitenta cê cava ele de um lado cava ele do outro e coloca o caranguejo, põe nas costa traz até o porto aqui até chegá no local da canoa.

INQ: Quantas cordas cabem mais ou menos?

INF: Aí depende, no máximo você traz quarenta corda

INQ: E para matar o caranguejo, como é que a gente faz?

INF: Pra matá pra pô no fogo, pra cozinhá você arriba aquele imbico, aquela bargulha dele abaixo da boca um pouquinho você enfia a faca bem no meio do peito dele que é a sanguina do caranguejo.

INQ: E sangue mesmo?

INF: Não, não é o ato da gente matá o caranguejo.

INQ: Em que se cozinha o caranguejo?

INF: Pode ser em qualquer tipo de panela, depende da quantidade .

INQ: Mas assim, tem lugares que as pessoas fazem em umas panelas maiores, você sabe se as pessoas dão um nome diferente pra essas panelas? São panelas que geralmente você não encontra em casa, quando a gente cozinha.

INF: São o tacho, o tacho, o tacho grande.

INQ: Você sabe quantos caranguejos cabem mais ou menos em um?

INF: Depende do tamanho do tacho. Tem vez que pega cem corda, cinquenta corda. São redondos com cinquenta centímetro de altura.

INQ: E o material que é usado?

INF: Alumínio.

INQ: E quanto tempo dura mais ou menos o cozimento do caranguejo?

INF: Depois de a água tá frevendo ele vai durá quinze minuto.

INQ: Deixa a água ferver ou coloca logo?

INF: Primeiro ferve, depois que tá fervendo é que você repõe o caranguejo.

INQ: E as pessoas botam já o caranguejo morto?

INF: Já põe morto.

INQ: E como se chama a parte do caranguejo que se come?

INF: Parte do caranguejo que se come? Peito.

INQ: Peito?

INF: É o peito do caranguejo.

INQ: É a parte que come?

INF: É, é a parte que come.

INQ: Você disse que aquela parte do meio bem grande é o peito?

INF: É as duas parte.

INQ: E é só aquilo que a gente come?

INF: Do caranguejo a gente come tudo, a gordura dele, o peito, as carne das perna, das pata.

INQ: E dentro do peito tem o que, é diferente da pata?

INF: Não, não tudo é uma carne só.

INQ: Até a carne do peito que você come?

INF: É, a carne do peito toda que você come

INQ: Você falou q a gente come além da carne tem também?

INF: A gordura dele, as carne das perna, as carne das pata tudo é aproveitado.

INQ: E o que é essa gordura? Como ela é?

INF: A gordura ela é amarelinha.

INQ: Tem gosto de que, mais ou menos? Como é esse gosto? Ele é doce, amargo... o que é?

INF: Ela é tem um amargozinho e na hora que você bebe um copo d'água se torna que nem você tivesse chupando uma balinha de hortelã mais ou menos.

INQ: E a gente tira de onde essa gordura?

INF: Tira de dentro do casco, fica uma parte dentro do casco e outra grudada Encima do peito do caranguejo.

INQ: Aquilo ali que é a gordura?

INF: É

INQ: E a gente pode comer com alguma outra coisa ou não?

INF: Pode

INQ: Você já viu as pessoas comerem aqui de outra forma?

INF: Como assim?

INQ: As pessoas comem a gordura e comem como outra coisa, como se come a carne do caranguejo?

INF: Comem se comem com a farinha, se come com arroz.

INQ: E pra tirar a carne do caranguejo, como é que as pessoas tiram a carne?

INF: Realmente essa parte de tirá a carne eu não entendo muito. Eu nunca trabalhei nessa área não, mas a parte que eu sei é só de quebrá mesmo no dente pra comê.

INQ: E a parte escura do caranguejo que a gente tira assim...

INF: Ah tem!

INQ: Como é que se chama essa parte escura?

INF: Eu não tô me lembrando daquela parte do caranguejo, é pouca coisa que tem aquilo se chama a guelra do caranguejo.

INQ: A guelra do caranguejo, por quê?

INF: Porque é adonde ele fica com aquela... todo tempo com aquela aguazinha.

INQ: E como é que conserva a parte comestível do caranguejo, aquela a ser vendida?

INF: A carne do caranguejo?

INQ: É... como é que a gente faz pra conservar?

INF: Conservar cê tem que pô, cê tem que tirá a carne ou embala no saco de quilo e põe no freezer.

INQ: Tem alguém que faz isso?

INF: Tem, carnaubeiras tem bastante gente que trabalha nessa área.

INQ: Como vocês chamam essa profissão?

INF: Quebradeira de caranguejo.

INQ: Quebradeira de caranguejo. Mas elas compram de vocês ou elas compram de outras pessoas?

INF: Elas compra de outra pessoa. Tem outra pessoa pra comprá pra ir pra essa área.

INQ: E de quem é que elas compram?

INF: Aqui mesmo dentro de Araioses nós não trabalha com a carne do caranguejo, não. Só arranca, essa outra parte aí é só em Carnaubeira.

INQ: E você conhece alguma lenda, história ou cantiga que tenha relação com o caranguejo?

INF: Não

INQ: Nem uma música assim, você nunca ouviu ninguém cantar quando vai pro mangue que tenha relação com o caranguejo?

INQ: Não, não eu nunca ouvi não.

INQ: Histórias dos mais velhos, também não?

INF: Não, não.

INQ: E quando vocês tão lá arrancando o caranguejo você tem algum assunto especial que vocês gostem de conversar ou é muito variado?

INF: É muito variado, a gente ficá junto sem trabalhá. Cada um vai pro seu lado.

INQ: Aqui em Araioses vocês organizam alguma festa que seja relacionada com o caranguejo?

INF: Eu fiz um ano passado dia dois e três de dezembro eu fiz pela primeira vez em Araioses a festa do caranguejo.

INQ: Como foi que você organizou essa festa, você contou com outros colegas pra fazer?

INF: Não, não. Eu organizei a festa sozinho, botei quinhentas cordas de caranguejo grátis pra comunidade.

INQ: Por que você teve essa ideia?

INF: Eu tive essa ideia porque dentro de Araioses nunca teve. Carnaubeira tem. Aí já tem festa do caju, festa da tapioca, festa do arroz eu vou inventá e fazê a festa do caranguejo em Araioses.

INQ: E tu pensas em continuar fazendo?

INF: Eu penso em continua.

INQ: Foi quando mesmo?

INF: Foi dois e três de dezembro. Esse ano vai ser dia primeiro e dia dois de dezembro.

INQ: Por que tu escolhes dezembro, tem alguma importância é importante pra ti esse mês?

INF: Não, pra mim não tem importância não por causa do mês. Porque é um período de festejo dentro de Araiões.

INQ: É a padroeira é?

INF: É a padroeira, Nossa Senhora da Conceição aí pra mode não ficá encima das novenas eu boto pra essa data, porque o festejo é dia sete.

INQ: Você é devoto de Nossa Senhora?

INF: Sou.

INQ: E você conhece essas palavras ou expressões ligadas ao caranguejo. Andada, já ouviu falar em andada?

INF: Andada do caranguejo, é? Não.

INQ: E o fel já ouviu falar?

INF: Eu já ouvi fala.

INQ: O que é esse fel?

INF: O fel ele fica do lado de onde tem a gordura, ele fica no meio da gordura.

INQ: Bem no meio?

INF: Bem no meio, só que ele não é uma coisinha simples.

INQ: Ele fica junto com a gordura?

INF: A gordura fica de um lado e do outro e ele fica bem no meio, aqui é o fel do caranguejo.

INQ: Tem como tirar?

INF: Cê tira ele.

INQ: E antes de você tirar essa gordura, você tira ou não?

INF: Se quereno tirá ou não cê apanha a gordura ao redó dele.

INQ: A gordura ela já é amarga assim?

INF: Ela tem um amargozinho um pouco.

INQ: E você já ouviu falar: Tu estais andando pra trás feito caranguejo?

INF: Já ouvi muita gente, porque o caranguejo só anda pra trás, não anda pra frente.

INQ: E o que tu entendes por isso, dessa expressão das pessoas dizerem mas tu tá andando pra trás que nem caranguejo?

INF: Digamos que você vai fazê um negócio e não vai dá certo. Digamos, eu vou comprá aquilo não vai dá pra mim, eu vou vendê mais barato aí é o caso de eu tá andando pra trás que nem caranguejo.

INQ: E tu conheces outra frasezinha assim que tenha caranguejo pelo meio?

INF: Não, não.

INQ: E caranguejo canhoto, tu já ouvistes falar aqui as pessoas falam caranguejo canhoto em Araiões, as pessoas usam essa expressão?

INF: Não, não usam.

INQ: E banha do caranguejo?

INF: Banha do caranguejo? Nós não usa não.

INQ: E tem mais alguma coisa interessante que nós não tenhamos te perguntado, mas que seja interessante. Alguma história que aconteceu com vocês no mangue.

INF: O que acontece é a gente se perdê. A gente vai trabalhá muito longe do porto que se torna muito longe. Tem área de mangue que cê trabalha e caminha uma hora e meia de viagem até chegá no local de cê trabalha. Você fica embebido ali trabalhando de cabeça baixa quando chega a hora de você e embora que você se espanta cê já não sabe onde é que está, mais o caminho de volta você fica completamente perdido.

INQ: Quantas horas vocês ficam mais ou menos trabalhando?

INF: A gente começa... depende da distância que a gente anda, quando a gente começa nove hora, dez hora até as quatro da tarde.

INQ: Aí vocês levam comida, tudo?

INF: A comida é o seguinte, você leva de casa e antes de você tá no trabalho você come aí você deixa um pouco, quando chega de tarde cinco hora, quatro hora da tarde você vai comê outro pouquinho até chegá em casa na hora da janta.

INQ: Quando se perde, como é que faz pra voltar?

INF: A gente grita os amigo. Muita vez anoitece, acontece e cê passá a noite e encontrá você no outro dia.

INQ: Mas a maré enche?

INF: Não, não. Tem a parte do mangue que não alaga assim completamente não, tem a parte do mangue que a gente fica assim, a gente faz um fogo faz aquela coivara e passa o dia.

APÊNDICE 4 - Transcrição 3. Informante: RNN, M, Catador de caranguejo, 46 anos. Ilha das Canárias – Araisos/MA, 14/10/2007.

- INQ: Seu R. de que é que o caranguejo se alimenta?
INF: Da folha.
INQ: Folha de que?
INF: Do mangue.
INQ: Folha de mangue?
INF: É...ele se alimenta da folha.
INQ: Só isso que ele come?
INF: Só...só posso incluir isso, outra coisa não pode mais comê, é da folha mesmo do que cai no mangue lá de cima e pronto.
INQ: Não tem uma frutinha, não?
INF: Tem a fruta, mas é da folha mesmo que ele se alimenta.
INQ: E como se chama o lugar onde ficam os caranguejos ante deles serem arrancados?
INF: Na lama, debaixo da lama.
INQ: E o lugar onde eles se escondem?
INF: Debaixo da raiz, né. Às vezes debaixo da raiz.
INQ: Mas tem alguma coisa que faz ele chegar até embaixo da lama e subir?
INF: Rapaz às vezes tem um cambito, mas aí é difícil arrancá com ele, com o braço.
INQ: Então como é que ele chega lá debaixo da lama?
INF: Como é que ele chega embaixo?
INQ: É...Porque ele vem aqui encima né?
INF: Ele vem encima, mas lá onde ele tá não pode cavá mais pra baixo.
INQ: Escavar o que?
INF: Eles não fica mais embaixo, porque quando a gente tá apanhando lá ele...quando a gente tá apanhando na posição que ele deve sê, que tem de tá.
INQ: E que lugar é esse que ele fica, qual é o nome desse lugar que ele fica lá embaixo?
INF: Debaixo da lama né.
INQ: Encima não dá pra ver nada?
INF: Não dá pra vê nada não.
INQ: Para o senhor chegar até o caranguejo como é que faz?
INF: Mete a mão... Aqui é o buraco né, a gente coloca a mão dentro do buraco e arranca. A gente coloca o braço até aqui e arranca ele pra fora.
INQ: Tem um buraco que ele mesmo faz?
INF: Ele mesmo faz.
INQ: O senhor já coloca a mão no buraco do caranguejo?
INF: Do caranguejo.
INQ: Aí o senhor disse que desce até o ombro é?
INF: É, até aqui assim a gente vai buscar ele lá embaixo
INQ: E quando ele tá mais fundo?
INF: Quando ele tá mais fundo a gente deixa ele lá embaixo, não dá pra alcançá ele. O que dá pra gente alcançá a gente pega ele se não der a gente deixa lá.
INQ: Como é que o senhor chama esse ato de pegar o caranguejo, o senhor diz que vai fazer o que, vai pegar o caranguejo ou tem outro nome?
INF: É quando a gente pega o caranguejo e amarra ele né, amarra ele na embira. Aquilo dali é... faz a corda de quatro caranguejo, de quatro caranguejo é uma corda.
INQ: Mas o senhor diz o que, pegar o caranguejo, arrancar?
INF: Pegá o caranguejo, arrancá é pegá mesmo.

INQ: E como é que o senhor faz pra pegar o caranguejo, arrancar o caranguejo?

INF: Porque a gente veste o braço né e empurra até onde der, quando der a gente.

INQ: E se não der?

INF: Se não der ele fica lá.

INQ: Não pega mais esse?

INF: Não pega mais esse, ninguém vai mais buscá porque não pode pegá.

INQ: E o senhor usa alguma roupa ou instrumento especial pra arrancá o caranguejo?

INF: Rapaz aqui muita negada pega assim, a gente faz uma dedeira de pano, o cabra faz as manga aqui. Agora eu não, meto as mão aqui.

INQ: O senhor não usa a dedeira?

INF: Nem manga não.

INQ: E o que o senhor tá chamando de manga é só uma proteção?

INF: É, pra mode a raiz do mangue não arranhá isso aqui do braço dele.

INQ: Faz assim comprida e vem até aqui o ombro?

INF: É... vem até o ombro.

INQ: É de fazenda mesmo, se faz de tecido?

INF: É de pano mesmo.

INQ: Aí vocês tiram o caranguejo e entregam pra alguém, vende pra alguém?

INF: Vende aqui

INQ: Mas o senhor falou de cambito, o que é cambito que você falou?

INF: É um aparelho de um ferrozinho que quando cutuca ele lá ele sobe.

INQ: Como é que é esse ferro, explique aí pra gente?

INF: É uma ferro deste tamanhinho assim que às vezes não dá pra alcançá e a negada pega. Eu não pego não.

INQ: Quando não dá mais o braço o senhor usa o cambito?

INF: É... a turma usa.

INQ: Mas o senhor mesmo não usa o cambito?

INF: Eu não uso não, porque eu não sei tirá com o cambito.

INQ: Tem alguma forma diferente de pegá?

INF: É, tem.

INQ: Mas esse cambito parece com o que, Seu R.?

INF: É de ferro, esse é um cambito que enrola assim que dê na posição dele sair assim...

INQ: Embaixo a ponta dele fica assim, meio curva?

INF: É, meio curva.

INQ: Aí bota lá e o que é que faz, toca no caranguejo?

INF: A gente pega e sobe.

INQ: Ele vem subindo no cambito na hora que bate nele?

INF: É... ele sobe. Eu não sei pegá nisso não, só no braço.

INQ: O senhor vai direto no braço?

INF: É.

INQ: E como se chama aquela pessoa pra quem o senhor entrega o caranguejo?

INF: O nome do rapaz é Zé Pedro. Agora a gente entrega por ele pra levá pra Fortaleza

INQ: Mas sem ser o nome dele mesmo, vocês chamam ele como, a profissão dele?

INF: A profissão de pegá o caranguejo? Pescador.

INQ: Desse homem que leva o caranguejo?

INF: Que leva? O nome dele é Zé Pedro, ele entrega o caranguejo pro rapaz, o Orelha, e lá ele...

INQ: Eu digo assim, o senhor tira o caranguejo, o senhor é caranguejeiro, assim que eu diria caranguejeiro porque o senhor tira o caranguejo, arranca o caranguejo...

INF: Nós não somos legítimos do caranguejo porque nós trabalhamos porque tá precisando.

INQ: Mas se fosse isso eu diria que o senhor é caranguejeiro?

INF: É caranguejeiro, né?

INQ: Aí esse que não vai tirar o caranguejo, mas é o que recebe o caranguejo também chama de caranguejeiro?

INF: É certeza. Rapaz que vai entregar lá é caranguejeiro.

INQ: Essa pessoa que pega o caranguejo no buraco a gente chama?

INF: Pescador.

INQ: Chama também caranguejeiro?

INF: Chama.

INQ: O senhor sabe se o caranguejo é conhecido por outro nome, alguma outra pessoa chama o caranguejo de outro nome?

INF: Não tem outro nome não. Por aqui não, que a gente saiba não.

INQ: E o caranguejo tem o caranguejo macho e o caranguejo fêmea?

INF: É... o caranguejo macho e fêmea.

INQ: Como é que o senhor chama a fêmea do caranguejo?

INF: A carangueja.

INQ: É?

INF: A carangueja fêmea, no caso tá produzindo.

INQ: E o que é macho, como chama?

INF: O caranguejo.

INQ: Só caranguejo mesmo?

INF: É.

INQ: E o filhote do caranguejo recebe algum nome?

INF: O filhote? Não recebe outro nome não, só caranguejo pequeno mesmo.

INQ: E como se chama aquele caranguejo pequenininho branco que se encontra na beira do mar, tem algum nome?

INF: Esse que é da beira do mar é a corredeira como é chamado.

INQ: Como?

INF: Corredeira.

INQ: E esse se come, faz alguma coisa com ele?

INF: Não, não. Ninguém pega ele não.

INQ: Depois que você pega o caranguejo qual é a primeira coisa que o senhor faz?

INF: A gente amarra ele nas embiras.

INQ: Explica aí como é que o senhor amarra?

INF: Aí a gente pega os quatro caranguejos, né, e amarra na embira, ali é uma corda de caranguejo né, pois é só isso.

INQ: E o que é a embira?

INF: A embira é dessas fôias de carnaúba que a gente faz as cordas e a gente amarra os caranguejos.

INQ: Aí amarra de quatro em quatro, E depois o senhor junta pra formar mais?

INF: Aí a gente vai juntando tudinho coloca no calão e traz pra casa.

INQ: Coloca em que?

INF: Num calão

INQ: O que é calão?

INF: É um cacetezinho assim que nem esse aí, no pau a gente bota assim no calão e volta pra casa.

INQ: Esse é o calão e esse aqui como chama?

INF: Esse é as corda.

INQ: O senhor junta assim e se tiver um monte assim o senhor tem um outro nome pra dar?

INF: A gente faz vinte embira dessa aqui, a gente coloca no calão desse aqui, coloca de um lado e do outro. Esse aqui a gente arranca o caranguejo na terça feira e entrega quarta.

INQ: Aí o senhor diz que arranca na terça e o senhor entrega na quarta, o senhor trás já todo amarradinho e ele fica todo amarradinho desse jeito, e ele não precisa comer nesse tempo que ele espera até ser entregue?

INF: Não, ele aguenta até...pega terça feira quando for quinta feira ele tá em Fortaleza.

INQ: E ele aguenta sem comer?

INF: Sem comê aguenta.

INQ: O senhor deixa aqui assim na sala ou tem algum lugar específico?

INF: Não, a gente bota ele dentro de um saco, num vasilhame antes dele morrê. Ele se alimenta também da água, a gente joga um pouco de água nele e pronto.

INQ: Quanto tempo o senhor acha que um caranguejo vive sem ser tirado lá do mangue?

INF: Sem ninguém mexê com ele né?

INQ: É.

INF: Vive muito tempo né.

INQ: Mas assim, dois anos, três anos?

INF: Se a gente arranacá hoje com quinze dia nós já não vai mais lá não, porque quinze dia ele já tá lá de novo...é, de quinze e quinze dia. Quando eles tão no buraco de novo e a gente pode tirá.

INQ: E os buraco vão ficando pronto lá, o senhor tira?

INF: O buraco fica vazio, aí lá se forma outro pra entrá pra dentro, porque o caranguejo de noite anda.

INQ: Mas esse que a gente não mexe com ele fica lá no manegue ele vive até morrer mais ou menos quantos anos?

INF: Não sei informar quantos anos, não.

INQ: E fora?

INF: Fora ele não vive tanto tempo assim não.

INQ: O senhor sabe quais são as fases de crescimento do caranguejo, desde novinho até quando arranca, tem nome assim?

INF: Não, não...não sei as fases de crescimento não.

INQ: Outro dia eu ouvi falar que caranguejo muda o casco, como é isso?

INF: Aí é quando ele tá grande ele muda o casco né, a gente pega o caranguejo e ele tá só o leite que se forma no leite também, ele amolece.

INQ: O mesmo caranguejo muda o casco muitas vezes?

INF: Não muda, tem o mês dele muda.

INQ: Qual é o mês?

INF: Em setembro.

INQ: Em setembro ele fica mole e muda o casco?

INF: Mês de setembro ele já tava com o casco mole.

INQ: Aí ele vai mudá de novo agora quando?

INF: Agora ele vai endurecer o casco nesse mês agora. Agora ele tá coberto... tem a maré né, se a maré de quebrar, tá de quebramento e ele já endurece o casco.

INQ: Deixa eu te perguntar uma coisa, eu não sei o que e maré quebrar?

INF: É quando a maré diminui, aí agora ela tá diminuído. Lá pro outro mês ele tá diminuído de novo.

INQ: O senhor diz quebrar quando ela diminui?

INF: É, certeza.

INQ: Aí ele muda o casco é nesse período?

INF: É nesse período. O que ele entope é a boca, quando ele entope a boca do buraco é pra amolecer o casco.

INQ: Aí ele entope a boca do buraco, aí as pessoas já sabem que ele tá mudando o casco.

INF: Que tá mudando o casco, aí ali ninguém não mexe.

INQ: Depois de quantos dias ele abre de novo a boca do buraco?

INF: Em dez dia ele já tá. Com dez dia ele já tá com o casco duro. Quando a maré invade pra dentro do mangue continuano abrino o buraco.

INQ: Se o senhor passar assim e vê que o buraco tá fechado, dá pra ver?

INF: Dá pra vê, pois é, a gente nota tudinho o montezinho de areia da lama encima da boca do buraco ali ninguém não mexe.

INQ: Então quando tem um monte de lama na boca do buraco é porque ele tá lá dentro pra amolecer o casco.

INQ: E depois que ele deixa de tá mole?

INF: Com dez dia ele tá com o casco duro, ele mesmo abre a boca do buraco.

INQ: O caranguejo mesmo abre a boca?

INF: É, ele mesmo abre a boca.

INQ: Mas é só pra mudar mesmo esse casco dele ou acontece alguma coisa a mais com ele nesse período?

INF: Só mudá o casco mesmo, aí quando ele tá com o casco duro a gente já pode pegá ele.

INQ: E qual a melhor época pra pegar o caranguejo?

INF: A época do caranguejo?

INQ: É, pra arrancar o caranguejo?

INF: Pra pegá ele, qualquer desses mês aí a gente pega ele.

INQ: Tem um período, uma época... ou não?

INF: Onde faz caranguejo é no mês de fevereiro.

INQ: É no mês de fevereiro que ele mais sai?

INF: Sai mais caranguejo, porque ele sai pra fora. No carnaval eles vão bricá e todo mundo pega.

INQ: O que é o caranguejo brincar?

INF: O caranguejo é... quando é tempo de carnaval assim, fevereiro, ele vão bricá né. Aí agarram ele dentro do mangal, eles tão brincano, tanto a fêmea quanto o macho tão brincano.

INQ: E nesse período vocês podem arrancá o caranguejo?

INF: Não pode não porque é proibido.

INQ: Tem algum nome para esse período. O senhor chama de como, esse período como se chama?

INF: Ele tá no período onde eles tão brincano. Não sei como que é não, não sei se é pra mudá o casco. Só sei que no período eles tão brincano e não pode pegá.

INQ: E qual o mês de que tem mais caranguejo no buraco?

INF: Eu não sei qual é o mês que tem mais caranguejo no buraco

INQ: Um mês assim no ano que tem mais caranguejo no buraco não?

INF: Tem não.

INQ: Todo tempo tem pode pegar ou não pode?

INF: É, todo tempo a gente pode pegá o caranguejo.

INQ: Vai é mudando o lugar de pegar caranguejo?

INF: Se vai mudando?

INQ: É.

INF: A gente tem que mudá, aonde não dá o caranguejo a gente tem que mudá, já muda pra outro local.

INQ: E como que se chama época quem que as fêmeas têm os filhotes?

INF: O caranguejo... em fevereiro, os macho tão brincano com as fêmea que é pra produzir o caranguejo, as fêmea pra produzir.

INQ: E você só vai quando?

INF: Pra pegá o caranguejo?

INQ: É?

INF: Quando passa a fase do carnaval.

INQ: Depois do carnaval?

INF: Depois do carnaval pode pegá

INQ: Mas eles saem pra brincar todo dia de carnaval ou não?

INF: Sai não, tem os dia deles brincá, sabe

INQ: Quais são esses dias?

INF: É quatro dia.

INQ: O senhor sabe os dias?

INF: É quatro dia deles brincarem.

INQ: Mas é assim um atrás do outro ou pula?

INF: Não, pula algum dia. Porque eles passa quatro dia brincano aqueles quatro dia ninguém pode pegá o caranguejo não.

INQ: Direto, quatro dias direto?

INF: É direto, aí quando passa a fase de brincadeira eles vão pra água se alimparem pra gente tirá do buraco.

INQ: Então nessa época é proibido pegar o caranguejo?

INF: É proibido.

INQ: Se eu pegar o caranguejo assim eu vou dizendo que ele tem que partes, como é que o senhor vai chamando cada parte do caranguejo?

INF: Esse aqui é a pata do caranguejo.

INQ: Essa aqui grande chama de pata e as outras?

INF: Tem as pata aqui e as unha.

INQ: As unhas são o que menores do que essa?

INF: Menor.

INQ: Aí as outras menores do que essa chama de unha?

INF: A menor de que essa aqui é as unha do caranguejo.

INQ: E essa outra parte aqui que fica presa essas outras aqui, essas patas?

INF: Fica presa por baixo do casco do caranguejo.

INQ: O casco é aquela parte de cima?

INF: É a parte de cima.

INQ: E quando a gente quebra o caranguejo a gente separa duas partes. Como é que chamam essas duas partes?

INF: As duas bandas do caranguejo? De banda, né?

INQ: Onde diz que tem mais carne nele, onde se concentra mais carne nele?

INF: Na pata, né.

INQ: Mas tem alguma outra parte que também tenha muita carne que nem essa ou não?

INF: Tem nos peito do caranguejo.

INQ: O que seria esse peito do caranguejo?

INF: É o que separa, esse que é o peito do caranguejo.

INQ: O caranguejo tem essas duas do mesmo tamanho dessas?

INF: Têm não, elas são maior.

INQ: Como é que se chama essa maior?

INF: Pata grande.

INQ: E a outra?

INF: Pata menor.

INQ: E aquelas outras menores ainda?

INF: Aquela dali é as perna.

INQ: Como é que se chama o caranguejo que tem as patas finas e do mesmo tamanho?

INF: Do mesmo tamanho é a fêmea.

INQ: Mas o senhor já viu aquela que tem duas patas daquela?

INF: Tem.

INQ: O senhor chama de alguma coisa?

INF: O caranguejo tem as presa igual, eles têm essas presa aqui, as presa igual tudo igual...aí é o caranguejo igual.

INQ: Chama como esse caranguejo que tem as patas tudo igual, chama algum nome pra ele?

INF: Caranguejo da pata igual mesmo. Esse daqui é da pata grande.

INQ: Quando se tá tirando caranguejo acontece algum tipo de acidente?

INF: Acontece, as raiz do mangue fura os pé da gente porque ninguém não anda de bota, sapata com os pé assim, então tem aqueles estepes que fura os pé da gente. Aquele dali chega que a lama entra dentro do pé da gente num estepe daquele dali.

INF: E como é feito o transporte do caranguejo que é tirado do buraco?

INQ: E cambito

INQ: O senhor traz do buraco já com ele aí dentro, eu digo, quando o senhor tira do buraco, amarra e traz pra sua casa?

INF: É, já traz pra casa.

INQ: E depois que o senhor tira, arranca o caranguejo o senhor lava?

INF: A gente não lava não porque aquilo daqui conserva o caranguejo, a lama. A gente guarda ele e aquilo dali tá conservano, mas de puder trazê uma folhinha do mangue pra dentro pra dá pra eles comerem ele comem também assim pra ele durarem até uma semana ele comem assim, joga um pouquinho de água dentro e tá alimentano o caranguejo.

INQ: Mas vocês lavam essa plantinha dele?

INF: Não, traz aí chega e só faz entrega pro rapaz aí.

INQ: Como é que o senhor chama aquela pessoa pra quem o senhor entrega o caranguejo, vende o caranguejo, qualquer um que faça esse trabalho?

INF: Pra entregá o caranguejo?

INQ: É

INF: É caranguejeiro mesmo, a profissão dele é caranguejeiro

INQ: O senhor é caranguejeiro e ele também é caranguejeiro?

INF: É caranguejeiro.

INQ: Mas o senhor conhece alguém que chame ele de outra forma também?

INF: Tem não.

INQ: Como é que se faz pra matar o caranguejo?

INF: Aí o caranguejo a gente bota água no fogo e cozinha e quando a água tá freveno bota ele dentro.

INQ: Ele vivo?

INF: Ele vivo, mas as vez no restaurante assim eles sangramo caranguejo com a faca.

INQ: Como é que faz isso?

INF: Sangra na boca do caranguejo sabe, pra não cair as unha do caranguejo, lava o caranguejo, escova o caranguejo bem escovido e o sangra o caranguejo.

INQ: Onde é que sangra o caranguejo?

INF: Na boca

INQ: A boca fica perto de que?

INF: Fica pertinho do casco do caranguejo mesmo

INQ: Em que se cozinha o caranguejo?

INF: Na panela. Qué dizê, pra lá onde eles cozinham é tacho.

INQ: Fora da panela e do tacho tem outro lugar onde se cozinha o caranguejo?

INF: Não, acho que não tem não.

INQ: Quanto tempo dura o caranguejo cozinhando pra gente comer?

INF: Depende do caranguejo, com uns vinte minutos ele já tá pronto.

INQ: Como é o nome das partes do caranguejo que se come?

INF: As pata do caranguejo, o peito do caranguejo e só.

INQ: Como é que o senhor disse o nome da pessoa que tira o caranguejo?

INF: Caranguejeiro.

INQ: E pra tirar é preciso o senhor usar algum instrumento?

INF: Só o cambito só

INQ: Às vezes o senhor precisa abrir mais o buraco ou não?

INF: Não, não...furo com o pé

INQ: Como se chama aquela parte escura que fica dentro do caranguejo?

INF: Fel do caranguejo.

INQ: Essa parte a pessoa come?

INF: Não.

INQ: E como é que se conserva essa parte comestível do caranguejo, como é que a gente conserva pra não estragar?

INF: Não sei não.

INQ: E aqui se a gente tirar o caranguejo, trazer pra cá, mas o senhor não vai comer hoje o senhor vai deixar ele, como é que o senhor conserva ele?

INF: Se tirá bota na geladeira pra conservá até no outro dia

INQ: Como é que os caranguejos são arrumados nas feiras?

INF: Põe ele encima do monte do outro, amontoado.

INQ: O senhor conhece alguma lendo, alguma história, alguma cantiga em relação ao caranguejo?

INF: Não.

INQ: Quando vocês estão lá tirando caranguejo vocês não cantam nenhuma música?

INF: A gente prosa, né?

INQ: Tem alguma festa relacionada com o caranguejo?

INF: Tem não, aqui não faz não.

INQ: Mas o senhor sabe se tem em algum outro lugar, aqui no Estado?

INF: Eles faz pra banda da Carnaubeira, pra esse outros cantos eles num faz a festa do caranguejo.

INQ: E o senhor sabe em qual período do ano é realizada?

INF: Da festa do caranguejo?

INQ: Isso.

INF: Rapaz eu não informá não.

INQ: E aquela época que o senhor disse que é proibido pegar o caranguejo tem algum nome especial?

INF: Tem não

INQ: O senhor conhece essas palavras aqui, caranguejo canhoto?

INF: Caranguejo canhoto é o que tá igual.

INQ: Andada?

INF: Ainda não ouvi falar, não.

INQ: E a banha do caranguejo?

INF: Também ainda não ouvi falar, não

INQ: O senhor conhece essa outra palavra aqui atravessador?

INF: É o caranguejo?

INQ: Em volta dessa atividade?

INF: Dá não senhô.

APÊNDICE 5 - Transcrição 4. Informante: AVS, M, catador de caranguejo, 29 anos. Araiões/MA, 15/10/2007.

- INQ: Qual o tipo de mangue tem aqui pela a região?
INF: Tem o mangue vermelho, o mangue manso e tem a siriba.
INQ: O que é a siriba?
INF: É o mesmo mangue, só que tem tudo outro nome, de siriba, mangue manso.
INQ: Com eu conseguiria identificar?
INF: Porque o mangue vermelho ele é todo cheio de raiz encima e a siriba só é embaixo mesmo, e mangue manso também é igual a siriba. Aí o mague manso ele é mais preto e a siriba ela é mais branca
INQ: E o caranguejo tem alguma preferência?
INF: Ele come mais a folha da siriba
INQ: E lugar onde tem muito mangue, como é que as pessoas costumam chamar?
INF: A gente chama mesmo mangue.
INQ: E lugar onde o caranguejo fica lá?
INF: É o buraco dele, moradia deles.
INQ: E quando tu saís de casa tu diz que vai fazer o que?
INF: Eu digo que vou pro mangue.
INQ: Pra fazer o que com o caranguejo?
INF: Pra pegar o caranguejo
INQ: E pra pegar o caranguejo como é que faz?
INF: A gente bota uma luva, leva aqueles ferros ali e veste uma calça e coloca uma bota no pé.
INQ: Tu tens ideia a profundidade de um buraco desse, é muito fundo é?
INF: Às vezes é o braço da gente todinho
INQ: Tem algum período pra ficar fundo?
INF: Tem esse período, mas agora eles tão mais raso por causa que é tempo que eles se entope. Agora quando é tempo que ele tá se entupindo aí fica fundo.
INQ: Tem algum mês?
INF: Tem...no mês de setembro, no mês que eles ficam mais novo. Eles vão se escondendo pra trocar o casco. Às vezes ele fica bem molinho só a papa dele, o mingau dentro do buraco fica tudo molinho.
INQ: Disseram pra nós se tomar o caranguejo a pessoa fica embriagada?
INF: Não
INQ: E esse instrumento aqui vocês chamam de que?
INF: Cavador
INQ: Mas porque, às vezes tu cava em volta?
INF: É porque às vezes ele vai fazendo a volta aí gente tem que cavar direto.
INQ: Pra quem vocês entregam o caranguejo, como vocês chamam?
INF: O patrão da gente
INQ: O caranguejo é conhecido por outro nome ou é só caranguejo mesmo?
INF: É só caranguejo mesmo
INQ: E como é chamada a fêmea do caranguejo?
INF: Aqui chama de fêmeas
INQ: E o macho?
INF: É o macho mesmo.
INQ: E ele quando tá pequenininho tem algum nome?
INF: Não, não só de pequeno mesmo.
INQ: Como é que chama aquele caranguejo branquinho que corre na beira da praia?
INF: É corredeira, tem o aratum.

INQ: Qual a diferença entre os dois?

INF: Corredeira é vermelhinha ela e o aratum ele é quase preto. E tem o graussá que é branquinho.

INQ: E esses três servem para comer?

INF: Não, só como isca para pegar peixe, mais é a corredeira.

INQ: Quanto tempo o caranguejo vive depois que vocês tiram?

INF: Passa uns dois a três dias aí ele vai e morre, não aguenta muito tempo não. No máximo três dias.

INQ: Depois que tu pegas o caranguejo qual é a primeira coisa que tu faz?

INF: É amarrar ele na embira, a gente usa umas palhas pra amarrar.

INQ: De quantos centímetros mais ou menos são a palha da embira?

INF: Uns oitenta centímetro.

INQ: Quais são as fases do caranguejo?

INF: Ele vai crescendo ali por conta da natureza aí chega nessa parte da mudança do casco.

INQ: Ele tem mais ou menos quanto tempo quando muda o casco dentro do período que ele nasce até ele mudar o casco pela primeira vez?

INF: Acho que no máximo um ano. Porque todo ano ele troca de casco.

INQ: Mas eles só trocam uma vez por ano?

INF: Só uma vez por ano.

INQ: Aí o casco que ele tem vai ficando mole é?

INF: Saí todinho aí ele cria outro.

INQ: Isso leva mais ou menos quanto tempo?

INF: Uns três meses

INQ: E eles se alimentam de que nesse período?

INF: A gente acha que eles colocam as folhas no buraco que ficam se alimentando

INQ: E qual é o melhor período pra pegar caranguejo aqui?

INF: Outubro, novembro e dezembro.

INQ: E esse período que tem a desova você chama de algum nome?

INF: Só desova mesmo.

INQ: Isso tem uma época do ano que acontece assim ou tem mais?

INF: Tem um mês da desova dele.

INQ: E o período que é proibido pegar caranguejo?

INF: A saição.

INQ: O que é a saição mesmo?

INF: É o período que eles saem pra brincar. É o período de quinze dias.

INQ: E as partes do caranguejo?

INF: Tem o umbigo, aí abre ele e dentro dele tem o fel, tem a gordura e a carne. Primeiro a gente abre e tem o peito, segundo a gente já encontra o fel com a gordura no casco, tem as presas, as patas e as unhas deles.

INQ: E tem algum outro nome pra essas partes ou todo mundo chama assim mesmo?

INF: Todo mundo chama assim.

INQ: Qual a diferença entre o caranguejo macho e o caranguejo fêmea?

INF: O umbigo do macho ele é mais fino e da fêmea ele se torna mais largo.

INQ: E vocês pescam o caranguejo fêmea ou deixam lá?

INF: Deixa lá. A fêmea é proibido.

INQ: Ela é da mesma cor do caranguejo macho?

INF: Sim

INQ: E aquele casco dela é igual?

INF: É tudo igual

INQ: Acontece muitos acidentes quanto vocês tão tirando caranguejo?

INF: Às vezes a gente se corta, às vezes a gente cai machuca o braço, machuca a perna, se estrepa nas pontas de pau.

INQ: Vocês saem de manhã e passam o dia todinho?

INF: A gente sai sete horas, oito horas e chega três horas, quatro horas da tarde.

INQ: Como é feito o transporte do caranguejo depois que vocês tiram de lá do buraco até chegar o local?

INF: Lá pra onde a gente tira a gente leva no calão, a gente corta um pedaço de pano desse tamanho põe um pedaço na frente e outro atrás e leva até na embarcação que a gente anda, chega lá a gente faz as rodinhas e entrega pro cara.

INQ: E ele bota dentro de alguma coisa?

INF: Ele bota dentro do bote.

INQ: E pra matar o caranguejo o que é preciso fazer?

INF: É sangrar ele. É enfiar uma faca perto do fel dele aí ele morre.

INQ: E pra cozinhar vocês costumam cozinhar em que?

INF: Na panela às vezes, no tacho

INQ: E leva mais ou menos quanto tempo ele cozinhando?

INF: Uns vinte minutos

INQ: E essa parte do caranguejo que a gente come vocês chamam de que?

INF: Da carne de caranguejo?

INQ: E a pessoa que trabalha tirando essa carne?

INF: Tiradeira de carne de caranguejo

INQ: Pra tirar essa carne é preciso de que?

INF: De uma torinha de pau do tamanho dessa aqui

INQ: E vocês chamam de que esse pedacinho de pau?

INF: Cacetinho.

INQ: E tu conhece alguma história, alguma cantiga relacionada com o caranguejo?

INF: Não

APÊNDICE 6 - Transcrição 5. Gravação realizada no local onde trabalham as catadeiras de caranguejo. Informante: F, quebradeira de caranguejo, Porto de Caeiras – Araisos/MA, 16/10/2007.

INQ: Pra cada saquinho tem doze patinhas?

INF: É.

INQ: Esse saquinho tem algum nome especial, esse tanto aqui?

INF: Isso aí é dez dúzia que chama. Esse aqui é cinco, a gente abre e tira.

INQ: Quanto é que custa, Seu C.?

INF: Isso aqui é quinze reais essas dez.

INQ: O que procuram mais Seu C. pra comprarem, vendem mais o filé ou as patinhas?

INF: As patinhas.

INQ: Como é que as pessoas te chamam?

INF: Quebradeira de caranguejo

INQ: E as outras que estão nas suas casas que quebram as partes menores, também são chamadas assim?

INF: Quebradeira de caranguejo.

INQ: E a posição para bater?

INF: É na pata

INQ: E esse pauzinho que tu estás quebrando a patinha do caranguejo, você dá algum nome para ele?

INF: Não, não tem nenhum nome.

INQ: E vocês fazem de que esse pau?

INF: Os meninos pegam lá no mato aí trazem.

INQ: Eles trazem do mangue?

INF: Não, da mata mesmo.

INQ: Tu tens ideias de quanto tu consegues quebrar?

INF: Às vezes tem duas mil cordas aqui, a gente quebra todas as patas.

INQ: Para cozinhar o caranguejo o que é preciso?

INF: Fogo, água.

INQ: Leva mais ou menos quanto tempo pra cozinhar?

INF: Não sei, porque é um outro grupo que faz essa parte, que pega o caranguejo, que lava...

INQ: E eles lavam com que?

INF: Só com água mesmo. Porque o caranguejo tá novo aí lava pra poder ficar limpinho, por causa da gominha assim.

INQ: Quer dizer que tem o caranguejo novo e o caranguejo velho. E qual é a diferença?

INF: A casca fica mais grossa e ele fica mais ruim de sair, esse daqui. Quando ele tá novo a casca tá mole. Porque quando ele tá velho a casca é mais dura.

INQ: E porque você diz que ele tá novo agora?

INF: Porque ele sai com facilidade, o velho tem que bater com mais força, com mais cuidado porque pode estragar.

INQ: E as pequenininha são mais difíceis de quebrar?

INF: Não, elas são do mesmo jeito.

INQ: E ele tá novo por quê?

INF: Porque mudou de casco

INQ: Quando chega dá pra perceber a diferença?

INF: Dá, pela cor.

INQ: E qual é a cor deles?

INF: Quando ele tá velho o caranguejo é mais escuro e novinho fica mais claro

INQ: Aqui você trabalha com esse pedacinho de pau, mas outras têm que usar algum outro instrumento?

INF: Dos peito elas têm que usar a faca.

INQ: Qual é a parte do caranguejo mais difícil de tirar?

INF: O peito.

INQ: Por que vocês chamam essa de patinha e aquela outra de filé, tem alguma diferença?

INF: O filé não sai osso de jeito nenhum

INQ: Então é melhor tirar com a faca do que com o garfo?

INF: É. Com o garfo não tem condição.

INQ: E com a parte escura do caranguejo, o que vocês fazem?

INF: Joga no mato, joga fora. Tem um pessoal que vem pegar pros porcos dele que comem.

INQ: Tem alguma diferença entre essa daqui e o filé?

INF: Tem, porque essa daqui não vai tirar da carne, aqui nós não tira a carne. A gente lava e vai ensacada assim.

INQ: E pra quem você vende tudo prontinho?

INF: Pro Chico do caranguejo.

INQ: E quantos caranguejos cabem naquele tacho?

INF: Aquele ali cabe oito amarrados. A carne de dentro a gente não lava porque fica toda esfiapenta, só tira e ensaca.

INQ: Pra carne sair assim sem grudar quanto tempo ela passa no fogo?

INF: Pouco tempo.

INQ: O que coloca encima da fomalha?

INF: Só o tacho, quando ele tá fervendo bota o caranguejo.

INQ: Lava quanto tempo pra essa água ferver?

INF: Uns doze minutos ou mais.

INQ: Que tanto de água que fica no tacho?

INF: Pelo meio.

INQ: Depois que ferve é que coloca?

INF: É, quanto ele tiver bem quente é que cozinha mais rápido.

INQ: Tu já contou tempo depois que a água estiver fervendo?

INF: Uns seis minutos, aí vira ele. Vira só uma vez.

INQ: E qual é o lado que demora mais pra cozinhar?

INF: É o primeiro lado que demora mais pra ferver, o outro não.

INQ: E esse primeiro que tu falas é a parte do peito?

INF: É a parte debaixo, o casco. Porque o casco fica pra baixo e depois o casco fica pra cima.

INQ: Então é o casco que demora mais?

INF: É...e o peito não tem muita dificuldade não, é o casco que tem que ficar bem vermelhinho, aí ele fica com a carne mais bonita.

INQ: E tu percebeu se tem alguma diferença quando deixa ele mais do que o normal?

INF: Tem, porque ele fica com a carne mais grudenta. Quando o caranguejo tá meio velhinho aí fica ruim de tirar quando custa mais.

INQ: E quando é que tu consideras que custa mais?

INF: É quando ferve demais, quando custa tirar ele do fogo.

INQ: E esse durar mais seria quanto tempo?

INF: Vinte e cinco minutos, já deixa a carne mais diferente um pouco. Aí logo quando ferve a gente tem que tirar.

INQ: E o que é esse despatar?

INF: É a gente vai desdedando aí fica aquela patas lá, aí a gente aparar ela do bidongo.

INQ: É o que é esse bidongo?

INF: É o umbigo elevado, é aquela partizinha elevada fica...não sei se vocês já viram o meio e aquela outra partezinha sem ser a pata, aí a gente quebra bem nas juntas aí fica só as patas, aí as patas igual tiram pra botar pelo meio.

INQ: Então vocês despatam tudinho, mas vocês colocam no tacho só a cabeça tudo solto?

INF: Não, a gente bota ele amarrado. Despata depois que ele tá cozindo.

INQ: Ela também tem tanta carne quanto na pata?

INF: Tem.

INQ: E essas duas aqui dele, como se chama?

INF: Os atracador dele.

APÊNDICE 7 - Transcrição 6. Informante: JVSA, M, catador e vendedor de caranguejo. Povoado de Carnaubeiras – Araioses, 16/10/2007.

INQ: Seu J. de que o caranguejo se alimenta?

INF: É da folha.

INQ: Folha de que árvore?

INF: Do mangue vermelho.

INQ: Tem outros tipos de mangue?

INF: Tem mangue vermelho e o mangue manso.

INQ: Diga pra nós como é que é cada um deles, o que tem, qual a diferença?

INF: A diferença é que o mangue vermelho ele tem a folha mais grossa e o mangue manso tem a folha mais fina. Aí ele não gosta do mangue manso, só do mangue vermelho.

INQ: Tem algum frutinho nesse mangue vermelho que ele tira?

INF: Tem, a fruta dele é deste tamanhinho que cai ela desce na maré onde ela chega ele nasce.

INQ: Qual é a cor dela?

INF: É amevermelhadazinha por dentro e por fora é verde

INQ: O caranguejo só se alimenta da folha?

INF: Só da folha

INQ: Como é que se chama aquele lugar na lama onde os caranguejos ficam e que o senhor vai lá e pega?

INF: Se chama buraco do caranguejo.

INQ: E o lugar onde eles se escondem?

INF: Eles só se escondem dentro do buraco.

INQ: Quando o senhor sai pra ir pegar o caranguejo o senhor diz que vai fazer o que?

INF: Eu vou catar caranguejo.

INQ: Explique pra gente como o senhor cata o caranguejo?

INF: A gente chega no mangue, a gente tem um cambito, tem o cavador. Antigamente quando o caranguejo tava fácil era só no braço, mas agora precisa de um cambito maior de que o braço e do cavador pra cavar, porque ele faz a boca aqui e vai ficá lá pra acolá, a gente vai cava o buraco aqui mete o braço lá, cava o buraco e mete o braço lá pra acolá e é assim que a gente pega, se não for assim a gente não pega.

INQ: E pra pegar o caranguejo o senhor usa alguma roupa diferente, alguma roupa mais preparada?

INF: Usa, é roupa velha mesmo, é calça comprida, uma camisa, uma luva, dedeira.

INQ: Como é a dedeira?

INF: A dedeira a gente faz umas coisinhas de pano assim, mete os dedos e quando acabá amarra e mete a luva.

INQ: A luva vem até o ombro?

INF: Vem até o ombro.

INQ: Como é o cambito?

INF: Cambito é um ferro que a gente enrola ele, a pontinha dele assim, fica a curva a gente mete lá e puxa ele. A gente vai sequiando ele devagarzinho

INQ: E o outro instrumento que o senhor falou serve pra que?

INF: O cavador serve pra cavar o chão. A gente mete o braço lá e encontra ele lá na frente.

INQ: E pra quem o senhor entrega os caranguejos, como é que a gente chama essa pessoa?

INF: É o atravessador

INQ: E por quanto o senhor entrega o caranguejo?

INF: Eu aqui ganho dez centavos numa corda de caranguejo.

INQ: O que é uma corda?

INF: É quatro caranguejo. Tem uma embira a gente amarra de um lado e do outro e fecha.

INQ: Como é que o senhor chama essa pessoa que trabalha catando o caranguejo?

INF: Catador de caranguejo.

INQ: O senhor sabe se o caranguejo é conhecido por outro nome por aqui?

INF: Aqui não.

INQ: Como é que se chama a fêmea do caranguejo?

INF: É carangueja.

INQ: As pessoas conhecem por outro nome?

INF: Não, só carangueja mesmo.

INQ: E o macho como é que chamam?

INF: Caranguejo macho.

INQ: E o filhote do caranguejo recebe um outro nome, como é que vocês se referem ao filhote de caranguejo?

INF: No momento que ele tá pequenininho a gente nem vê, mas no momento que cava o buraco e ele se aproxima ele já tá já grandinho aí a gente chama do caranguejo mesmo.

INQ: Como se chama aquele caranguejo pequenininho branco que se encontra na beira mar assim correndo?

INF: É o corredeiro, um vermelhinho e tem um pequenininho que é o aratum.

INQ: O aratum é o que, é branco?

INF: É um brancozinho assim.

INQ: Depois que o senhor pega o caranguejo qual é a primeira coisa que o senhor faz, quando o senhor pega ele no buraco como é que faz?

INF: Amarro ele.

INQ: E quanto tempo um caranguejo vive, o senhor tem ideia?

INF: Uns três dias.

INQ: E se não pegar ele pra comer, se deixar ele lá no mangue mesmo o senhor acha que ele vive quanto tempo?

INF: Eu não tenho essa ideia não.

INQ: Quais são as fases de crescimento e desenvolvimento do caranguejo?

INF: A carangueja fêmea desova ela fica lá e fica desse tamanhozinho assim, depois de um ano a gente vai vê ele já tá formado, já dá pra gente pegar ele.

INQ: Qual é a melhor época pra pegar o caranguejo?

INF: A melhor época e agora no verão.

INQ: Mais ou menos de que mês a que mês?

INF: De janeiro até junho é ruim de pegá ele. De agosto até dezembro é bom de pegá.

INQ: Como é que se chama a época em que dá mais caranguejo?

INF: É no mês de outubro quando ele descasca que nasce outro casco e ele tá encascado e começa a furá buraco pra tudo quanto é tipo de buraco. Uns dois mês atrás ela tava mudano o casco aí ele fica mole e ninguém pega ele, a gente vai escolhendo aqui acolá um que tá duro pra gente poder tá pegano. Agora quando a gente endurece o casco a gente pega de novo.

INQ: Nesse período que ele tá mudando de casco, que o senhor tá dizendo, ele fica no buraco?

INF: Fica no buraco, ele não anda.

- INQ: Durante esse período em que ele fica mole acontece o que com ele?
- INF: Quando ele fica mole ele fica lá dentro do buraco, ele fica só a papazinha aí ninguém não procura ele.
- INQ: Ele passa quanto tempo assim mole desse jeito?
- INF: De uma maré pra outra ela já tá com o casco duro. Com duas maré já dá pra gente pegá ele.
- INQ: Como se chama aquela época em que as fêmeas têm os filhotes, tem algum nome?
- INF: Eu não tenho essa ideia não.
- INQ: E tem alguma época em que é proibido pegá o caranguejo?
- INF: É a época que tá brincando.
- INQ: Como é que acontece?
- INF: É que eles sai do buraco, na época do carnaval e vai bricá também vai batê patinha um dentro do outro. É nessa época que o pessoal proíbe.
- INQ: Quais são aquelas partes que compõem o caranguejo, cada pedaço do caranguejo?
- INF: Tem as patinha, tem o peito, tem o umbigo parte uma bandinha pro lado e pro outro e encima ele tem o cascozinho pra comê.
- INQ: O umbigo é o que parte o peito?
- INF: É o que cobre a parte dos dois peito.
- INQ: Aquelas duas maiores que eles têm chama como?
- INF: Pata.
- INQ: As outras chama de que?
- INF: É as mãozinhas.
- INQ: E o que é patinha?
- INF: Patinha é as patas dele, que tem uma grande e uma pequena são duas patinhas.
- INQ: E aquela que é a menor de todas?
- INF: É mão, é a mãozinha dela. Ele tem duas patinhas e duas perninhas assim e tem a pata grande. A gente dá o nome de perna.
- INQ: Que tipo e acidente acontece quando vocês estão pegando o caranguejo?
- INF: Acontece vários acidentes, a primeira é que dá uma dor nas perna na gente um tal de reumatismo, depois acontece uma estrepada de um toco, aí a gente passa um tempo parado, às vezes o cavador vai e corta o pé aí leva outro tempo parado. O comprador de caranguejo aqui vende e não ganha nada, só ganha eles lá.
- INQ: O patrão é o comprador ou o atravessador?
- INF: Atravessador
- INQ: O senhor faz ideia de quanto eles vedem?
- INF: Até quando eu sabia eles vende por quatro reais um caranguejo.
- INQ: E como se chama aquele caranguejo que tem as patas finas e do mesmo tamanho?
- INF: É o igual, o caranguejo igual.
- INQ: Como é o transporte que é feito o transporte do caranguejo que é tirado do buraco?
- INF: Calão.
- INQ: O que isso, explica aí pra nós?
- INF: Calão é quando a gente coloca um trouxa de um lado coloca do outro e põe no ombro.
- INQ: Ele é feito de que?
- INF: Do mangue
- INQ: Mas que mangue?

INF: Tanto faz ser do mangue mesmo quanto da raiz, mangue manso, mangue vermelho ou siriba ou qualquer um.

INQ: Aquela pessoa pra quem vocês entregam o caranguejo, como é o nome?

INF: É atravessador.

INQ: Como é que se faz pra matar o caranguejo?

INF: Pra matá o caranguejo basta furá no pé umbigo e ele já morre, sangra ele bem no pé.

INQ: Em que se cozinha o caranguejo?

INF: Aqui nós cozinha na panela.

INQ: Em uma panela comum?

INF: Em uma panela comum, mas esses pessoal que tiram carne de caranguejo cozinham no tacho .

INQ: E quem é que tira?

INF: Esse pessoal que tira eu nem conheço, aqui não tem.

INQ: Mas o senhor sabe o nome da profissão?

INF: A profissão é quebrar caranguejo.

INQ: E quanto tempo leva pra cozinhar o caranguejo?

INF: A água tando fervendo leva uns quinze minutos.

INQ: Como se chama a parte escura que fica dentro do caranguejo?

INF: A parte escura do caranguejo é o fel.

INQ: E a gente come?

INF: Não

INQ: Que tando assim mais ou menos o fel?

INF: Uma bolinha assim, deste tamaninho que vem no pé do umbigo dele aí a gente tira e quebra assim a gente tira o felzinho dele e joga fora.

INQ: Mas assim no casco dele não tem mais ainda lá dentro?

INF: Tem a gordura e o fel.

INQ: E essa gordura a gente come?

INF: É o melhor que tem

INQ: E essa parte do caranguejo que a gente come?

INF: É o peito, é as patas.

INQ: E se eu falar assim... carne de caranguejo, tá certo?

INF: Pode ser.

INQ: Tem outro jeito de dizer?

INF: Tem não. Porque o pessoal quando quebra o caranguejo tem mania de dizê que é o filé do caranguejo.

INQ: E como é que faz pra preservar o filé do caranguejo?

INF: Eles levam pro mercado, pras banquinhas lá eles vende tudinho.

INQ: Aí se não vender?

INF: Eles botam na geladeira, botam no freezer que aguenta muito tempo.

INQ: E pra tirar o filé, precisa de algum instrumento especial?

INF: Senhora só a marretinha.

INQ: Que tamanho é essa marreta?

INF: É pequena, bem assim

INQ: Qual é o material dela?

INF: Qualquer um pau serve, qualquer um dá de fazê uma marretinha e quebra.

INQ: E como os caranguejos são arrumados pra vender na feira?

INF: Na feira eles faz aquela roda, faz uma amarrada de dez corda aí bota ali, às vezes o pessoal que levar de dez corda leva, se não quer leva só uma, duas...

INQ: E essa amarrada de dez tem algum outro nome?

INF: Não, só amarrada mesmo

INQ: O senhor conhece alguma lenda, alguma história, alguma música que esteja relacionada com o caranguejo?

INF: Não

INQ: E alguma festa, o senhor já foi?

INF: Ainda não

INQ: Já ouviu falar?

INF: Já ouvi falar, mas nunca fui não.

INQ: Qual é o nome, o senhor lembra?

INF: Eles falam festa do caranguejo

INQ: Eles falam aqui em Araíoses?

INF: Já fizeram, já.

INQ: O senhor sabe em que mês?

INF: Senhora eu não tô por dentro... quando ele fizeram essa festa do caranguejo, eu não tô lembrado.

INQ: E o senhor sabe como é que se chama a época em que é proibido?

INF: É dezembro, janeiro, fevereiro.

INQ: Tem algum nome?

INF: Não tenho ideia não.

INQ: O senhor conhece algumas dessas palavras ou expressões ligadas ao caranguejo, por exemplo, caranguejo canhoto?

INF: Não.

INQ: Andada?

INF: Também não.

INQ: E banha do caranguejo alguém fala aqui?

INF: É a gordura do caranguejo que eles falam.

INQ: E fel?

INF: O fel do caranguejo.

INQ: E andar para trás feito caranguejo, o senhor já ouviu essa expressão, alguém dizer?

INF: Eu já.

INQ: E quando é que as pessoas dizem isso pra outras?

INF: E quando o cara tá indo pra frente, vai, vai, vai quando o poder dele volta ele tá voltando pra trás.

INQ: E caranguejo anda pra trás mesmo?

INF: Sim, ele anda pra frente e volta pra trás.

**APÊNDICE 8 - Transcrição 7. Informante: AMSL, F, catadeira de caranguejo.
Povoado de Carnaubeiras, 16/10/2007.**

INQ: E como é que chama a sua atividade, o que vai pegar o caranguejo é caranguejeiro?

INF: E a gente era o comprador

INQ: E nessa lida com o caranguejo deu pra senhora ir pra escola?

INF: No período em que eu estava comprando o caranguejo tinha parado de estudar

INQ: E a senhora estudou até que série?

INF: Eu estudei até a quarta série, repetente quatro anos já era pra eu ter chegado na oitava se tivesse professor nessa época e meu pai não tinha condições de educar fora

INQ: Do que caranguejo se alimenta?

INF: Da folhinha do mangue, dentro do mangal.

INQ: Mangal é o que?

INF: É o lugar onde eles convivem, convivem dentro do buraco e quando eles saem vem pegá o a folhinha e leva pro buraco pra comê, se alimentarem.

INQ: E tem assim um tipo de mangue diferente ou é tudo igual?

INF: É tudo igual, a diferença é de raízes que às vezes tem um lugar mais limpo de raízes tem vezes que tem raízes uma por cima das outras fica pior a posição para os caranguejeiros.

INQ: E porque alguém nos falou de mangue manso, o que é isso?

INF: Mangue manso é assim, é de qualidade de mudar de um mangue pra outro. Mangue vermelho é quando tem uma casca, quando você põe na água muda a qualidade.

INQ: Fica vermelha a água?

INF: Isso, às vezes tem até tintura de roupa com isso.

INQ: Com o mangue?

INF: É com certeza

INQ: E esse mangue manso?

INF: Não senhora

INQ: E o caranguejo tem preferência por algum deles dois?

INF: Eu penso que não, que seja uma coisa só

INQ: E o lugar que a senhora disse que eles ficam é o buraco?

INF: É o buraco, eles cavam um buraco e até às vezes eles colocam o braço e não alcançam e tem que ser com o cambito.

INQ: Como é esse cambito?

INF: O cambito é feito com um vergalhão de ferro, na ponta eles fazem um pontinha aí colocam num cabo de madeira assim, aí eles colocam um vergalhão que aumenta o braço pra tirar o caranguejo.

INQ: Então as pessoas que fazem isso, que tiram o caranguejo é o caranguejeiro?

INF: Isso, o próprio caranguejeiro sofredor

INQ: E como é que faz pra pegar o caranguejo?

INF: O rapaz que vai pegar o caranguejo tem que ir todo equipado, porque às vezes pega estrepada, às vezes ele vai todo equipado com a roupa do mangue. A roupa é calça comprida, camisa manga comprida e usam um tipo de uma luva que colocam no braço que vem até aqui no ombro, aí eles amarram aqui, tem as dedeiras dos dedos.

INQ: O que é dedeira?

INF: As dedeiras é um pano que a gente pega e costura assim aí eles coloca em cada dedo, ali já vem as manga que eles fazem, já me com aqueles buracos até aqui na juntinha, aí ele colocam aqui aí ficam guardado, bem guarnecido.

INQ: A gente chama de manga ou de luva?

INF: É a mesma coisa

INQ: E para os pés, bota alguma coisa?

INF: Uma bota

INQ: E na cabeça usam alguma coisa?

INF: Eles às vezes usam, uns amarram um pano, outros colocam o boné pra se prevenir.

INQ: E instrumento pra ajudar o cambito que a senhora falou.

INF: Se por acaso os braços tão aqui bem colocados as mangas, os dedos, aí eles mete no buraco, se por acaso ele chegar no fim e não encontrou o caranguejo porque o buraco ainda é mais fundo aí eles trazem o cambito, mete o cambito e vem puxando pra fora do buraco.

INQ: Eles usam mais outro instrumento?

INF: É só a palha pra amarrá mesmo

INQ: Como é que é essa palha?

INF: A palha que eles amaram um na ponta da outra e faz quatro palhas, nessas quatro palhas fica a amarradilha dos quatro caranguejo.

INQ: A palha é de que, de alguma planta?

INF: É da carnaúba, do olho da carnaúba. Têm pessoas que próprio que vende essa palhas para o caranguejeiro.

INQ: A senhora sabe quanto é?

INF: O preço eu não sei, mas o meu filho sabe porque ele compra

INQ: E a senhora ia falando em fumacê, o que é isso?

INF: Fumacê é, digamos assim, agora tem muita muriçoca, mosquito aí eles levam pra fazer a fumaça.

INQ: Como é que eles fazem essa fumaça?

INF: Eles colocam muito pauzinho pequeno na fumaceira e botam pra queimar e fazem a fumaça pra proteger dos mosquitos.

INQ: E algumas vezes é preciso abrir o buraco?

INF: tem dele que abre, leva até cavador também

INQ: E pra quem a pessoa entrega o caranguejo?

INF: Comprador. Cada caranguejeiro tem um comprador, porque aqui em carnaubeira têm vários compradores de caranguejos, porque o comprador sá entrega pra aqueles quem vem, o atravessador que vem do Piauí vem receber aqui

INQ: E esse caranguejo aqui, a senhora disse que ele é vendido todo para o Piauí?

INF: Todo para o Piauí, do Piauí passa pro Ceará, Fortaleza.

INQ: E a senhora sabe se existe um outro nome pra caranguejo?

INF: Não, é geral até mesmo pra Brasília, São Paulo chamam só de caranguejo.

INQ: E tem algum nome pra fêmea do caranguejo, como é que chama a fêmea do Caranguejo?

INF: É assim mesmo, tem a carangueja fêmea e tem o caranguejo macho, Não tem diferença assim pra outro nome. A diferença e do sexo masculino e feminino que chamam caranguejo macho carangueja fêmea.

INQ: E o filhote do caranguejo tem algum nome em especial?

INF: Não senhora, só que quando ele tá no tempo, como é que fala...desovando aí é proibido pegar.

INQ: Tem alguma diferença entre o caranguejo macho e o caranguejo fêmea, como é me explica?

INF: É o umbigo do caranguejo ele é da largura de um dedo e da fêmea não, é quase isso. O da fêmea é largo e o do macho é estreitinho.

INQ: E o umbigo, me diz exatamente como é?

INF: O umbigo é assim, porque quando é assim baixa pegando...porque o caranguejo tem dois peitinho, no meio do peito aqui vem o umbigo por cima

INQ: E a carangueja fêmea, ela é maior ou menor que o caranguejo macho?

INF: Não, ela é menor

INQ: Ela é mais ou menos como assim?

INF: A carangueja? E assim até porque o macho é grande assim e a fêmea é desse tamanho assim, tem a diferença do tamanho.

INQ: E como é que se chama aquele caranguejinho assim branco que fica na beira do mar, que corre rapidinho?

INF: É corredeiro.

INQ: E esse caranguejo se come?

INF: Têm pessoas que come, tem pessoas que pega e come. Tem um bem pequeno que corre aratunzinho, mas é bem pequenininho. A corredeira tem a presa grande e é vermelhinha assim e a corredeira não, às vezes ele é bem pequenininho que a gente pega as vezes pra dá pra guará.

INQ: Mas esse corredeiro ele é branco, que cor é o corredeiro?

INF: Ele é vermelho. O branquinho eu acho que seja o aratum.

INQ: Parece um siri ela?

INF: Às vezes a diferença é pouca.

INQ: Chama tirar caranguejo é?

INF: É, pegar caranguejo.

INQ: Depois que pega o caranguejo, qual é a primeira coisa que faz?

INF: Amarra com a embira

INQ: Aí amarra, e eles amarram como?

INF: Primeiro eles pegam um passando ao redor do peito, do casco do caranguejo e dá um nó, e pega o outro por cima daquele e dá outro nó nas duas pontas daqui, a outra ponta faz esse mesmo serviço daqui, enrola os dois e faz quatro caranguejos.

INQ: E eles chama um nome pra esses quatro?

INF: É uma corda. Uma amarrada são dez cordas.

INQ: E quanto tempo o caranguejo vive depois que tira o caranguejo de lá, leva o caranguejo, traz até chegar no lugar preferido, o lugar pra onde ele vai?

INF: Digamos assim, se eles pegam hoje, hoje eles entregam que já vai pra Fortaleza de lá eles podem passar até quatro dias vivo, depende do cuidado.

INQ: Qual é o tipo de cuidado que tem que ter?

INF: Se catador de caranguejo pegam o caranguejo e não maltratam, pega o casco, não quebram nenhuma presa o caranguejo vai durar mais de um mês. Só que nos quatro dias eles já tão meio esvanecido, mas se quebrou um casco ou alguma coisas, logo ele morre.

INQ: E tem que botar alguma comida pra ele?

INF: Não. Depois de amarrado o cuidado é tá na sombra, é não pegar muito sol, sendo bem tratado ele vai embora.

INQ: E se não pegar o caranguejo, só deixar ele lá a senhora tem ideia de quanto tempo ele vive?

INF: No mangue? Ah...não tenho nem ideia, é o tempo todo. Ali é a vida deles no mangue.

INQ: Desde que o caranguejo nasce como ele vai se crescendo, se desenvolvendo?

INF: Na hora eu ele nasce fica de pequenininho por ali assim e vai procurando o que comer também, dali ele vai crescendo.

INQ: Aí ele cresce e quando ele tá em um certo tamanho acontece alguma coisa com ele?

INF: Não, a tendência dele é crescer.

INQ: E ele tem a mudança do casco?

INF: Sim, nesse período agora ele tá com troca de *casca*. Ele se enterra no buraco, ele não dá muita produção não, a pessoa vai atrás dele e ele se esconde mesmo, fica enterradinho ali pra trocar de *casca*, cai aquele casco velho e vem um novo e quando ele tá com um casco meio duro ele começa a sair do buraco de novo. Aí ele fica de casco mole que quando a gente bate ele fica molinho.

INQ: Ele troca esse casco mais de uma vez quando ele tá vivo?

INF: Acho que é até por ano assim que no período ele troca.

INQ: Nesse período que ele tá molinho ninguém pesca né?

INF: Às vezes pesca, mas os trabalhador de caranguejo são os que faz a diferença. Se vai pegar o caranguejo e eles tão muito mole não vai pegar não, eles não pegam, porque não tem como vender eles tão muito magrinho na corda

INQ: E fica todo mole ou tem uma parte que não fica?

INF: Fica todo mole, é presa tudo ele troca o *casção* dele completo, ele até fica magro. Quando a gente diz assim que ele tá velho é porque pode comer, gordo, gostoso *casção* duro que precisa você bater com uma coisa encima pra poder quebrar a *casca*.

INQ: Qual é a melhor época do ano pra pegar o caranguejo?

INF: É o final do ano que eles brincam.

INQ: O que é isso?

INF: Saem do buraco sem precisar que o caranguejeiro vá atrás dele

INQ: E acontece alguma coisa nesse período em que eles saem, quando eles estão brincando?

INF: Acontece que o IBAMA vem e proíbe pra não pegar, ele dá pra cada pescador de caranguejo, arrancador de caranguejo dez cordas

INQ: a senhora tava dizendo brincar, o que é brincar?

INF: Brincar é quando eles saem do buraco e anda dentro do mangue a vontade, onde você vai você encontra um caranguejo, não precisa meter a mão no buraco.

INQ: E é nesse período que eles tão se preparando pra surgir novos caranguejos?

INF: Talvez, isso eu não sei lhe explicar bem . Porque eu acho que seja nesse período.

INQ: Quantos dias eles brincam?

INF: Três dias são o suficiente até, porque já passou e você não sabe. O primeiro dia ele sai menos, no terceiro ele já vai diminuindo um pouco e no quarto pouco a gente encontra.

INQ: E em que época isso aí?

INF: E em novembro, dezembro e janeiro, são três vezes no mês que eles saem.

INQ: Qual é a época que as fêmeas têm os seus filhotes?

INF: Essa eu não sei lhe dizer.

INQ: A senhora estava falando das partes do caranguejo, do umbigo, do peito e o que tem mais?

INF: Tem as patas e o casquinho dele.

INQ: Todas elas são chamadas de patas?

INF: Porque é assim tem os dedos, as duas patas da frente um maior e outra menor.

INQ: E aquela menorzinha que fica bem no finalzinho?

INF: É os dedinhos

INQ: Tem alguém que chame essas pares de outro nome?

INF: Que eu saiba não, por aqui isso se chama assim.

INQ: Como é que chama esse caranguejo das patas iguais?

INF: Eles são chamados de caranguejo mesmo, só que tem as duas patas iguais, a maior se torna do tamanho da menor o caranguejo.

INQ: Qual é o tipo de acidente que mais acontece assim quando eles tão pegando o caranguejo, acontece?

INF: Acontece, Ave Maria! Às vezes estrepadas, às vezes levam queda quando ficam machucados, tem ferimentos, às vezes o cavador cai e corta, tem vários tipos de acidentes no mangue com os próprios caranguejos.

INQ: E como é feito o transporte do caranguejo quando ele é tirado lá do buraco?

INF: Eles amarram e fazem a corda. Como eu lhe explique, a corda é de quatro caranguejos, amarrada é dez. Digamos se eu pegar vinte e seis cordas eles dividem treze para um lado e treze para o outro. Aí eles pegam um pedaço de pau que eles chamam de calão aí eles amarram treze de um lado, treze de outro colocam no ombro e saem por cima de raiz, é caíndo é levantando até chegar na beirada do mangue aí lava o caranguejo e coloca na canoa ou no barco.

INQ: E esse calão é feito de que?

INF: O calão é um pedaço de pau, aí eles amarram de um lado e do outro põe no ombro e vem.

INQ: E eles tiram de qualquer planta?

INF: Do mangue, é no mangue mesmo.

INQ: E pra matar o caranguejo, como é que as pessoas fazem

INF: Pra fazer o filé a gente põe o tacho no fogo, quando a água já tá querendo ferver a gente coloca as amarradas de caranguejo dentro, e pra fazer um almoço, um churrasco, uma coisa qualquer tem pessoas que sangra eles. Sangra é colocar a faca entre o umbigo que não cai nenhum dedo. Ali você escova, tempera o caldo e coloca pra cozinhar todo escovadinho, limpinho.

INQ: Como é esse tacho?

INF: É desse tamanho assim

INQ: De que matéria ele é feito?

INF: De alumínio

INQ: E quanto tempo leva pra cozinhar o caranguejo?

INF: Não leva muitas horas, não senhora. Se por acaso a gente coloca a água no fogo e subi aquela fervura no prazo de um hora, isso cozinha bem rápido.

INQ: Cabe quantos caranguejos?

INF: Depende do tamanho do tacho. Esse tacho que nós cozinhamos aqui cabe quatro cordas amarrada, dependendo do tamanho do caranguejo. Caranguejo pequeno pega menos, caranguejo grande até cinco amarrada.

INQ: E a senhora tava falando de filé

INF: Filé é a carne. A gente quebra a carne e faz o filé, e as patinhas a gente faz por dúzia.

INQ: E pra tirar esse filé precisa de alguma coisa especial, algum instrumento?

INF: Não, o instrumento que a gente usa é uns cassetinho que a gente quebra bem na juntinha e puxa. As patinhas é do mesmo jeito, a gente quebra nas juntinhas e puxa.

INQ: E a pessoa que trabalha tirando esse filé tem algum nome, como é que chama?

INF: Trabalhadeira de caranguejo.

INQ: E são mais o que, mais mulheres mais homens?

INF: Mais mulheres

INQ: E a parte escura dentro do caranguejo?

INF: É o fel

INQ: E se come essa parte?

INF: É acompanha a gordura e o pessoal tira esse fel e come a gordura.

INQ: O fel fica junto com a gordura?

INF: Fica

INQ: E quando a senhora tira a carne do caranguejo como é que conserva até pra levar pra vender?

INF: A gente lava a carne bem lavadinha, ensaca em saco de quilo e põe no freezer.

INQ: Lava mesmo só com água?

INF: É só com água.

INQ: Demora muito tempo?

INF: Demora um pouco para congelar, depois de congelada pode consumir.

INQ: Em feira tem alguma forma de arrumar os caranguejos?

INF: Eles colocam em baixo uma amarrada, colocar uma segunda, terceira.

INQ: E assenhora conhece alguma história de caranguejo, uma cantiga que fale do caranguejo?

INF: Não

INQ: A gente estava falando sobre a festa. E a festa já estava se realizando faz tempo?

INF: Já vai fazer seis anos.

INQ: E como é que é essa festa?

INF: A festa a gente só coloca atualmente festa de caranguejo só pra animar os caranguejeiros ali, a gente faz um desfile com as moças aí as pessoas vão eleger, aí elas desfilam e tem os jurados e quando os jurados disser essa é a nossa rainha aí tem a valsa. Aqui eu costumo fazer isso, o caranguejeiro vai coroar sua rainha, vai colocar a faixa pra dançar valsa não tem preferencia, o caranguejeiro que quiser ir vai dançar uma voltinha com a sua rainha.

INQ: E a comida durante a festa é caranguejo?

INF: Não senhora, eu ainda não fiz isso porque as minhas condições é pouca de comprar, eu não tenho o patrocínio de nada.

INQ: A senhora disse que faz no mês de dezembro?

INF: É, mas esse ano vai ser no mês de novembro.

INQ: E a senhora conhece essas palavras que podem ter relação com o caranguejo, a gente queria saber se tem mesmo. Caranguejo canhoto?

INF: Tem, é que eles têm um pata mais cheia de que a outra aí fica de um lado que é o canhoto.

INQ: E aqueles que têm as duas patas fininha?

INF: Aquele a gente chama de ingual

INQ: E andada?

INF: só se for na saída deles, quando eles saem andam brincando. Aqui eles não costumam falar, aqui é a saição do caranguejo.

INQ: E banha do caranguejo é a mesma coisa que a gordura ou o que é?

INF: É a gordura do caranguejo.

INQ: E atravessador?

INF: Atravessador é compra aqui e atravessa pro outro lado que eleva pra vender lá em Piauí em outro lugar.

INQ: E a senhora sabe por quanto ele compra esse caranguejo de vocês?

INF: Um e oitenta a corda do pantanal e um real e dez a corda do médio.

INQ: O que é pantanal?

INF: É o caranguejo que maior

INQ: A gente ouviu assim andar pra trás feito caranguejo, as pessoas dizem isso aqui?

INF: É tem esse dizer andar pra trás feito caranguejo, porque é assim você compra, compra e vai em frente e quando você dá pra trás não dá nada.

**APÊNDICE 9 - Transcrição 8. Informante: DS, F, catadeira de caranguejo.
Araioses/MA, 16/10/2007.**

INQ: Como é que a senhora chama essa comida aqui?

INF: Essa aqui é só a pata de caranguejo. O filé do caranguejo.

INQ: E como que se faz?

INF: Tem um rapaz ali que cata e tem as quebradeiras que quebram a casca, pegam o caranguejo, tiram a casca, tiram a gordura e vende.

INQ: E como é que faz essa comida aqui, pega o caranguejo?

INF: Pega o caranguejo, traz pra cá a gente limpa e passa do jeito que tá aí põe no fogo e com dez minutos tá pronto.

INQ: E que tempero que acrescenta aqui na carne?

INF: Se você quiser colocar tomate, cebola, pimentinha, pimenta do reino...O caranguejo desde quando eu sou gente sempre dá, todo dia, todo dia e quando é os tempo das maré ainda sai os caranguejo pra vadiar.

INQ: O que é isso?

INF: É as marés dele, é quando eles vão vadiar o IBAMA traz e colocam até aqui em vários pontos eles bota os cartaz deixa o caranguejo brincar o carnaval, dezembro, janeiro e fevereiro aí tem as maré grande, o macho namoram com as fêmeas. Aí agora nesse período que o caranguejo tá muito inteiro na visão dele, o IBAMA passa a semana aqui. Os catador só pode pegar cinco corda pra comer, se pegar mais eles prede. Quando termina a maré todinha que o pescador vai pescar ele vem cheio de caranguejo, não falta.

APÊNDICE 10 - Transcrição 9. Informante: JFS, M, catador de caranguejo, 47 anos. Paço do Lumiar/MA, 21/3/2008.

- INQ: De que o caranguejo se alimenta?
INF: Da folha do mangue, a fruta do mangue.
INQ: E como se chama o lugar onde fica o caranguejo?
INF: Toca.
INQ: E onde tem muitas tocas vocês dão algum nome?
INF: Não, não, não geralmente a gente...rapaz tem muitas tocas aqui, já tá na hora de tirar porque tem muita toca aqui
INQ: E tem um nome pra toca?
INF: A gente chama buraco de caranguejo, nós realmente chama de buraco. Agora o pessoal da universidade chama toca
INQ: Ah vocês chamam buraco?
INF: É, buraco.
INQ: Essa é a vegetação eu costuma crescer?
INF: É justamente. Aonde costuma crescer o mangue e os pessoal tiram mangue o caranguejo se muda, lá não cria mais caranguejo
INQ: Por que não se cria mais caranguejo?
INF: Porque as folhas não caem pra eles comê.
INQ: E tem tipo de mangue diferente?
INF: Tem a siriba, tem o mangue branco tem o mangue vermelho. Realmente o caranguejo costa mais de habitar o mangue vermelho
INQ: E eu que não conheço o mangue, como eu identifico o mangue vermelho?
INF: O mangue vermelho tem uma tinta na casca e a siriba ela não tem. A tinteira também que é o mangue branco também não tem.
INQ: O mangue branco chama de tinteira?
INF: É tinteira, justamente.
INQ: Mas assim, ele são parecidos, com as folhas iguais?
INF: Não, são diferentes. São um pouco pequeno, mas são diferentes as folhas, uma é mais grossa e outra é mais fina.
INQ: Qual é a mais grossa?
INF: A da tinteira, do mangue branco.
INQ: Aí do siriba?
INF: Do siriba é folha é mais fina um pouquinho, a do mangue vermelho é maior um pouco.
INQ: E as frutas são diferentes?
INF: São diferentes, a da tinteira são bem redondinha, redondinha, redondinha.
INQ: A da tinteira é redondinha?
INF: É.
INQ: E a do mangue vermelho?
INF: São compridas parecendo um feijão e a do mangue branco é parecendo um florzinha.
INQ: E essa que o senhor disse que parece um feijão, como é que se chama?
INF: A gente só diz que é fruta do mangue. É justamente quando ela cai que aí é que nasce um pezinho de mangue, ela cai, tem uma ponta grossa, pra baixo mais grossa e encima é mais fino e só cai em pé. Onde ela cai em pé ela enfia aí e si o mangueiro, encima sai a folhinha e embaixo sai à raiz.
INQ: Esse que é grande?
INF: Esse que é grande é chamado de feijão.
INQ: Que é de que tipo de mangue?

INF: O mangue vermelho.

INQ: E é esse tipo que os caranguejos preferem?

INF: É... preferem mais, o caranguejo é mais gostoso. O caranguejo da gordurinha amarela o habitat dele é nesse mangue.

INQ: E o lugar onde o caranguejo se esconde o senhor disse que chama de buraco?

INF: É... de buraco e toca.

INQ: É muito fundo?

INF: É. Tem uns que é muito fundos e tem outros que é raso.

INQ: Mais ou menos assim quanto?

INF: É setenta centímetro, setenta e cinco, cinquenta, tem uns até de quarenta. Tem vez que a gente vê eles com as patinhas do lado de fora quando a maré é seca que não invade o mangue no verão, que a lama engrossa a gente vê eles com os cotovelinhos do lado de fora que ele é raso, agora quando ele é fundo não tem jeito.

INQ: E quando o senhor viaja assim, o senhor diz que vai fazer o que?

INF: Tirar caranguejo

INQ: Eles chamam de outro nome além desse de tirar caranguejo?

INF: Não, só de tirar caranguejo mesmo.

INQ: E como é que senhor faz pra tirar o caranguejo?

INF: É com o braço. Tem que usar sapatos nos pés, sapato de pano, calça comprida, camisa comprida e uma luva comprida de pano

INQ: Chama de luva?

INF: É, mas nós mesmo chama e braceira.

INQ: Cobre os dedos?

INF: Cobre os cinco dedos, isso aqui tudinho, ela é completa.

INQ: E essa braceira é feita de que?

INF: De pano.

INQ: Sapato de pano, calça de pano... E o que o senhor faz para pegar o caranguejo?

INF: A gente mete a mão no buraco, se o buraco tiver torto pra lá a gente fura mais na frente com os pé e tenta alcançar ele. Porque quanto a gente fura com o pé a gente vê que o buraco tá torto aí a gente fura lá no buraco pra entrar o braço. Quando é duro é com o calcanhar, mas quando é mole a gente ajoelha mesmo

INQ: Mas é só com braço mesmo?

INF: Alguns usa a gente tira com o pé.

INQ: Mete o pé?

INF: É... vai trazendo ele, trazendo ele, trazendo ele.

INQ: Há alguém no grupo que usa alguma serra, algum gancho?

INF: Gancho ninguém usa, porque maltrata o caranguejo, porque tá furando ele, furando ele aí maltrata mais.

INQ: Como é esse gancho, é um ferro?

INF: É um ferro, aí essa ponta aqui fica furando o caranguejo, pega de mal jeito. No braço não, do jeito que você leva a mão vê logo do jeito que tá, as pata dele, se for fêmea se conhece só no pegar lá mesmo a gente deixa, quando é presa grande ou presa igual a gente conhece já tem conhecimento.

INQ: Quando o senhor diz que conhece a fêmea só no pegar?

INF: É porque ela tem o casco mais redondo e as pata delas são mais curtinha, mais curtinha e mais fininha, ela é toda menor e ela não tem as perna muito longo, ela é tudo curtinha. Essa é a condurua.

INQ: Como é que chama?

INF: Condurua.

INQ: Tem algum outro nome além desse?

INF: Só condurua.

INQ: E embaixo tem alguma diferença?

INF: Tem, esse aqui desse aqui é comprido.

INQ: Como é que se chama essa parte que o senhor tá mostrando?

INF: Essa aqui peno menos eu não sei como é que chama. Mas isso aqui é onde fica as ovas

INQ: Ela fica do lado de dentro?

INF: Ela fica do lado de dentro e depois fica do lado de fora.

INQ: E quando o senhor tira o caranguejo o senhor mesmo vende?

INF: Eu entrego pro atravessador que vai vender

INQ: Quando o senhor traz, por quanto o senhor vende pra esse moço?

INF: Eu vendo pra ele a um e quarenta. Eu entrego pra ele a um e quarenta três caranguejo amarrado na cambada. Uma cambada é amarrada de três caranguejo, quando é menorzinho a gente faz quatro.

INQ: Mas sempre a cambada ou é três ou é quatro?

INF: É, quatro quando é menor mesmo, pequeno de sete centímetros, oito centímetros o casquinho porque menos disso não pode tirar.

INQ: E o senhor sabe se o caranguejo é conhecido por outro nome?

INF: Parece que é o caranguejo uçá, o guaiamum, tem o caranguejo da praia um amarelinho.

INQ: Como é esses tipos, esse amarelinho?

INF: Esse é da praia, só da areia da pequenininha.

INQ: E não cresce mais do que aquilo?

INF: Não.

INQ: E se come?

INF: Não, aquele ninguém tira ninguém mata é protegido pelo pessoal da praia.

INQ: E esse pequenininho é o caranguejo amarelo?

INF: Sim. E esse que a gente tira é o caranguejo uçá e tem o caranguejo guaiamum.

INQ: E esse que o senhor tira?

INF: É o caranguejo uçá. Agora tem o guaiamum que é criado no alagadiço, esse cresce grande

INQ: Esse come?

INF: Como com arroz. Nego bota em viveiro e cria e esse daqui ninguém cria porque ele morre por causa do habitat dele.

INQ: O senhor disse que a fêmea é condurua e o macho tem algum nome?

INF: Não, caranguejo a gente chama caranguejo mesmo.

INQ: E quando ele ainda tá pequeno ele tem algum nome?

INF: A gente fala que é pequenininho.

INQ: E depois que o senhor tira o caranguejo qual é a primeira coisa que faz?

INF: Bota no cofo, aí eu trago pra água e lavo bem lavadinho pra não ficar lama dentro, não pode ficar lama dentro porque esquenta e eles morre. Quanto mais lama dentro mais mata eles.

INQ: E quantos caranguejos o senhor consegue botar nele?

INF: Tem cofo que pega noventa, tem cofo que pega setenta e cinco caranguejo, tem cofo que pega oitenta.

INQ: Então o senhor tira e lava primeiro antes de botar no cofo?

INF: Não, primeiro a gente bota no cofo com a lama, aí leva pra maré aí que bate, vai lavando, sacudindo, suspendendo, enquanto a gente vê que tá saindo aquela água suja a gente tá lavando.

INQ: E quanto tempo ele vive depois que o senhor tira ele de lá?

INF: Eu tirei caranguejo segunda e terça, um cofo de sessenta caranguejo morreu dois. Às vezes no tirar de mal jeito, a gente pensa que tá tirando certo as vezes uma perna se coisa, maltrata e morre, mas se for tirado na normalidade morre pouco

INQ: Se ele perder uma perna ele morre?

INF: Se entortar, mas e cair por ele mesmo, a gente puxar e cair por ele mesmo aquilo é normal, mas e puxar e ele ficar pra trás aquela junta dele já deslocou, já morre.

INQ: Nesse tempo que o senhor tira, o senhor bota comida pra ele?

INF: Não, fica preso o tempo todo no cofo. Não pode nem deixar uma brechinha senão ele vai embora tudinho

INQ: E o senhor tem ideia de... quando ele fica lá no mangue ele vive quanto tempo?

INF: Vive muito tempo.

INQ: Mais de ano?

INF: O caranguejo pra se refazer, dizendo o pessoal, quando não tem dessa base não dizem que é cinco ano pra reprodução. Dizem que é de cinco ano, se não mexer vive muito tempo. A gente só vê caranguejo morto quando eles tão andando, no período da reprodução dele, justamente é a época agora que tá proibida, aí é que se vê caranguejo morto porque eles se mata, matam muita fêmea. A mais mortandade dele é quando tão trocando o casco, tá descascando pra crescer, pra se refazer.

INQ: Como é essa mudança de casco?

INF: Esse casco aqui vai embora, cai. Aí por baixo dele vem outro casco que é maior pra expulsar esse que é menor, esse aqui vai afinar, ele cria um leite. Essa época agora ele vai engordar, vai engordando, engordando. No mês de agosto, já tem muito entupido, eles engorda e tapam o buraco. Quando eles limpam o buraco bem limpinho, engodam o tanto que ele pode aí quando ele tá bastante gordo ele cria um leite entre o casco novo e o casco velho. Agora pra que esse leite? Pra separar um casco do outro, pra não grudar, aí o de dentro vai engrossando e o de fora o leite vai afinado o casco, ele fica mais fina que a pele de um ovo, aí ele vai endurecendo e vai espocando o de fora, até os cabelinhos fica, todo tempo aí lá mesmo ele fica, ele fica que nem um camarão mole, fica sem e mexer sem nada, sem comer. Aquela gordura vai sustentando ele, sustentando ele, vai endurecendo, endurecendo quando ele já se sente duro mesmo ele vai limpa o buraco, bota aquele casco velho todinho, abre o buraco dele aí que ele vai de novo comer.

INQ: Aí como se chama esse período?

INF: Aí chama ele de entupido, entupição.

INQ: Aí nesse período ninguém tira?

INQ: A gente vai tirar, mas só tira o que tá aberto ou você vê o casco velho ou o casco novo. Agora por que ele morre? Porque ele tá fraco, ele não comeu, aquela gordura dele tá dentro, mas tá desonerado e ele tá com o casco todo fragilizado, tá todo molinho, aquele ali qualquer coisa ele quebra

INQ: Aí ele muda esse casco de quanto enquanto tempo?

INF: De ano em ano, mesmo período. Em agosto ele prepara vai em setembro ele entope, mês de outubro e novembro tá tudo entupido, de novembro pra dezembro já vai ter caranguejo novo. O bicho é limpinho, o buraco é mais raso, mas fácil de se tirar, ele tem menos competência de viver.

INQ: E qual é a melhor época do ano pra pegar o caranguejo

INF: É agora por esses tempo, março, abril, maio, junho, julho e agosto. O mês de setembro já vai ficando difícil já vão procurando o buraco pra se entupir.

INQ: E como se chama o período em que as fêmeas têm os filhotes, que eles se reproduzem, tem algum nome?

INF: Não, não

INQ: E no ano, quais são os meses?

INF: É porque agora já tem condurua ovada já, já vi essa semana.

INQ: Agora em março?

INF: É, já vi condurua ovada. Então realmente pra reprodução dela é no mês de abril, maio.

INQ: Aí não tem um nome especial?

INF: Tá desovando, é a época da desova

INQ: Existe um período que é proibido?

INF: É...em janeiro, foi proibido, fevereiro foi proibido.

INQ: Qual é a maré melhor?

INF: É a maré de escuro.

INQ: O que é maré de escuro?

INF: É quando a lua não clareia, a maré é grande só que a lua não clareia. O que manda eles andar, domina eles andar é a maré maior que tiver. A maré que crescer mais.

INQ: Lançamento é o crescimento da maré?

INF: Eu queria que o senhor me dissesse as partes do caranguejo.

INF: Isso aqui nós chama perna, isso aqui é as perna do caranguejo. Esses dois se chama pata, nós mesmo chama presa do caranguejo porque tem uns que são ingual.

INQ: Qua nome se dá pra ele?

INF: Caranguejo presa igual. Esse aqui a gente chama caranguejo patudo.

INQ: E essa pontinha aqui?

INF: É unha, esse aqui a gente chama de base perna e esse é a pata. Justamente é isso aqui que eles quebram e chamam de patinha.

INQ: E essa parte aqui, qual é o nome dela?

INF: Se chama casco.

INQ: E esses dois pontinhos aqui?

INF: É o olho dele.

INQ: E essa parte aqui?

INF: É a boca.

INQ: Mais pra baixo da boca?

INF: A gente chama de peito do caranguejo, aí que a gente quebra quando vai comer.

INQ: E a parte de dentro, como chama?

INF: É peito mesmo.

INQ: E os que tem essa essa presa igual?

INF: É caranguejo igual mesmo.

INQ: E dentro tem uma parte que a gente não come no caranguejo?

INF: Tem uma parte de umas guelrazinha de um lado e de outro

INQ: Quando vocês tão trabalhando, costuma acontecer algum acidente?

INF: Costuma, a gente se corta com caraca, ostra mesmo a gente tado com sapato

INQ: E o caranguejo costuma morder as pessoas?

INF: Morde.

INQ: Aí o senhor falou que depois que o senhor tira o caranguejo bota ele dentro do cofo.

INF: Aí que a gente vai amarrando, lavando. Quem leva pras feira leva.

INQ: E o senhor amarra com o que?

INF: Com nylon.

INQ: E quando o senhor junta muitas cambadas?

INF: É uma penca de dez, uma penca de cinco.

INQ: Uma penca de cinco seria cinco cambada?

INF: É...cinco cambada, uma penca de dez cambada.

INQ: Depois que o senhor faz isso senhor passa pra pessoa que vai vender, o senhor diz que é o?

INF: Atravessador.

INQ: E se a pessoa quiser matar, como é que faz?

INF: Sangra bem aqui.

INQ: Chama de sangrar?

INF: É... fura, a gente chama de furar.

INQ: Em que se cozinha o caranguejo?

INF: Na panela, a gente chama de panela, caldeirão

INQ: E quanto tempo leva pra cozinhar o caranguejo?

INF: Aqui nós costuma cozinhar o caranguejo depois que ele abre a fervura, que ele esquentar a água e começa a ferver é no máxima cinco minutos. Tem isso, pra poder a carne não ficar grudada, porque se ele cozinhar muito a carne não sai, quando a gente puxa a carne fica grudada. O caranguejo só é bom quando você tira a carne.

INQ: Essa parte que se come é a carne?

INF: Carne do caranguejo.

INQ: E as pessoas que tiram a carne do caranguejo tem algum nome pra elas?

INF: Não, porque aqui nós não temo o costume de tirar carne, aqui só é mesmo tirar pra vender nas cambadas pra atravessador, pra levar pra praia

INQ: E quando vocês tiram só pra comer em casa tem algum instrumento pra tirar a carne?

INF: Não, não... vai nos dente mesmo.

INQ: A parte escura que o senhor disse que tem dentro e que não se come?

INF: A guelra

INQ: Quando vocês tiram assim, se quiser guardar pra depois como é que faz pra conservar?

INF: A gente bota no gelo, na geladeira. Só que não fica gostoso, a carne dele fica grudenta.

INQ: E o senhor conhece alguma história, alguma lenda, alguma cantiga que fale do caranguejo?

INF: Dizem que a única lenda do caranguejo é que atravessou lemanjá, alguma santa e que ela deixou o retrato dela no casco dele. Dizem que lemanjá atravessou um igarapé pra outro, e ela pra deixar de lembrança deixou o retrato dela no casco do caranguejo.

INQ: Quando vocês estão no mangue, vocês conversam sobre o que?

INF: Eu não converso, às vezes tem uns que conversam.

INQ: E o senhor quando vai, leva muito cofo pra trazer caranguejo?

INF: Levo, às vezes eu levo oito, nove...

INQ: Em cada viagem dessa o senhor costuma trazer quantos caranguejos?

INF: Quando a gente acha caranguejo mesmo eu trago uma base de uns quinhentos caranguejos.

INQ: Isso em quanto tempo de trabalho?

INF: Dois dias, dois dias e meio...

INQ: E no barco vocês costumam ir quantas pessoas?

INF: Quinze, mas tem vez que vai dezessete, dezoito, dezenove...

INQ: Eu estou chamando de barco, mas é barco mesmo que se chama?

INF: É motorizada.

INQ: E há alguma festa relacionada com o caranguejo?

INF: Aqui tem o festival do caranguejo todo ano.

INQ: Como é que é?

INF: Suponhamos assim... tem a sociedade deles, eles vão reunindo pra fazer a programação. O festival do caranguejo é muito grande. São treze sócios, cada sócio dão duzentas cambadas de caranguejo. Este ano foi mais, foi umas quatro mil cambadas de caranguejo, mais ou menos uns doze mil caranguejo.

INQ: Em que mês acontece?

INF: É em janeiro.

INQ: É um dia só?

INF: É três dias. Sábado, domingo e segunda.

INQ: E o senhor sabe da época que é proibido tirar o caranguejo, se tem um nome pra essa época?

INF: Proibição.

INQ: Eu vi umas palavras outro dia e queria que o senhor me explicasse. O senhor sabe o que é caranguejo canhoto?

INF: O canhoto que a gente chama é o mesmo presa igual.

INQ: E andada, o senhor já ouviu essa palavra?

INF: É quando eles anda, que tão se reproduzindo.

INQ: Que é depois que ele muda o casco?

INF: Digamos assim... ele muda o casco outubro e novembro. Em setembro, outubro e novembro, e a andada costuma andar janeiro, fevereiro e março.

INQ: E banha do caranguejo, o senhor já ouviu falar?

INF: A banha é... agora que eles tão engordando, cria aquela gordura.

INQ: Mas chama de banha?

INF: Gordura.

INQ: E come?

INF: Come que é uma beleza, é uma delícia.

INQ: E fel?

INF: Ele tem o fel dele que é o estômago dele.

INQ: Essa eu vi no jornal, defeso.

INF: Já vi essa coisa, mas quem tava com essas coisa é o pessoal da universidade que tava com uma história de indefeso porque tá proibido tirar.

INQ: O senhor já ouviu dizer assim, fulano tá andando pra trás que nem caranguejo?

INF: É porque caranguejo não anda pra frente e não anda pra trás, é só de banda pra cá.

INQ: E o senhor já ouviu alguém dizer pra outra pessoa?

INF: Já, já. Coisa assim ah rapá tu tá atrasado que nem caranguejo andando pra trás.

APÊNDICE 11 - Transcrição 10. Informante: JJSB, M, catador de caranguejo, 41 anos. Paço do Lumiar/MA, 21/3/2008.

INQ: Como é que se chama o lugar onde fica os caranguejo antes de tirar?

INF: Faro de Santana, Mamona, Axuí, Carrapatal...

INQ: Lá onde ficam os caranguejos mesmo, vocês têm algum nome pra eles?

INF: Na lama, dentro do mangue. Tem os igarapés, igarapé do poço, igarapé do fogão.

INQ: E como se chama a vegetação que se costuma crescer no lugar em que se tira o caranguejo?

INF: Planta é mesmo só mangue.

INQ: É tudo igual ou existem tipos de mangues diferentes?

INF: Tem o mangue vermelho, o tinteiro, a siribeira. O mangue vermelho é porque ele é diferente dos outros, ele é um pezão de árvore, têm as frutazinhas, tipo uma lapiseira que cai, com folha grande.

INQ: E o outro tipo que o senhor falou?

INF: A tinteira.

INQ: Como eu identifico?

INF: Eles bota uma frutazinha também e umas florzinha.

INQ: Que cor é a fruta?

INF: É verde.

INQ: E o outro que o senhor falou?

INF: É a siribeira. Siriba também tem aquela que bota as frutas, as folhazinhas.

INQ: A flor é maior ou menor?

INF: É maior.

INQ: Qual é a menor flor?

INF: A menor é a da siriba.

INQ: E altura deles é a mesma?

INF: Eles fica mais alto uns que os outros. Mas o que fica mais alto mesmo é o mangue vermelho.

INQ: Dá mais caranguejo perto de algum desse?

INF: Dá caranguejo.

INQ: Qual é o melhor pra dar caranguejo?

INF: O melhor é o mangue vermelho.

INQ: E como se chama o lugar onde os caranguejos se escondem?

INF: A gente chama casa do caranguejo.

INQ: Como o senhor chama quando o senhor vai tirar o caranguejo, o senhor diz que vai fazer o que?

INF: Nós chama tirar caranguejo.

INQ: Tem outro jeito além dizer?

INF: Não, só esse mesmo.

INQ: E como o senhor faz pra tirar o caranguejo?

INF: A gente se abaixa na boca do buraco e fura lá na frente com o pé, porque as vezes ele é cheio de curva.

INQ: O buraco que o senhor tá falando é a casa deles?

INF: É a casa deles.

INQ: O senhor fura pra que?

INF: Pra alcançar mais na frente eles, porque as vezes o buraco é fundo demais, as vezes torto aí fura lá na frente e mete o braço.

INQ: E o senhor fura com o que?

INF: Com o pé, mete o braço e agarra ele.

INQ: O senhor usa esse meião pra colocar no braço?
INF: É pra colocar no braço. Primeiro a gente trabalhava só descalço, mas agora a gente trabalha ensapatado.
INQ: E esse sapato é feito de que?
INF: É feito de pano.
INQ: E o senhor não usa nenhum instrumento nem nada?
INF: Têm os cofo.
INQ: E assim, algum ferro alguma coisa?
INF: Ferro a gente não usa não, só com a mão.
INQ: O senhor conhece algum ferro que alguém usa?
INF: Tem uns que tiram no gancho, quando é muito fundo tem uns que tiram do gancho, agora eu nunca tirei não.
INQ: Em um cofo desse tamanho o senhor consegue botar?
INF: Sessenta cambadas.
INQ: O que é a cambada?
INF: Cambada é três na cambada.
INQ: É três caranguejos amarrados chama de cambada?
INF: É.
INQ: E o senhor amarra esses caranguejos como que?
INF: Com nylon.
INQ: O que é o turu?
INF: Ele é uma caracazinha que nem um sarnabizinho de casca que entra no pé da gente que só falta varar
INQ: Como é que se chama isso que o senhor disse que botava?
INF: Luva.
INQ: E quando o senhor volta de tirar o caranguejo o senhor mesmo vende ou entrega pra alguém?
INF: Eu entrego, só pra chegar e entregar.
INQ: Como o senhor chama a sua profissão?
INF: Catador de caranguejo.
INQ: Assim como senhor chama a sua profissão de catador de caranguejo esse que recebe o caranguejo tem algum nome?
INF: É o passador, o atravessador.
INQ: Do que o caranguejo se alimenta?
INF: É da folha do mangue, do mangue vermelho, da siriba e da tinteira.
INQ: E o senhor sabe se as pessoas têm outro nome pra chamar o caranguejo, além de caranguejo chamam de outro nome?
INF: Não sei.
INQ: E como é que chama a fêmea do caranguejo?
INF: Candurua.
INQ: E o macho tem algum nome especial?
INF: O macho nós chama só de caranguejo.
INQ: Como é que identifica se o caranguejo é macho ou fêmea?
INF: A gente conhece logo no agarramento, que nem esse aqui.
INQ: Me diz por que ele é macho?
INF: Por causa dessa barriguinha dele, esse aqui é o macho porque é finhinha. A candurua ela é mais grossa, ela cobre isso aqui tudo.
INQ: E o filhote de caranguejo tem algum nome, quando ele tá pequenininho?
INF: Não, chama é o filhotezinho.
INQ: E como é que chama aquele caranguejo bem pequenininho branco que se encontra às vezes mar beira do mar?

INF: E o gauçá.

INQ: E alguém usa alguém tira aquele caranguejinho, ele não cresce mais do que aquilo?

INF: Aqui ninguém tira não. Aquele é o gauçá. Aquele ninguém tira não.

INF: E depois que o senhor pega o caranguejo qual é a primeira coisa que senhor faz?

INQ: E botar no cofo, chega na canoa a gente lava e embarca na canoa só vai amarrar quando chega aqui em terra.

INF: E quanto tempo o caranguejo vive?

INQ: Vive uns cinco dias. Lá a gente passa só dois dias trabalhando.

INF: E nesse tempo que o senhor tirou ele de lá bota alguma comida pra eles?

INQ: Não, não bota comida não. Todo tempo dentro do cofo ali, amarrando a boca do cofo.

INQ: E o cofo fica dentro do seco ou de um lugar molhado?

INF: Não, o cofo fica dentro da canoa, no seco.

INQ: E quando o caranguejo tá lá dentro do mangue o senhor sabe se ele vive muito tempo, se ele não for tirado de lá?

INF: Vive muito tempo.

INQ: Mas o senhor tem ideia de quanto tempo?

INF: Aí eu não tenho a ideia de quanto tempo.

INQ: E para o crescimento do caranguejo têm alguns períodos que vai dando algum nome?

INF: Todo ano ele muda de casco.

INQ: E como é que é isso, ele já tá mais ou menos com quanto tempo?

INF: Todo ano muda no mês de setembro, o casco, as unhas, muda tudinho. Ele entra lá no buraco, pra onde ele entra pra casa dele enche cheio de folha o buraco e tapa a boca, ali ele só sai quando tapa a boca.

INQ: Quando vocês passarem por um buraco cheio de folhas vocês já sabem?

INF: Não dá nem pra vê a boca tapada, porque quando ele enche de folha e entra fica só esse chão aqui. Eles vão e nesse dia eles não tiram nenhuma cambada porque não conseguem achar o buraco. Depois que ele mudam esse processo todinho dentro do buraco chaga o mês dele destapar aquela boca.

INQ: Esse período que vocês falaram de destapar é quando eles já estão como casco novo?

INF: É...o casco novo, mudado o casco. Nem presta pra pessoa trabalhar com ele, fica muito magro e aí eles morrem. Aí eles deixam passar mais uns meses pra poder pegar ele.

INQ: O mesmo caranguejo muda de casco mais de uma vez?

INF: Muda, muda todo ano. Embora a gente não tire, ele muda o casco todo ano.

INQ: E sempre na mesma época que eles mudam o casco?

INF: É sempre a mesma época, setembro e outubro.

INQ: Ele leva muito tempo pra mudar?

INF: É um mês.

INQ: O senhor tem ideia mais ou menos de quanto tempo que ele nasce até mudar o casco, quanto tempo passa?

INF: Acho que quando ele tá grandinho ele muda também o casco, quando ele tá meio grande.

INQ: E qual é a melhor época pra se pegar o caranguejo aqui?

INF: Aqui a melhor época é de setembro pra outubro até novembro e dezembro, de dezembro em diante ele já vai afundando. Vai de outubro até dezembro porque janeiro é a época que eles tão andando.

INQ: E o quer dizer época que ele já anda?

INF: É quando eles vão brincar.

INQ: O que é brincar?

INF: E quando eles saem tudinho do buraco e vai pra beira da maré, o IBAMA proíbe.

INQ: E porque o IBAMA proíbe?

INF: É porque eles tão viçando.

INQ: Então o IBAMA proíbe dois períodos no ano?

INF: É, mas nesse período eles só proibiram na andata.

INQ: E qual o período em que tem mais caranguejo?

INF: É em setembro, destapação de setembro pra outubro, período que muda o casco.

INQ: E a época que as fêmeas do caranguejo têm os filhotes?

INF: Acho que é depois do período que eles andam. Ela vai pra dentro reproduzir eles. A gente tira a fêmea e ela tá ovadinha aí a gente solta.

INQ: Agora eu queria que tu me dissesse como se chama cada parte do caranguejo, essa parte da frente aqui é a barriga, aqui que cobre tudo é o?

INF: Casco.

INQ: Tem mais outro nome além de casco?

INF: Não, que eu sei não.

INQ: E esses dois aqui?

INF: Esse aqui é os olhos dele.

INQ: E essa?

INF: Aí é a pata dele, a unha que a gente chama pata.

INQ: Mas o senhor falou unha e pata, tem alguma diferença entre unha e pata ou unha e pata é a mesma coisa?

INF: É a mesma coisa.

INQ: Então unha é a mais fininha?

INF: É, e a pata é essa maior. Quando quebra a pata no buraco a gente não pega não porque torna a nascer de novo.

INQ: Então a unha que a senhora tá falando é essa bem fininha?

INF: É, essa bem fininha porque quando a gente pega a primeira coisa que ele faz é furar mesmo.

INQ: A pata tem uma maior e outra menor, tem algum nome diferente?

INF: Não, só a pata mesmo. De vez em quando a gente chama de unha minguim dele.

INQ: Como é que chama?

INF: Unha minguim.

INQ: E como é que se chama o caranguejo que tem as patas finas e do mesmo tamanho?

INF: Tem umas que são diferentes, tem caranguejo que tem as duas finas que a gente chama de caranguejo canhoto que as duas patas dele são secas.

INQ: E acontece algum acidente assim quando vocês estão pegando o caranguejo?

INF: É difícil a gente se adoecer.

INQ: A gente diz que ele morde é?

INF: É com essa aqui.

INQ: A pata grande?

INF: Com todas duas.

INQ: O turu tá agarrado onde?

INF: Nos pauzinhos velho, podre na lama e no pé de árvore mesmo quando ela tá velha e que quebra os troncos, eles ficam ali naquelas árvores.

INQ: A gente viu a parte de fora do caranguejo, e dentro. Pra abrir esse casco eu tenho que tirar a barriga, depois eu tiro a barriga dentro eu tenho o que, como eu chamo cada parte do caranguejo?

INF: A gente chama os peito dele, os peito do caranguejo.

INQ: E pra trazer o caranguejo de lá pra cá o senhor disse que tem que trazer no cofo. E lá o senhor via botando de um a um sem amarrar sem nada, E pra matar o caranguejo, como é que se faz?

INF: Mete a faca bem na barriga dele aqui, no estômago dele aqui, esse peito dele aqui, mete a faca e mata ele, quando não o caboco joga ele dentro só que ele sai escaxelado assim, quebra bem no meio pra cozinhar.

INQ: E em que se cozinha o caranguejo tem alguma panela?

INF: Tem uma panela.

INQ: Mas tem algum nome pra essa panela?

INF: É só mesmo panela.

INQ: E quanto tempo pra cozinhar o caranguejo?

INF: É meia hora.

INQ: E a parte do caranguejo que a gente come?

INF: É o peito, as unha, as pata, ainda comem aquela gordurinha que tem dentro do casco.

INQ: E quando a gente tira o peito tem umas coisas dentro deles?

INF: É a guelra dele, isso que é a guelra dele dentro do casco.

INQ: E como é que se faz pra tirar a carne do caranguejo?

INF: Quebra ele e sai tudinho, quebra essas unhas tudinho.

INQ: Mas precisa de alguma coisa pra tirar ou é só com a mão mesmo?

INF: Com a mão, quebre com um pauzinho aí a gente vai quebrando com essa parte da unha, tira esse casco, vai quebrando essa perna dele, aí quebra as patas aí vai tirando a carne e vai botando numa vasilha. O peito a gente quebra também, tira assim com a colher aquela parte de cima, que fica mais fácil pra gente ir tirando a carne. Aí são dez cambadas de caranguejo é um quilo.

INQ: E uma parte escura, não tem uma parte escura do caranguejo?

INF: Que é a gordura, essa tem gente que come e tem gente que já não come, só come mesmo a partes das unhas, dos pés, do peito e da pata.

INQ: E tem uma parte que a pessoa diz que fica amarga?

INF: Pois é, essa aí, que é o fel dele, o felzinho dele que amarga.

INQ: E como é que o senhor conserva o caranguejo quando tira ele assim?

INF: A gente coloca na geladeira.

INQ: Ele dura quanto tempo?

INF: Ele dura até mês, se a pessoa não usar logo ele pra fazer alguma torta, algum mexido, alguma coisa.

INQ: Aí o senhor falou da questão do caranguejo que faz a cambada pra ser vendido, que junta três, amarra... e que o senhor usa pra amarrar um pedaço de nylon. Cada grupinho desses o senhor chama de cambada?

INF: Cambada.

INQ: E se junta?

INF: Junta, cinco em cinco e amarra aquela cinco, amarra outras cinco e amarra aquelas dez e em camba.

INQ: E quando o senhor junta os cinco o senhor dá algum outro nome?

INF: Não, só chamo de emcambar.

INQ: E o senhor sabe de alguma lenda, alguma história de alguma cantiga que esteja relacionada com o caranguejo?

INF: Eu não sei não.

INQ: E pra tirar a carne do caranguejo é mais homem ou mulher?

INF: É mais mulher.

INQ: E festa, o senhor conhece alguma festa que tenha relação com o caranguejo?

INF: Tem um festejo todo ano.

INQ: Como é que é?

INF: E no mês de janeiro.

INQ: Por que pensaram em janeiro?

INF: Acho que por causa da chuva que ela é logo no comecinho do inverno.

INQ: E o que acontece nesse festival?

INF: E só os sócios mesmo, eles que organizam.

INQ: Mas se eu quiser entrar na festa eu posso?

INF: Entra, entra, pode entrar.

INQ: A gente falou que tem um período de tirar o caranguejo que é proibido pelo IBAMA, a gente dá algum nome pra ele?

INF: Não, é só dizer que tá proibido.

INQ: O que eles chamam de defeso?

INF: É quando o caranguejo tá andando.

INQ: E andada vocês já usam por aqui, conhecem?

INF: Andada que eles falam é quando o caranguejo tá andando. Acho que esse defeso que você tá falando é quando ele tá no buraco, entupido.

INQ: E banha do caranguejo?

INF: É a gordura.

INQ: E fel?

INF: É o que fica dentro que ninguém come.

INQ: E você já ouviram dizer assim andar pra trás feito caranguejo?

INF: Já

INQ: E quando é que as pessoas usam isso?

INF: É alguma coisa que ele não consegue, vai fazer alguma coisa e não dá certo.

INQ: Para os homens a gente diz que é catador e para as mulheres que quebram o caranguejo?

INF: Por aqui eu ainda não sei, não.

INQ: Se perguntarem qual tipo de caranguejo vocês tiram?

INF: Aqui é o caranguejo amarelo. O amarelo você cozinha e ele fica vermelhinho.

APÊNDICE 12 - Transcrição 11. Informante: RF, M, catador de caranguejo, 50 anos. Paço do Lumiar/MA, 21/3/2008.

INF: A carangueja é o seguinte... ela não desova dentro do buraco, ele desova fora, isso é uma realidade de você olhar uma carangueja ovada. Ela chega no pé do mangue, ela cava ali e encosta o bucho dela se alevanta tudinho e solta aqueles ovinhos e fecha e cobre de novo. Isso aí...ela faz isso quando a maré tá chegando no pé do mangueiro, ela deixa lá, mas vez uns maus elementos que é o baiacu, o bagre que se tiver cinco mil caranguejo o baiacu come mil, o bagre vai e come dois mil nada, nada fica uns três, esse três mil que sai dali depois que...ele é bem miudinho, depois que ele sai fora lá vem outro que torna comer, quando eles sai eles se escode nos buracozinho, realmente onde eles têm que se meter, porque eles ficam miúdo. Mas é que com quem cria galinha, no meio disso morre quatro mil e fica mil, e ele mina, porque ele também tem a minação no buraco, se você metê o braço hoje aqui tirou o caranguejo e ficou limpo daqui a quinze dias pode vim que tem dois, tem o casal. Então o caranguejo é desse ponto, ele mina e produz, ele não é só na base da produção, porque se for só na base da produção ele não dá dinheiro.

INQ: Do que o caranguejo se alimenta, o que ele come?

INF: A folha do mangue.

INQ: E só isso que ele come?

INF: Sendo da folha que cai ele fica na lama bem encostado dentro da boca do buraco dele ali, só ficam tirano aquela lama mais durinha, cai as folhas e eles aproveitam, mas a comida deles é essa.

INQ: E como chama o lugar onde os caranguejos ficam antes da pessoa tirar?

INF: Digamos tem o mangue tem o apicum.

INQ: O apicum é um lugar?

INF: É justamente um outro tipo de mangue. Porque o mangue, tem o mangue vermelho onde eles se localiza mais.

INQ: Como é o mangue vermelho?

INF: O mangue vermelho ele é esse aqui. Então esse aqui e o mangue enraizado, eles se socam debaixo justamente pros elementos não vim buscar ele, se localiza mais ali. E tem o apicum que o mangue é mais baixo e limpo, esse é mais fácil da pessoa pegar ele porque ele é mais limpo e tem condições de pegar ele, eles só entra no buraco bem encostadinho do pau que eles possa fazer algum desvio lá que a gente mete o braço de um lado pro outro e não consigo agarrar ele. E tem também o paú, o paú ele faz o buraco aqui, você chega faz o buraco, mas ele não tá aí você vai aqui por baixo daquele chega lá na frente ele desce. Porque o paú só presta se for pra ticar de enxada, enxadeco, cavador pra poder cortar pra ir buscar ele. Então são os três tipos de mangues onde eles ficam.

INQ: Paú então é um tipo de mangue?

INF: É o piso, é o tipo do piso que é duro e a gente pisa e não afunda. E onde é o mangue mesmo que nem esse daqui ele já afunda.

INQ: Qual é o tipo de mangue que dá esse tipo de piso?

INF: É o siriiba. E tem esse aqui o mangue vermelho e a tinteira que dá no outro tipo de piso que é o apicum. Aí ele dá, mas já é mais pouco por casa da raiz que é diferente, as raízes já não são como a raiz do mangue. O da apicum é justamente o que eles não conseguem ficar muito por causa das raízes, lá onde eles acharem a lama mais pouca é que eles ficam não é lama dura e não é mole é só porque é cheia de pico assim aí a gente não pode pisar aí ele não faz buraco suficiente aonde é garrado mais mesmo é no mangue vermelho.

INQ: E como é que se chama o lugar em que os caranguejos se escondem?

INF: Buraco.

INQ: Tem algum outro nome?

INF: Não, aqui nós só chamamos de buraco. Tem uns que chama toca, mas acho que toca não deve ser uma coisa que seja pro fundo. Porque toca que nós chama aqui é toca de um paca, de uma cotia.

INQ: E esses buracos são muito fundos?

INF: É no máximo de um metro.

INQ: Quando o senhor ia o senhor dizia que ia fazer o que?

INF: Tirar caranguejo.

INQ: Chama de outro jeito?

INF: Não, aqui nós chamamos assim.

INQ: E como é que se faz pra tirar caranguejo?

INF: Aí você tem que fazer o seguinte, porque o caranguejo só trabalha pelo ritmo do sol. Porque o caranguejo se dá seis da manhã pra cá, ele só entra de um jeito no buraco, se ele entrar de outro jeito ele te morde porque essa presa tá bem aqui. Aí seis da manhã o sol vai subindo e ele vai rolando também, quando dá doze horas ele tá com essa presa aqui pra dentro, a maior e essa aqui pra baixo e você agarra aqui dentro. A menor ele usa pra comer e a maior pra trabalho, pra fazer o buraco.

INQ: E pra tirar o caranguejo usa alguma roupa especial?

INF: Na época em que eu trabalhava não tinha, nós levava era tudo.

INQ: O que é dedeira?

INF: Os saquinho que eles faz de pano, coloca nos dedos tudinho e cola as luva pra amarrá aqui e pronto e mete no braço. Eles pega camisa de manga comprida, quando não é manga comprida é um meião, dos meião eles furam e coloca a dedeira aqui aí todo tempo tem que ficá amarrada aqui o fio ela aqui faz o saco amarra pra não sai porque pra tá só com a luva não presta e o sapato de pano.

INQ: E na sua época não existia isso, ia como, descalço?

INF: Era descalço, pegava cada corte nos pé!

INQ: E usa algum ferro pra pegar caranguejo?

INF: Não, nesse ponto que a gente tá falando sobre esse mangue não existe. Agora se for pro paú, se o cara se dedicar...quer dizê que você não de se dedicar se não for fazer o buraco. Por exemplo, se nesse mangue eu tirá duzentas cambadas de caranguejo no outro eu vou tirá dez.

INQ: E o senhor quando cava, cava com o que?

INF: Cava com o charche, o cara vai diretamente lá pra aquele mangue, quando ele sabe que vai trabalhá naquele mangue ele leva e trabalha direto.

INQ: O charche é como?

INF: Ele é um ferro que até nego trabalha em roça que tem um pauzinho aqui, faz um buraco assim, como se fosse uma pá, uma colher digamos, mas só que o cabo não é assim feito uma colher, ele é reto aí você cava no buraco em que ele tá, mete a mão, mete o pé, traz com o pé porque com o braço.

INQ: E a pessoa que trabalha fazendo, que faz esse tipo de trabalho na sua época chamava de que?

INF: É o mesmo nome caranguejeiro.

INQ: E existe um outro nome pra caranguejeiro, o senhor sabe outro nome para os caranguejos?

INF: Que eu saiba não existe. Existe só outro caranguejo fora ele que é o caranguejo guaiamum.

INQ: E esse aqui eles chamam como?

INF: Esse aqui é o caranguejo legitimo, chamam só caranguejo.

INQ: E o guaiamum, como é que é?

INF: Mesmo sentido desses, só que ele é maior e azul ele só dá na beira da barreira que pertence terra e mar, maré é só onde ele dá.

INQ: E como é que se chama a fêmea do caranguejo?

INF: Condurua.

INQ: E tem outro nome que as pessoas usam?

INF: É a carangueja, mas a gente só chama condurua.

INQ: E o macho recebe algum nome em especial?

INF: Não.

INQ: E para o filhote do caranguejo?

INF: Caranguejinho.

INQ: E aquele caranguejinho pequenininho que a gente olha correndo na praia?

INF: Aquele é diferente, aquele é chama maré, só existe no lavado mesmo ele não cresce mais do que aquilo.

INQ: E o branquinho um pouquinho menor?

INF: Tem o guajá que fica debaixo das pedras, ele também é pequeno.

INQ: Esse come?

INF: Tem gente que come. Tem a outra também que se chama patona, ela é vermelha, preta, azul que ela fica no mangue também essa também ninguém usa ela porque não pode pegá.

INQ: Mas porque ninguém pode pegar esse?

INF: Porque ela é muito ligeira, é rápido e só anda no mangue ela não vai pra lama.

INQ: E depois que o senhor tira o caranguejo qual é a primeira coisa que o senhor faz?

INF: Tirou, pegou o caranguejo botou no cofo, chegou, tirou do cofo, botou debaixo dos pés pra amarrá, tem que ser amarrado, depois lava, embalou .

INQ: Com que senhor amarrava na sua época?

INF: Com a embira e buriti ou de tucum.

INQ: E amarrava quantos caranguejos?

INF: Três, só amarra quatro quando é miúdo.

INQ: E esse amarrado de três vocês chama como?

INF: E cambada.

INQ: Tem algum outro nome?

INF: Tem uns que chama penca, mas eu não porque acho que cambada é melhor do que a penca.

INQ: E quanto tempo o caranguejo vive lá no mangue, se não for tirado de lá?

INF: Se a senhora tirar o caranguejo agora, colocar dentro do cofo e se tiver bem carcado de caranguejo ele vai durá de hoje quarta feira até sexta. Mas se o cofo tiver meio cofo de caranguejo, se a senhora tirar agora você tem que usar segunda feira.

INQ: Por quê?

INF: Porque ele morre

INQ: Enquanto ele tá lá bota alguma comida ele?

INF: Nada, nada.

INQ: Nem água?

INF: Só dentro d'água pra dá uma lavagem nele.

INQ: E no mangue o senhor tem ideia se ele vive muito?

INF: É o seguinte, se o homem não mexer com ele e o guaxelo também não ir lá, porque tem o guaxelo, tem o macaco se não for atrás dele, ele é caranguejo pra chegar até dois anos.

INQ: E o que é o guaxelo?

INF: E que nem um cachorro, mesmo sentido de um cachorro.

INQ: E nesses dois anos que ele vive no mangue qual é os período que ele vai vivendo?

INF: Digamos que ele nasceu hoje então de hoje até setembro, começar a entrar de setembro pra lá ele vai mudar aquele casco, lá dentro ele vem tapa o buraco, deixa zerado pra maré não entrá e ele entra aí ele muda. Então ele muda, tudo dele fica mole, essa parte aqui aí ele cria um leite, a carne dele vira só um leite aí não tem condições da pessoa tirar ele, se tirar ele morre, arranca tudo. Aí durante esses dois anos ele tem que fazer quatro muda.

INQ: Então no ano ele muda duas vezes?

INF: Não uma vez, justamente no mês de setembro, outubro eles tão mudando.

INQ: Esse período em que ele muda o casco ele tem algum nome?

INF: Não.

INQ: E qual é o melhor período pra pegar o caranguejo?

INF: É o mês de março porque ele já fez a andada.

INQ: E o que é andada?

INF: É quando ele anda, são três maré, são três água, são as águas de lua. Eles brincam pelo carnaval também e nessa brincadeira nego vai e agarra, aproveita pra agarrar ele porque tá mais fácil. Eles brincam a primeira e a segunda água, na terceira que vai brincar é as fêmeas, porque justamente elas não pode brincar com eles, porque se brincar junto com elas, eles matam elas.

INQ: E o que é essa primeira água que o senhor chama?

INF: É a maré, é a maré de lua é a força da maré que faz eles saí. Aí brinca as primeiras águas aí nego espera, aí tem a outra ele tornam a sair de novo e agora no outro mês é as conduras que sai, que dão nome de lavagem, porque elas vão se lavar aí você acha elas na beira da praia. Aí quando termina tudo isso, vocês vão no buraco e lá estão os dois, aí ele entra é o primeiro que vai pro buraco e ela via depois que termina a andada dela, ela vai pro buraco onde ele tá aí é o ocasião deles produzir.

INQ: E tem algum nome depois disso que a fêmea faz?

INF: Não.

INQ: E quanto tempo ela leva para o filhote nascer?

INF: Porque ela cria aquela ova e levanta os pés todinho e encosta no chão. Ela sai do buraco e vem de banda e chega e entra no mangueiro e solta isso daqui dela tudinho, tem umas que até morre porque nem chega a descer no buraco, não dá tempo.

INQ: E o período que é proibido pegar o caranguejo?

INF: É justamente essas andadas aqui.

INQ: E as partes do caranguejo como é que chamam?

INF: Esse daqui é o casco dele e esse aqui é o peito dele, e tem as duas patas que chama presa maior e presa menor.

INQ: E essas aqui fininhas?

INF: Essas são as pernas dele.

INQ: E o que eles chamam de unha?

INF: É justamente essas daqui, as fininhas.

INQ: E essa pontinha tem algum nome?

INF: É a unha dele.

INQ: E para essa... pra essa presa se dá algum nome especial ou só diz a presa maior?

INF: A presa maior mesmo. Porque tem uns que são igual, muitos dizem que são perna seca. Perna seca porque, tanto esse daqui como ele dali são do mesmo tamanho.

INQ: Então perna seca é quando essas aqui são iguais?

INF: É...são igual.

INQ: E essa parte aqui como que se chama?

INF: Esse é o olho.

INQ: E esse aqui?

INF: A boca.

INQ: E dentro, e as parte de dentro como é que chama?

INF: Aqui é que é a boca dele, que essa perna aqui recebe a comida. Bem aqui dentro tem o fel, é o que ele tem só.

INQ: Se como o fel?

INF: Come, ele é bom. Tem gente que gosta.

INQ: E de que cor o fel?

INF: É preto.

INQ: E a parte de dentro, eles têm duas partezinhas aqui que solta, tem algum nome pra essa parte?

INF: Não.

INQ: E fácil de identificar a fêmea do macho?

INF: A fêmea é menor e essa parte aqui é redonda.

INQ: E na sua época costumava acontecer muitos acidentes quando as pessoas iam tirar caranguejo?

INF: Acidente nunca deixa de acontecer, porque tem um bocado de coisa perigosa dentro do mangue, tem ostra, tem turu e a pessoa quando entra com o cofo seco, não é nem quando entra, é vim de lá com o cofo pesado de lama e tudo dentro. Se corta com ostra tudo bem, mas se for turu vem rasgando que nem trator com aquela carne e com tudo dentro.

INQ: E na sua época como era?

INF: Nós trazia o caranguejo, nós amarrava torrava ele e levava.

INQ: O senhor não passava pra outra pessoa pra vender?

INF: Não.

INQ: E esse de hoje que recebe o caranguejo pra vender como é que chama?

INF: Atravessador.

INQ: E como é que se faz pra matar o caranguejo, se a pessoa quiser matar?

INF: Tem dois tipos de matar ele, tem furado, mete a faca nele aqui justamente pra pegar o fel e se não quiser pega essa duas banda e quebra no meio e ele morre.

INQ: Tem algum tipo de vasilha especial?

INF: Não, qualquer uma.

INQ: Mas normalmente as pessoas chamam de que?

INF: De panela.

INQ: E quanto tempo leva pra cozinhar?

INF: Aí é o seguinte, se deixar pra cozinhar demais ele seca. Aí você vai quebrar essa perna dele aqui a não consegue comer pra não quebrar tudo. Então se você deixar pra cozinhar no normal dele tudo e marca no fogo dez minuto, se a senhora colocar três cambada de caranguejo e cobrir ele, aquela espuma subiu e você baixou o fogo, a espuma baixou e você olhou o casco tando vermenlho poder tirar que já dá pra senhora comer. Até porque ele não tem sangue, então a água cozinhou ele aqui e quebra aqui então você aproveita tudo.

INQ: E essa parte que se come chama de que?

INF: É a carne.

INQ: E tem outro nome?

INF: Não

INQ: E na sua época tinha muita gente que tirava a carne?

INF: Não, nessa época não existia.

INQ: E lá no mangue é mais uma atividade de homem?

INF: É, geralmente vão doze, quinze.

INQ: E os homens costumam tirar a carne ou é mais uma atividade pra mulher?

INF: É mais pra mulher.

INQ: E pra tirar a carne precisa de algum instrumento?

INF: Aí tem uns que tira com o garfo, mas eu não deixo cozinhar muito não pra não ficar duro.

INQ: Além dessa carne que o senhor falou, tem ainda a carne dentro?

INF: Tem as carnes do peito dele que tira tudinho, porque não pode estragar.

INQ: E a parte escura?

INF: Tem a parte que tô lhe falando que é a parte do fel.

INQ: O senhor disse que há pessoas comem essa parte.

INF: É.

INQ: E dá pra conservar a carne do caranguejo, tirando?

INF: Tando tirada e botando na geladeira dá pra conservar, não estraga não.

INQ: Pra vir de lá ele vem desamarrado, chegando aqui ele é amarrado em cambadas, mas é desse mesmo jeito que ele chaga na feira?

INF: É do mesmo jeitinho. Tem uns levam o cofo porque às vezes não dá tempo.

INQ: E festa, existe alguma festa relacionada com o caranguejo?

INF: A festa aqui é considerada, vinte mil cambada de caranguejo.

INQ: Chamam como a festa?

INF: Festival do caranguejo.

INQ: O senhor tem mais ou menos a ideia de como começou?

INF: De vinte e dois anos

INQ: É em que mês?

INF: É em janeiro, sempre em janeiro.

INQ: E dura quanto tempo?

INF: Começa sábado, domingo, segunda, terça e quarta feira é o resto.

INQ: E é nessa que servem o caranguejo de graça?

INF: Dizem que é de graça, mas na hora sai caro.

INQ: E o período que é proibido tirar caranguejo tem algum nome em especial?

INF: Não, é só quando chega o período das andadas dele e no tempo em que ele tá mudando.

INQ: E o senhor já ouviu essas palavras caranguejo canhoto?

INF: É esse que justamente que lhe falei, aqui é o direito e aqui é o esquerdo e o canhoto tem essa perna dele pra cá e ele é quase igual.

INQ: E banha do caranguejo?

INF: Tem, é uma gordura.

INQ: E a pessoa come?

INF: Come, chega lava o casco. Porque quando ele tá cozido a gente abre ele, fica no casco a gordura todinha, e essa gordura a gente come com o arroz quentinho. Por isso é bom quando você for comer o caranguejo não matar ele, não furar por causa disso, porque se você furar ele na hora que tiver cozinhando sai a gordura todinha, vai embora por causa da água.

INQ: E o senhor já ouviu essa expressão andar pra trás feito caranguejo?

INF: Eu sou um desses, porque eu saí daqui fui pralí e voltei pra cá de novo. E o caranguejo ele não anda pra trás. E o caranguejo ele só anda de um jeito.

INQ: Como é que ele anda?

INF: Primeiro é o seguinte ele anda assim e assim, pro lado e pro outro. Mas ele anda mais é pra esse sentido aqui. Mais pro lado.

INQ: E quando a pessoa diz andar pra trás feito caranguejo, quer dizer que a pessoa tá fazendo o que?

INF: Tá servindo de besta igual ele, vai pra lá e pra cá. Só vai pra trás, não vai pra frente.

APÊNDICE 13 - Transcrição 12. Informante: RSC, M, vendedor de caranguejo, 28 anos. São Luís/MA.

- INQ: Como se chama o lugar onde ficam os caranguejos antes que serem pegos?
INF: No mangue.
INQ: Tem algum oféutro nome?
INF: Não, só mangue mesmo.
INQ: Como se chama vegetação que costuma crescer onde se pega o caranguejo?
INF: Que eu saiba só mangue mesmo.
INQ: Tem alguma planta lá com algum nome especial?
INF: Conheço mesmo só mangue.
INQ: Como é que você chama o lugar onde o caranguejo se esconde?
INF: Toca.
INQ: Tem algum outro nome?
INF: Buraco que a gente chama.
INQ: Como que você chama o ato de pegar o caranguejo?
INF: Tirar.
INQ: Tem algum outro nome?
INF: Não, que eu saiba não. A gente chama mais é tirar.
INQ: Para pegar o caranguejo você usa alguma roupa ou instrumento especial?
INF: Só uma luva mesmo.
INQ: De que é feita essa luva?
INF: Luva de pano.
INQ: Que tipo de pano é esse?
INF: É pano fino, pano fininho.
INQ: Que nome se dá a pessoa que trabalha pegando o caranguejo?
INF: Caranguejeiro.
INQ: Tem algum outro nome?
INF: Não.
INQ: Você sabe se o caranguejo é conhecido por outro nome?
INF: Não.
INQ: E a fêmea do caranguejo como é que se chama?
INF: Candurua.
INQ: Tem algum outro nome?
INF: Não, que eu saiba não.
INQ: O macho recebe algum outro nome especial?
INF: Não.
INQ: O filhote do caranguejo recebe algum nome especial?
INF: Também não.
INQ: Depois que você pega o caranguejo qual é a primeira coisa que você faz?
INF: Bota no cofo.
INQ: De que é feito esse cofo?
INF: De palha.
INQ: Essa palha tira de onde?
INF: Não sei.
INQ: Quanto tempo o caranguejo vive?
INF: Três, quatro dias.
INQ: E lá dentro tu sabes?
INF: Lá dura muito tempo.
INQ: Quais são as fases de crescimento do caranguejo?
INF: Não sei.

INQ: Qual é a melhor época para se pegar o caranguejo?
INF: Eu acho que é quando ele tá andando.
INQ: Mas que época é essa, tem algum nome?
INF: Só anda por carnaval.
INQ: E como se chama a época em que há mais caranguejo no mangue?
INF: Eu não sei, só sei quando ele tá andando mesmo.
INQ: Como se chama a época em que as fêmeas têm os seus filhotes?
INF: Chamam a época da produção.
INQ: Tem algum outro nome que se usa?
INF: Não, que eu saiba não.
INQ: Há alguma época em que se é proibido pegar o caranguejo?
INF: Tem
INQ: Qual é essa época?
INF: A época proibida é três que eles tão proibindo, janeiro, fevereiro e março.
INQ: O que acontece nesses três meses?
INF: Eles só estão proibindo sete dias em cada mês.
INQ: E essa época que é proibida vocês dão algum nome?
INF: Não, só sabe que tá proibido mesmo.
INQ: E como se chamam as partes do caranguejo?
INF: A gente chama casco, as unhas, peito.
INQ: O que é a casca?
INF: É o casco que a gente chama de casca.
INQ: E a pata é o que?
INF: É essas patas grandes assim do lado e as unhas é a bem pequenininha, as fininhas.
INQ: Como é que você chama os caranguejo que tem as patas finas e do mesmo tamanho?
INF: É os que têm as patas igual, uns chamam de caranguejo canhoto outros de caranguejo parido. Mas o nome mesmo é caranguejo canhoto.
INQ: Quem é que chama de caranguejo parido?
INF: Os brancos, os barão conhecem mais por caranguejo parido.
INQ: E as pessoas procuram esses caranguejos parido?
INF: Não, quando eles olham nas cambada aquelas patas finas ele dizem que é caranguejo parido.
INQ: Existem outros nomes para essas partes do caranguejo além desse que tu me disseste?
INF: Não.
INQ: Que tipo de acidente em geral acontece quando se está pegando o caranguejo?
INF: Só de o caranguejo morder a gente.
INQ: E a quem que se entrega o caranguejo?
INF: Vendedor, eu sou comprador e vendedor.
INQ: E como se faz para matar o caranguejo?
INF: É só furam debaixo dele ou então no olho dele. O ponto fraco dele é embaixo, no umbigo.
INQ: Em que se cozinha o caranguejo?
INF: Bota na água quente.
INQ: Passa quanto tempo lá dentro?
INF: Uns dez minutos.
INQ: Como é que se chama a parte do caranguejo que se come?
INF: As unhas, os peitos...

INQ: Que nome se dá a pessoa que trabalha tirando o caranguejo?

INF: A gente chama de tirador

INQ: Tem algum outro nome?

INF: Não, não.

INQ: E como se chama a parte escura que fica dentro do caranguejo?

INF: Tem banha, o caranguejo tem banha.

INQ: Se come essa parte, a banha?

INF: A banha come.

INQ: Como é que se conserva essa parte branca comestível?

INF: Essa parte branca fica no casco dele, tira com a colher, fica na casca dele.

INQ: Mas aquela partezinha branca que tem no caranguejo que tem na pata e nas outras partes?

INF: A carne do caranguejo.

INQ: E como os caranguejos são arrumando para serem vendidos?

INF: A gente faz as cambada.

INQ: Como é que é essas cambadas?

INF: A cambada é com três caranguejos.

INQ: Pode ter mais?

INF: Bora de cinco cambadas, de dez cambadas.

INQ: E tu conheces alguma lenda, alguma história, alguma música com relação ao caranguejo?

INF: Não

INQ: E há alguma festa relacionada ao caranguejo?

INF: Só o festival do caranguejo que tem aqui.

INQ: Qual é o período que acontece?

INF: Janeiro.

INQ: A festa tem algum outro nome em especial?

INF: Acho que não.

INQ: E como se chama a época em que é proibido tirar o caranguejo?

INF: A gente diz que é o tempo da desova.

INQ: Quando é que acontece a desova?

INF: É três meses janeiro, fevereiro e março.

INQ: Tu conheces essas palavras ou expressões ligadas ao caranguejo, caranguejo canhoto?

INF: A gente só chama de caranguejo canhoto só.

INQ: O que é o caranguejo canhoto?

INF: É o caranguejo que tem as duas patas iguais

INQ: Andada, o que a andada?

INF: É quando ele tá andando.

INQ: E banha do caranguejo?

INF: A banha é o que tem dentro do casco.

INQ: O fel?

INF: É o que tem dentro dele também

INQ: E andar para trás feito caranguejo?

INF: É que o caranguejo anda pra trás mesmo.

APÊNDICE 14 - Transcrição 13. Informante: JFS, M, catador de caranguejo, 43 anos. São Luís/MA.

INQ: Como se chama o lugar onde se pegam os caranguejos?

INF: Ilhas dos caranguejos.

INQ: Mas tem algum nome... o lugar lá... o ambiente...

INF: Tem os igarapés que tem os nomes e a gente ia pegar lá.

INQ: E o que é isso?

INF: Igarapé é isso aqui, desse tipo.

INQ: É lá que tem o caranguejo?

INF: É.

INQ: E como se chama a vegetação que costuma crescer no lugar onde se pega o caranguejo?

INF: Essa pergunta aí eu não sei lhe responder.

INQ: E como se chama o lugar em que os caranguejos se escondem?

INF: Se chama buraco.

INQ: E como é que você chama o ato de pegar caranguejo?

INF: Tirar caranguejo.

INQ: E como você faz pra tirar o caranguejo?

INF: A gente coloca uma luva daqui até aqui e coloca a mão no buraco.

INQ: Essa luva é de que?

INF: De pano.

INQ: E qual é o tipo de pano?

INF: É tipo uma malha, tipo lycra.

INQ: E para pegar o caranguejo você utiliza alguma roupa, algum instrumento especial?

INF: A gente usa, a gente faz um sapato de pano pra proteger os pés, veste uma calça.

INQ: Por que vocês usam sapatos de pano?

INF: Pro mode do pau podre no fundo do barco não ferí o pé.

INQ: E que nome se dá para a pessoa que trabalha pegando o caranguejo lá no igarapé?

INF: Caranguejeiro.

INQ: Você sabe se o caranguejo é conhecido por outro nome?

INF: Ainda não.

INQ: E a fêmea do caranguejo como é que se chama?

INF: Fêmea mesmo.

INQ: O Macho recebe algum nome especial?

INF: Não, que eu conheça não.

INQ: O filhote do caranguejo recebe algum nome especial?

INF: O caranguejinho miúdo.

INQ: Depois que você pega o caranguejo qual é a primeira coisa que você faz?

INF: Colocar ele no cofo.

INQ: De que é feito o cofo?

INF: De palha

INQ: Palha de que, tem algum nome especial?

INF: Palha da palmeira.

INQ: E quanto tempo o caranguejo vive?

INF: A gente traz ele e ele passa até oito dias no cofo. Sempre morre, mas nunca morre todo.

INQ: E no Igarapé?

- INF: Aí no igarapé a gente não tem uma ideia de quanto tempo ele vive.
- INQ: Quais são as fases de crescimento do caranguejo?
- INF: Não, nós não temos o reconhecimento de um outro nome quando ele tá crescendo.
- INQ: E como é que o senhor chama?
- INF: Caranguejo miúdo.
- INQ: Caranguejo miúdo é o que?
- INF: Quando ele tá pequeno.
- INQ: E quando ele tá maiorzinho tem algum nome pra ele?
- INF: Não. Quando ele tá no ponto a gente já chama normal mesmo.
- INQ: E qual é a melhor época para se pegar caranguejo?
- INF: E de novembro até o mês de março.
- INQ: Por que, Seu F., essa é a melhor época?
- INF: É porque tá na época dele.
- INQ: E tem algum nome essa época dele?
- INF: A gente diz que o caranguejo tá novo, diz que ele mudou o casco, ele muda pra crescer.
- INQ: E como é esse casco?
- INF: É essa casca dele escura que ele tem, muda, sai molinho.
- INQ: E como é que se chama a época em que há mais caranguejo no igarapé?
- INF: Por enquanto a gente só reconhece pela época do caranguejo.
- INQ: E como se chama a época quem que as fêmeas têm os seus filhotes?
- INF: Olha nós ainda não temos um conhecimento de um nome adequado.
- INQ: Há alguma época em que é proibido pegar o caranguejo?
- INF: Tem, é na época em que ele tá brincando o carnaval aí o IBAMA proíbe.
- INQ: E tem algum nome essa época em que brinca o carnaval?
- INF: Se diz o caranguejo tá andando.
- INQ: Tem outro nome além desse?
- INF: Não, nós conhecemos por andada de caranguejo.
- INQ: E como se chamam as partes do caranguejo?
- INF: As patas se chama as unhas.
- INQ: Como é que é a unha?
- INF: As unhas são as pernas dele, aí se chama o casco o outro é o corpinho dele mesmo.
- INQ: Mas as unhas são todas elas?
- INF: Todas elas, quer dizer, as maiores umas se chamam as patas grandes.
- INQ: E aquela parte de dentro dele?
- INF: Se chama o peito do caranguejo.
- INQ: E aquele tracinho que tem nele como é que se chama?
- INF: É a boca dele.
- INQ: E como é que se chama aquele caranguejo que tem as patas fininhas e do mesmo tamanho?
- INF: Se chama o caranguejo canhoto.
- INQ: Tem algum outro nome?
- INF: Por enquanto ainda não.
- INQ: Existem um outro nome pra essas partes do caranguejo ou são só essas mesmo?
- INF: Por enquanto só são essas mesmo que eu reconheço.
- INQ: Que tipo de acidente em geral acontece quando tá se pegando o caranguejo?

INF: De repente a gente pode cair na ponta de um pau e se furar, ou então se perder no mangue, ou uma canoa se naufragar são os tipos de acidentes que podemos ter a qualquer momento.

INQ: E como é feito o transporte do caranguejo que é tirado do igarapé?

INF: É colocado no barco pra trazer pra cidade.

INQ: Tem algum nome essas pessoas que trazem?

INF: Não, por enquanto é só caranguejeiro mesmo.

INQ: A quem você entrega ou vende o caranguejo que o senhor pega?

INF: Comprador de caranguejo.

INQ: Como é que se faz pra matar o caranguejo?

INF: Muitos fura ele, outros quebra pra matar o caranguejo.

INQ: E o que é furar, e o que é quebrar?

INF: Quebrar é quando a gente agarra ele e quebra mesmo e o outro agarra a faca e fura na boca dele.

INQ: Em que se cozinha o caranguejo?

INF: A gente às vezes procura uma panela grande.

INQ: Vocês dão algum nome a essa panela grande?

INF: Se chama caldeirão.

INQ: E quanto tempo dura em média o cozimento do caranguejo?

INF: Acho que uns quinze minutos assim. Até porque nós ainda não tivemos uma experiência de quanto tempo dura o caranguejo, mas acho que uns quinze minutos.

INQ: E como é que se chama a parte do caranguejo que se come?

INF: Por enquanto eu ainda não tenho reconhecimento de um outro nome.

INQ: E que nome se dá a pessoa que trabalha tirando o caranguejo de lá do igarapé?

INF: Caranguejeiro.

INQ: Para tirar aquela parte do caranguejo que se come é preciso de algum instrumento especial?

INF: Às vezes usa um garfo, um palito pra catar a carne dele.

INQ: Tem alguma outra coisa, além disso?

INF: Que eu reconheça não.

INQ: E como se chama a parte escura de dentro do caranguejo?

INF: Uns chama da gordura do caranguejo e outro diz que é lama que tem dentro.

INQ: E o senhor acha que é o que?

INF: No certo é a gordura do caranguejo, até porque tem uns que tem a gordura amarela e outros a gordura preta.

INQ: E o que faz essa gordura dele?

INF: É a comida dele.

INQ: E essa parte a gente come a gordura dele?

INF: A gente come, mas tem pessoas que diz que a gordura dele faz mal ao fígado.

INQ: Como é que se faz pra conservar a parte comestível do caranguejo?

INF: Depois de tirando, coloca no saco plástico, no saco de quilo no gelo e ela dura bastante tempo.

INQ: Quantos dias mais ou menos?

INF: Eu não tenho uma experiência sobre essa parte aí, eu não trabalho.

INQ: E como os caranguejos são arrumados para serem vendidos?

INF: Eles são amarrados.

INQ: E tem algum nome quando amarra eles assim?

INF: Não, só amarrada mesmo.

INQ: E você conhece alguma lenda, história ou cantiga que tenha relação com o caranguejo?

INF: Por enquanto não.

INQ: E há alguma festa relacionada com o caranguejo?

INF: Tem o festival do caranguejo

INQ: Em que consiste essa festa, o que tem lá de especial além do caranguejo?

INF: É tipo um aniversário, o festival do caranguejo.

INQ: E como se chama a época em que é proibido tirar o caranguejo?

INF: Olha se chama andada do caranguejo.

INQ: E você conhece essas palavras aqui ligadas ao caranguejo, caranguejo canhoto?

INF: Eu não sei, não reconheço.

INQ: A andada, o que é?

INF: É quando ele tá brincando o carnaval.

INQ: E a banha do caranguejo?

INF: É aquilo preto de dentro.

INQ: E o fel?

INF: O fel que chamam do caranguejo é onde na barriga dele guarda a comida dele.

INQ: E essa comida seria o que?

INF: Seria destruída em fezes dele.

INQ: E o senhor já ouviu essa expressão aqui andar pra trás feito caranguejo?

INF: Já, eu entendo que em vez de uma pessoa tá fazendo uma coisa pra adiantar ela tá atrasando.

**APÊNDICE 15 - Transcrição 14 – JLSC, M, vendedor de caranguejo, 26 anos.
São Luís/MA.**

- INQ: Como se o lugar onde ficam os caranguejos antes de serem pegos?
INF: Mangue
INQ: Como se chama a vegetação que se costuma crescer onde pega o caranguejo?
INF: É o mangue mesmo.
INQ: Tem planta lá?
INF: Tem, mas é só mangue mesmo.
INQ: E como se chama o lugar em que os caranguejos se escondem?
INF: Lama.
INQ: E tem algum lugar mais fundo onde eles vão?
INF: Não, só lama mesmo.
INQ: E como vocês chamam o ato de tirar o caranguejo?
INF: É tirar.
INQ: Tem um outro nome?
INF: Não, é só esse.
INQ: E como é que se faz pra tirar o caranguejo?
INF: Tem que meter o braço no buraco, na lama onde ele entra. Tem que ir longe, bem fundo mesmo.
INQ: E para pegar o caranguejo as pessoas usam alguma roupa especial, algum instrumento?
INF: Tem só umas roupas feitas de saco de nylon.
INQ: E essa roupa é o que?
INF: Uma camisa grande que eles faz.
INQ: E que nome que se dá a pessoa que trabalha tirando o caranguejo no mangue?
INF: Tirador que eles chamam aqui.
INQ: Tinha outro nome?
INF: Não, só esse.
INQ: Você sabe se o caranguejo é conhecido por outro nome?
INF: Não.
INQ: E a fêmea do caranguejo, como é que ela se chama?
INF: Cangurua.
INQ: Tem algum outro nome que chama ela também?
INF: Os mais velhos chamam de puta.
INQ: E o macho recebe algum nome especial?
INF: Não, só guaiamum, são os maiores.
INQ: E os filhotes pequenininho?
INF: Não, são só caranguejo mesmo.
INQ: Depois que o senhor pega o caranguejo qual a primeira coisa que se faz?
INF: Bota no cofo.
INQ: Que é feito o cofo?
INF: Palha de buriti.
INQ: Ele é mais ou menos de que tamanho?
INF: Uns trinta centímetros.
INQ: Cabe quantos caranguejos mais ou menos nele?
INF: Cabe uns trinta, quarenta conforme o tamanho do cofo porque cada um faz um tamanho.
INQ: E quanto tempo o caranguejo vive?

INF: Uns três dias.

INQ: Depois que se tira lá do mangue?

INF: Isso.

INQ: E lá, o senhor sabe quanto tempo ele vive?

INF: Não.

INQ: E quais são as fases de crescimento do caranguejo?

INF: Quando ele muda o casco, porque ele muda e cresce, o casco fica de outra cor.

INQ: E muda de cor esse casco?

INF: Muda, muda.

INQ: Como é que é?

INF: Quando ele é novinho ele tá assim meio branco, aí ele enferruja e fica uma cor bem escura aí ele muda, fica azul.

INQ: E qual é a melhor época pra se pegar caranguejo?

INF: Não tem época específica não.

INQ: E como se chama em que há mais caranguejo no mangue?

INF: Essa eu não sei.

INQ: E como se chama a época em que as fêmeas têm os filhotes?

INF: Também essa não existe, nem os mais velhos sabe dessa, porque é só uma coisa que não dá pra saber assim.

INQ: Há alguma época em que é proibido pegar o caranguejo?

INF: Desova, é o tempo que as fêmeas tão em acasalamento, é desova que eles chamam aqui.

INQ: Tem outro nome?

INF: Não.

INQ: E como se chamam as partes do caranguejo?

INF: É casco, é unha, as patas, o peito que é a parte deles de fora, que chamam peito do caranguejo.

INQ: Me fale um pouquinho de cada uma delas, o que é a unha, o que é a pata?

INF: Unha é aquelas bem sequinhas aquelas que tem menos carne e pata é aquela bem grossa, o casco dele é aquele que cobre todo, tudo que tem dentro, coração tudo fica dentro daquilo e o peito tem muita carne.

INQ: Como é o nome do caranguejo que tem as patas finas e do mesmo tamanho?

INF: São os canhotos que chamam.

INQ: Existem outros nomes pra essas partes do caranguejo além dessas?

INF: Não, não.

INQ: Que tipo de acidente em geral acontece quando se está pegando o caranguejo?

INF: Corta muito a mão.

INQ: Por quê?

INF: Porque quando eles aperta, se você apertar e puxar corta, porque a tendência é essa... pega e a gente puxa e fere mesmo, as menores furam muito.

INQ: E as maiores, elas também causam problemas?

INF: Com certeza, porque elas apertam muito.

INQ: E como é feito transporte do caranguejo que é tirado do mangue?

INF: De lancha.

INQ: Tem algum nome pra que traz de lá pra cá, como vocês chamam?

INF: São os tirador.

INQ: A quem que se entrega o caranguejo quando vem de lá?

INF: No caso o atravessador.

INQ: Quem é o atravessador?

INF: No caso eu e ele, atravessador e vendedor dá na mesma coisa.

INQ: E como se faz pra matar o caranguejo?

INF: É fácil, tem uma parte dele que fura com a faca aí ele morre rápido.

INQ: Como é que se chama essa parte?

INF: Fel.

INQ: E o que é o fel?

INF: É uma parte que ele tem embaixo na parte do peito dele.

INQ: É a parte do peito?

INF: É ou no olho também, no meio entre um olho e outro também mata.

INQ: Qual é o nome dessa parte que fica bem no meio dos olhos?

INF: Não tem.

INQ: E onde é que se cozinha o caranguejo, em que?

INF: Nas panelas grande, é só botar água e deixar ferver e jogar ele vivo e pronto, ele morre.

INQ: Quanto tempo é que dura o cozimento dele?

INF: Uns vinte minutos.

INQ: E como é que se chama a parte do caranguejo que a gente come?

INF: É o peito.

INQ: Eu já vi na feira um saco onde tem também.

INF: As patas, são as patas, eles quebram só as grandes.

INQ: E já vi um que só tem uma carinha branca também

INF: São as pernas menores que eles têm, aí tira, aquilo daqui é a carne e a outra são as patas.

INQ: E essa carne branca tem algum nome também?

INF: Não, não só carne mesmo.

INQ: Para tirar a carnezinha branca do caranguejo vocês usam algum instrumento?

INF: Só uma colher, só alguma coisa que quebre mesmo o casco dele.

INQ: E como se chama aquela parte escura que fica dentro do caranguejo?

INF: Chama-se a gordura dele.

INQ: Tem algum outro nome?

INF: Não.

INQ: E essa parte as pessoas comem?

INF: Comem.

INQ: Tem gosto de que?

INF: Ela é meio amarga assim, mas não tem gosto específico.

INQ: Mas come ela pura ou come ela misturada?

INF: Com farinha, com qualquer outra coisa, vinagretzinho.

INQ: Como é que se conserva aquela parte comestível do caranguejo até ela ser vendida?

INF: Com congelador, tudo é no congelador, não presta ficar fora do congelador... ela estraga.

INQ: Aí dentro do congelador ela dura quanto tempo?

INF: O tempo necessário que quiser ela fica bastante tempo.

INQ: Mais ou menos quanto tempo assim? Dias, meses?

INF: Acho que só uns dois meses.

INQ: E como os caranguejos são arrumados para serem vendidos?

INF: É porque ele vem em cofo, amarra três três, depois lava e une dez cambo e bota pra vender.

INQ: O que é o cambo?

INF: O cambo são três caranguejos amarrados.

INQ: E tem outro nome?

INF: Cambo, cambada.

INQ: E você conhece alguma lenda, história ou música que tem relação como caranguejo?

INF: Não.

INQ: Tem alguma festa relacionada ao caranguejo?

INF: Tem. Aqui tem a festa do caranguejo que eles fazem todo ano, três de janeiro.

INQ: Por que três de janeiro?

INF: Também não sei. É tradição dos mais velhos.

INQ: A festa tem algum nome especial?

INF: Só festival do caranguejo mesmo.

INQ: E como se chama a época que se tira o caranguejo do mangue?

INF: Desova.

INQ: Eu vou te perguntar se você conhece essas expressões aqui pra vê se tu conheces alguma. Caranguejo canhoto?

INF: Conheço, é o que tem as patas iguais, as patas grossas iguais.

INQ: E andada, o que é andada?

INF: É quando ele tá andando e fica fácil de pegar ele, chega lá no mangue eles tão andando assim no período de carnaval.

INQ: E nesse tempo que ele tá andando no mangue tu podes pegar?

INF: É facinho de pegar, é a época que eles mais pegam.

INQ: A banha do caranguejo, o que é?

INF: É aquela gordura escura que fica, aquela gordura preta que fica no casco dele.

INQ: E o que é o fel?

INF: É aquilo que eu falei que fica debaixo do peito.

INQ: Como faz pra encontrar esse fel?

INF: É só virar o caranguejo pra olhar embaixo do caranguejo.

INQ: Aí depois eu faço o que, abro, quebro?

INF: Depois dele cozido porque se for vivo ele morre.

INQ: E tu conheces essa expressão andar para trás feito caranguejo?

INF: Conheço, eu entendo como normal pra mim é superstição.